

Guebuza e Dhlakama façam as pazes e deixem o povo em Paz!



Destaque PÁGINA 14-17

Caro leitor

Pergunta à Tina...

Tudo o que precisas de saber sobre
saúde sexual e reprodutiva

SMS
90441

ou E-mail:
averdademz@gmail.com

SOCIEDADE 07



Apocalypse Now em Mucucune



Sociedade PÁGINA 06



A Mamusca do basquetebol

Desporto PÁGINA 22-23

Para estar sempre
actualizado sobre o que
acontece no país e no globo
siga-nos no

twitter.com
@verdademz

@manaknys RT @verdademz: Nossa cobertura da situação de #guerra em #Moçambique em tempo real em verdade.co.mz/tema-de-fundo/...

@TheRealWizzy Os meus irmaozinhos... RT @verdademz: Desnutrição crónica mata 80 mil crianças em #Moçambique

@Zerinho_b4 Se calhar mal se alimentam os homens da #RENAMO juntamente com o seu líder @dlhakama onde estão "perdidos". Que haja solução !!!! @verdademz

@FredyBlaezer @verdademz ho verdade! Revela me uma verdade. Zona CENTRO é Moçambique?

@TheRealWizzy Pois como sempre... RT @verdademz: Simango divaga na abertura da última Sessão da Assembleia Municipal de #Maputo verdade.co.mz/destaques/demo...

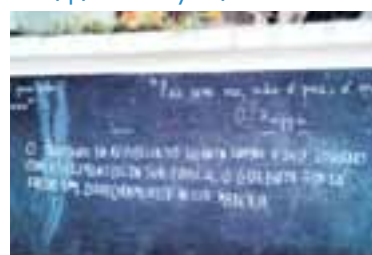
@xwit_nara "@verdademz: RT @DemocraciaMZ: Acaba de ser sequestrada uma senhora nas proximidades da escola portuguesa em #Maputo" OMG :(

@MontanadaNice @verdademz "A melhor forma de abater o inimigo é tornar se #Amigo".

@hipolitomachaie @verdademz @DemocraciaMZ A

situacao politica do pais esta a transitar de mal a pior.

@jaancornelius Klasse! Tafel der Wahrheit von @verdademz: "Der ugandische Präsident hat seine Regierung aus 13... [instagram.com/p/fnN5leLyH8/](https://www.instagram.com/p/fnN5leLyH8/)



@bobbykamazu @verdademz ,veja muita criançada levando pa além da sacola escolar,mais uma cadeira plastica,por falta de carteira na escola ,ate quando?

@TheRealWizzy Sigam a @verdademz e fiquem a par de todas as infos de Moz e fora. #cc @OficialWizzy

@Muinotaq @verdademz Desportivo perdeu 4 -0? Nao ha nenhum engano?

@verdademz RT @VirgilioDengua: distribuição d' @verdademz em #Nampula pic. twitter.com/4towzH8YeZ



Editorial

averdademz@gmail.com

Um guerra que não queremos

É preciso olhar para os rostos das flores que nunca murcham para compreender que o solo desta pátria não precisa de mais sangue. O olhar cansado de uma anciã, que nos chega pelos ecrãs da Televisão Independente de Moçambique, lembra o quão triste foi a guerra dos 16 anos. As perguntas que não querem calar, num rosto calejado pelo sofrimento, são eloquentes: “Ninguém se importa com o que se passa com os moçambicanos que vivem nesta parte do país, nem com as bombas que arrasaram as nossas casas, nem que voltem a morrer os nossos filhos. Ninguém fez alguma coisa para impedir essas mortes, nem para nos ajudar a reerguer o que perdemos naqueles 16 anos de guerra”, dizia desesperada uma anciã que fugia do centro da tensão dirigindo-se para um destino incerto na cidade da Beira.

A mulher e o seu esposo acabavam de conseguir uma boleia para deixar Gorongosa para trás. Levavam penosamente nos troncos cansados os poucos pertences que conseguiram carregar e juntar ao longo da vida. E deram imediatamente o rosto às câmaras de televisão, necessitados de contar o seu drama. “Isto tem de parar”, repetiam.

“O que será de nós de agora em diante?”, perguntam duas mulheres que estavam com cinco crianças. Os esposos tinham ficado atrás, incorporados nas fileiras dos guerrilheiros da Renamo.

Os depoimentos desta gente desesperada, sem eira, nem beira, recordam histórias tristes do passado e que já estavam esquecidas. Uma era onde o Governo e a Renamo trocavam tiros que decepavam os sonhos deste povo, na qual minas interrompiam futuros e a terra recebia cadáveres. É isso que transmitem essas pessoas que deixam o aconchego do lar. Elas não querem ver novamente crianças mortas, algumas irreconhecíveis, com a cara destrocada ou sem cabeças. É isso que devemos contar às novas gerações para que todos se lembrem dos efeitos nefastos da guerra e exijam que se acaba com a barbárie.

Vendo o rosto daquela gente sofrida e que vive do que a terra dá é complicado não se deixar engravidar pela revolta. É impossível não sentir uma raiva tremenda de quem colocou o país nesta encruzilhada. É desesperante compreender que houve um diálogo que não resolveu nada e que até desembocou no empobrecimento de moçambicanos. Esses rostos anónimos que deixam tudo o que têm para viver mais um pouco. Essas pessoas que sempre viveram no campo e do campo e que agora têm de tentar ganhar a vida nos grandes centros urbanos, onde é possível fugir da morte, mas também é certo abraçar a fome e a penúria. Onde será necessário construir uma nova teia de mecanismos de sobrevivência para não perecer nas engrenagens próprias de um meio que não escolheram.

E são idosos. Pessoas de quem poderíamos deduzir que já não há muitas coisas há perder. Ainda assim, fogem das agruras da morte. E serão eles, com certeza, que cuidarão dos órfãos. Ou seja, depois dos 16 anos e das suas mazelas, pretendemos construir um país de órfãos, no qual as raparigas se prostituem e os adolescentes viram larápios? A guerra tem de deixar de desestruturar as nossas famílias.



Boqueirão da Verdade

“Estive aqui a ler os discursos da Presidente do Parlamento Verónica Macamo e da chefe da bancada da Frelimo Margarida Talapa. Cheguei a duas conclusões rápidas. Alguém deve informar a estas duas formosas senhoras que elas têm maridos e que o senhor Armando Guebuza é casado! Assim também não dá...”, **Matias de Jesus Júnior**

“Já agora, acho o silêncio dos nossos juristas seniores extremamente preocupante. Os atropelos ao espírito das nossas leis não lhes preocupam? Em suma, o argumento dos que apoiam a medida – se o reconstruí bem aqui – parece-me fraco. E repito: eu acho que o treinador foi muito malcriado. Mas ser malcriado não é crime em Moçambique, logo, não existe nenhuma base jurídica para esta decisão. Aceitar esta medida é aceitar a arbitrariedade, algo que me parece muito problemático”, **Elísio Macamo**

“A manipulação política da Polícia para perseguir e deter membros da oposição, com maior incidência nos membros do MDM, viola as liberdades políticas e não é bom para a democracia. O partido no poder tem de começar a perceber que não estamos na era de transição (1974). O partido no poder usa a violência e sistematicamente manipula os agentes da Polícia para intimidar a oposição. A violência política e brutal promovida pelos partidários da Frelimo mina a concórdia nacional que se pretende em Moçambique”, **Lutero Simango**

“Neste 17 de Outubro, o nosso partido vai reforçar a sua estratégia. É muito provável que muito brevemente com a queda deste regime, o país seja dividido em estados federados como sempre defendemos para que sejam salvaguardadas as riquezas de Moçambique para beneficiar mais os Estados emergentes onde essas riquezas se encontram”, **Rahil Khan**

“Sentimos que fomos traídos pela Frelimo aquando da assinatura do Acordo Geral de Paz, por isso agora assistimos a assaltos às sedes de partidos políticos, bandeiras queimadas, património destruído a mando do Presidente da República e com a cumplicidade hipócrita da comunidade internacional que vê, ouve e cala-se”, **Idem**

“Parece que a TVM anda alheia ao momento (político) conturbado que o país vive, ao abrir o noticiário com apelos do Presidente da República sobre a afluência às urnas no dia 20 de Novembro próximo (ainda faltam 31 dias), ao invés de relatar a triste realidade que o povo vive no distrito de Gorongosa. Tudo gravita em torno do Presidente, o soberano, o supremo, o imaculado, aquele sem o qual a TVM não tem notícia e Moçambique não existe”, **Orlando Chirrinze**

“Na base daquilo que sei de Samora através do seu pensamento e actuação na luta armada de libertação, onde se forjou a ideologia da Frelimo e depois na independência, onde o novo Estado começou a ser construído, posso imaginar o seguinte: Samora chegaria e perguntaria como é que as coisas estão. Se perguntasse a mim, diria que tudo está bem cama-

rada Presidente, porque ultimamente o povo está a ser formatado para avaliar as coisas sempre pela positiva”, **Jorge Rebelo**

“O aparelho estatal está infestado por esse tipo de gente porque as pessoas são escolhidas na base da sua capacidade de lamber as botas do chefe. Todos nós assistimos a isso. Basta abrir alguns jornais. Mas esses que escrevem são encomendados. Recebem instruções para defenderem algumas ideias nas linhas de orientação e aceitam. Mas os bajuladores estão a empurrar o país para o abismo. Pelo que apelo a essas pessoas para que deixem de serem bajuladores e guiem-se pelo seu pensamento natural porque isso retira-lhes a sua dignidade”, **Idem**

“Já imaginou o que o termo lambe-botas significa? Estar sempre a bajular retira ao indivíduo alguma dignidade e retira a visão do chefe porque fica sem saber o que é bom e o que é mau porque eles continuarão a dizer que tudo está bom para manter as mordomias. Mas, por outro lado, a culpa é do próprio chefe porque ele é que alimenta esses bajuladores”, **Ibidem**

“A situação que se vive em Sathundjira é deveras preocupante, perigosa e de consequências imprevisíveis. Isso envergonha a nossa Paz, tão pomposamente celebrada a 4 de Outubro. Desde o dia 17 de Outubro que a passagem naquele troço é condicionada. Somos testemunhas do que falamos porque vivemos na carne e osso as torturas psicológicas a que estão sujeitos os membros da RENAMO que por lá passam”, **Fernando Mazanga**

“O facto de o actual Presidente da CNE (Comissão Nacional de Eleições) ter sido proposto não por um dos sujeitos indicados pela lei, pertencentes à sociedade civil, mas sim por um indivíduo singular (o antigo Presidente de mesmo órgão e antigo Reitor da Universidade Eduardo Mondlane, Brazão Mazula), demonstra a inconsistência do aparato legislativo moçambicano, nesta fase extremamente crítica e delicada que o país está a atravessar”, **Lucas Bussoti**

“Entretanto, a situação efectiva da liberdade de imprensa piorou bastante nos últimos dois anos, e nomeadamente a seguir ao Congresso de Pemba da Frelimo. () A estratégia usada tem sido de dupla natureza: por um lado, o controlo directo da comunicação social pública, ou seja, do diário “Notícias”, do semanário “Domíngio”, da emissora televisiva mais antiga e difusa do país, a TVM, e da própria Rádio Moçambique”, **Idem**

“Por outro, o controlo indirecto da comunicação social independente, com vários meios: a aquisição, por parte de sociedades anónimas mas controladas pela Frelimo, das quotas de maioria desses jornais, infiltrar pseudo-colunistas nesses órgãos para diluir o seu potencial crítico, cortar os anúncios das sociedades públicas, tais como EDM, MCEL e outras, de maneira a reduzir as capacidades financeiras da Imprensa privada e obrigá-la a tornar-se mais ‘obediente’ ou a fechar de vez”, **Ibidem**

OBITUÁRIO:

D. Bernardo Filipe Governo
1939 – 2013
74 anos



A comunidade cristã na província da Zambézia está de luto. Morreu, no último domingo (20), o arcebispo da Diocese de Quelimane, D. Bernardo Filipe Governo, aos 74 anos de idade, vítima de doença prolongada.

À data da sua morte, D. Governo encontrava-se internado no Hospital Provincial de Quelimane. Ele nasceu a 21 de Janeiro de 1939, no distrito de Namacurra, posto administrativo de Macusse, localidade de Mucelua, na província da Zambézia, onde fez os estudos primários até à 2ª classe.

D. Governo foi baptizado a 24 de Dezembro de 1950. Em 1953, ingressou no Seminário de Zobwé e passou para Lourenço Marques, actual cidade de Maputo, onde concluiu o nível médio do ensino secundário geral.

Em 1965, seguiu para Itália e no ano seguinte começou a estagiar nos Frades Capuchinhos. Exerceu a sua primeira profissão a 20 de Agosto de 1964 e ascendeu a sacerdote em 1966. Foi ordenado padre em 1969 e posteriormente bispo em 1976.

Em Novembro do mesmo ano, D. Governo regressou a Moçambique e foi afecto à Missão de Mocuba. Um ano depois foi-lhe atribuída a responsabilidade do Catequisado de Namacurra e de superior da Missão de Coalane, em Quelimane. Em 1976 foi nomeado Bispo da Diocese de Quelimane e cessou funções em 2007, por motivos de doença.

Enquanto religioso, recusou o convite do veterano da Frelimo, general Bonifácio Gruveta, para se juntar ao então movimento de libertação nacional, preferindo dedicar-se à vida das comunidades onde trabalhava na província da Zambézia.

Por causa da doença, há muito tempo que D. Bernardo não participava nas reuniões da Conferência Episcopal de Moçambique.

Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.

Armando Guebuza

Hoje parece que ninguém tem dúvidas de que o Chefe de Estado, Armando Emílio Guebuza, com a sua arrogância e ' vaidadezinha' política está empenhado em empurrar o país para um abismo sem precedentes. No entanto, os nossos leitores, que não são cidadãos desatentos, atribuíram ao Presidente da República a mais alta distinção dos últimos tempos no que respeita à falta de sensatez: a medalha de ouro de "Xiconhoca da Semana". Tudo porque o PR continua indiferente ao sofrimento do povo e à opinião pública, ordenando ataques armados no centro do país. E, como se não bastasse, continua a emitir esgares nas suas dispendiosas "Presidências Abertas".

Afonso Dhlakama

O auto-crisnado pai da Democracia moçambicana, Afonso Dhlakama, por sinal o líder da Renamo, perdeu as estribeiras. Agora exige o fim da "perseguição militar" de que é alegadamente alvo para retomar as negociações com o Governo. Os nossos leitores questionam: "Porque não pensou nisso muito antes?". Não há dúvidas que, à medida do envelhecimento, o senhor Dhlakama vai-se mostrando cada vez mais politicamente fragilizado e incapaz de perceber que o seu partido já começa a cheirar a mofo.

Comandante da FIR em Sathunjira

Definitivamente, não somos um país sério, como ousou dizer um cidadão de nacionalidade portuguesa. Por alguma carga de água, ao senhor Amade Hasane foi confiado o comando da Força de Intervenção Rápida (FIR) em Sathunjira. O Xiconhoca em alusão é uma pessoa de conduta duvidosa, uma vez que foi condenado a 19 anos de prisão por tráfico de drogas. Além disso, há relatos segundo os quais o indivíduo protagonizou desmandos por onde passou. Porém, as autoridades governamentais moçambicanas decidiram confiar nessa figura para chefiar uma unidade paramilitar da PRM. Palavras para quê, não é mesmo?

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 90440, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 2A8BBEFA) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.



Xiconhoquices

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

Linhas Aéreas de Moçambique

Fazendo jus à realidade "orgulhosamente sozinha no mercado", as Linhas Aéreas de Moçambique decidiram meter a mão no bolso dos moçambicanos. Ou seja, a nossa companhia de bandeira – se é que podemos considerar nossa – está a aproveitar-se da situação de instabilidade política que se vive na zona centro país para praticar preços exorbitantes. A título de exemplo, os bilhetes de Maputo para Quelimane que custavam entre 4.300 meticais e 6.200 meticais, presentemente custam entre 8.500 meticais e 11.200 meticais. A mesma situação verifica-se na rota Nampula/Maputo, na qual, antes dos ataques armados nos distritos de Gorongosa e Marínguê, o preço do bilhete variava entre 5.700 meticais e 7.200 meticais, agora chega a custar entre 9 mil e 13.750 meticais.

Sem dúvidas, trata-se de uma atitude vil, vergonhosa, repugnante e oportunista. São situações desta natureza que retardam o desenvolvimento socioeconómico do nosso país. A ânsia e a insensibilidade provocadas pelo lucro estão a cegar os gestores daquele único meio de transporte que pode garantir a ligação entre a zona sul ao norte do país neste momento em que a situação não é das melhores. Uma companhia com esse comportamento não devia merecer a confiança dos moçambicanos. Não nos espanta o facto de a

mesma frequentemente constar na lista negra da União Europeia. Quanta Xiconhoquice!

Campanha anti-Samora

O endeusamento da figura do Presidente da República, Armando Guebuza, já começa a roçar o ridículo. Depois de sucessivas e massificadas campanhas de idolatria ao Chefe de Estado, agora lançou-se uma campanha há algum tempo contra o primeiro Presidente de Moçambique independente, Samora Machel, e os seus aliados não negros. Encabeçada pelo general na reserva, Silvestre Nungu, a acção indecorosa visa desacreditar Samora e os ideais progressistas e revolucionários que a Frelimo um dia teve. Samora Machel é uma figura incontornável na história deste país. Tentar desacreditá-lo é, na verdade, um exercício doentio de indivíduos desprovidos de neurónios. É tentar apagar a história de um povo e de uma nação. Ao invés de se prestar a tamanha Xiconhoquice, o cidadão Silvestre Nungu devia ocupar-se e cuidar, ao jeito do que fazem todos os indivíduos na terceira idade, dos seus netos e também encontrar, nas últimas páginas dos jornais, as palavras cruzadas, enquanto aguarda o passar do tempo.

Infelizmente, os órgãos de informação oficiosos dão muita visibilidade a essas meticulosas análises estupidificantes e aos seus respectivos analistas, ao invés de trazer o dia-a-dia, as inquietações, as dificuldades, as conquistas dos homens, das mu-

lheres espalhados por este país que dia e noite enfrentam duros combates para sobreviverem.

Assalto à base da Renamo

Quem fala de paz não demonstra violência. Mas os factos têm mostrado o contrário. O Governo de turno canta, de dia e de noite, a necessidade de se manter a paz no país, porém, é o primeiro a usar a violência contra os moçambicanos. Não se sabe com que intenção é que o Presidente da República, o Comandante-em-Chefe, ordenou aos soldados das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM) e agentes das Força de Intervenção Rápida (FIR) que tomassem de assalto a base da Renamo, local onde se encontrava a residir há um ano o chefe daquela segunda maior força política de Moçambique.

O líder da Renamo e os seus homens abandonaram o local e refugiaram-se na mata, abrindo precedentes para uma instabilidade política. Os militares governamentais tomaram o controlo da área e destruíram as habitações de construção precária que ali estavam edificadas. O Governo diz que o mesmo foi em resposta aos diversos ataques que a Renamo tem protagonizado contra as Forças de Defesa e Segurança, sendo que o último teria sido no final da manhã da segunda-feira (21).

Duas crianças, dois destinos

Verdades incómodas: as estatísticas mostram um país profundamente desigual. Veja aqui os perfis de uma criança do Sul e outra do Norte, visualizados através de dados oficiais recentes.

Texto: WLSA • Ilustrações: Zacarias Chemane

NTSUMY

Olá, chamo-me Ntsumy. Eu e a Mariamo somos primas. Nascemos no mesmo ano, 2007, em províncias diferentes. Queremos contar-vos as nossas histórias de vida.

Tenho seis anos de idade. Nasci na cidade de Maputo, num centro de saúde com assistência de um médico e uma parteira. Como eu, praticamente todos os bebés na capital nascem num hospital, contrariamente a Cabo Delgado, onde sete em cada dez crianças nascem em casa sem assistência médica, com os riscos que isso comporta.

Sou a terceira e provavelmente a última filha. Para os meus pais, ambos funcionários públicos, seria bastante caro ter mais filhos: casa maior, custos de educação, roupa, férias. Três filhos por casal é a média em Maputo. Em Cabo Delgado, onde nasceu a minha prima Mariamo, a média é de sete filhos.

Nasci seronegativa. Mas em 2012 nasceram 14 mil bebés seropositivos em Moçambique. Muitos não vão sobreviver. Num universo de 100 mil crianças com HIV, que precisam de tratamento antiretroviral, sete em cada dez não têm. É triste esta realidade!

Todos os dias a minha mãe dá-me uma fruta e uma alimentação equilibrada. Assim, não vou fazer parte do alto número de crianças com subnutrição crónica: duas em cada dez em Maputo e cinco em cada dez em Cabo Delgado. Uma criança subnutrida não tem bom desempenho na escola. Isso é mau!



Sou sortuda por ter televisão, rádio e jornal em casa - quase metade das moçambicanas não tem acesso a nenhum destes meios, com grandes diferenças entre as províncias. Embora o rádio seja mais popular, 70 em cada 100 mulheres em Cabo Delgado não têm acesso, contra 50 em Maputo. Quase 16 por cento das mulheres em Maputo têm acesso aos três meios pelo menos uma vez por semana, contra dois por cento em Cabo Delgado. Como é que elas estarão informadas?

Sei que caminharei num mundo perigoso quanto ao HIV porque contrariamente ao que se pensa, a seroprevalência é maior entre as pessoas das cidades, as mais ricas, e com nível superior, tal é o caso de Maputo. Entre as províncias, Gaza tem a taxa mais alta, sendo que três em cada 10 mulheres são seropositivas, contra uma em cada 10 em Cabo Delgado.

Na minha futura família, espero participar na tomada de decisões, relacionadas com cuidados da minha saúde, fazer compras para o lar e visitar familiares e amigos. Terei mais opções que a Mariamo: em Cabo Delgado, três em cada dez mulheres participam nestas decisões, contra oito em cada dez em Maputo.

Anseio formar-me em direito. Poucas amiguinhas me vão acompanhar no caminho universitário: em Maputo, apenas sete mulheres em cada cem concluem o ensino secundário. Em Cabo Delgado é pior: apenas uma em cada cem mulheres completa o secundário. Será que a minha prima conseguirá formar-se também?

Vou adorar ter filhos mas só depois de estudar, e com parto no hospital. Assim espero não ingressar nas chocantes estatísticas da mortalidade materna: 10 moçambicanas morrem por dia durante a gravidez ou parto. São 3.500 mortes por ano; muitas poderiam ser evitadas com melhores serviços de saúde. Até quando vamos continuar a morrer por dar à luz?

Sociedade

MARIAMO

Olá, chamo-me Mariamo. Na página anterior conheceram a minha prima Ntsumy. Aqui vão conhecer a história da minha vida. O meu pai é professor de escola primária, a minha mãe é camponesa. Nasci em Cabo Delgado.

Os meus pais cuidam bem de mim. Estou protegida contra muitas doenças porque tenho todas as vacinas básicas. Obrigada, pais! Que pena, só quatro em cada seis crianças na minha província têm todas as vacinas. Sabiam que uma criança de Cabo Delgado tem três vezes mais probabilidade de morrer antes dos cinco anos que uma de Maputo?

A malária mata mais crianças moçambicanas do que qualquer outra doença, mas estou bem protegida desde a barriga da minha mãe. Ela, assim como 62 por cento das grávidas em Cabo Delgado, tomou medicamentos anti maláricos durante a gravidez. Durmo em baixo numa rede mosquiteira, tal como mais da metade das crianças da província.

Gosto de visitar a Ntsumy em Maputo, porque ela tem casa de banho com autoclismo, como 27 por cento dos lares na capital, enquanto 74 por cento tem latrinas melhoradas. É giro apertar um botão e a água sair! Em Cabo Delgado, 63 por cento dos lares tem latrina não melhorada e 30 por cento não tem latrina, usam o mato.

Os meus pais insistem em que eu devo concluir o ensino primário e secundário. Serei uma excepção na província de Cabo Delgado, onde duas em cada cem raparigas estão alfabetizadas, enquanto em Maputo quase todas as mulheres sabem ler e escrever (85 por cento). A Ntsumy tem mais possibilidades de chegar a ser advogada. Mas eu vou tentar, quero ser jornalista para denunciar as desigualdades sociais.

As vezes ouço as vizinhas comentarem que os maridos batem nelas. Um terço das moçambicanas disse sofrer violência conjugal. Pior, quase metade das mulheres na minha província concordam com pelo menos uma razão que justifica que o homem bata na esposa: queimar a comida, discutir com o marido, sair sem informar, não cuidar bem das crianças, ou recusar-se a manter relações sexuais. Eu não concordo. E vocês?

Na minha turma de amiguinhas, as mães queixam-se dos problemas em levá-las ao posto de saúde: para 81 por cento o problema é o dinheiro e para 77 por cento a distância, 65 por cento têm dificuldade em ir sozinhas, e 44 por cento em obter permissão. Puxa, está difícil sobreviver em Cabo Delgado!

A minha mãe disse que quatro filhos chegam. Ela é uma excepção na província onde, em cada cem mulheres, apenas três usam um método anticonceptivo moderno. Não é de estranhar que continue alta a fecundidade do meu país!

Em Cabo Delgado, cinco em cada dez raparigas são mães antes dos 19 anos, contra duas em cada dez em Maputo. Mas não eu! Eu quero estudar e brincar. Uma criança não deveria ser mãe. O meu pai disse que os ritos de iniciação levam ao sexo, casamento e gravidez precoce. Não me manda ali, não, senhor. Veja só, uma em cada três raparigas no norte de Moçambique casou-se antes dos 18 anos, e a maioria delas abandona os estudos.

O HIV preocupa-me. Embora lentamente estejam a reduzir as infecções em Moçambique, o número de mulheres e jovens infectadas não diminui. No ano em que eu nasci, 56.000 mulheres contraíram HIV, número igual ao de 2010. Aahe! Eu vou fazer sempre sexo seguro. Melhor ainda, vou arranjar um marido fiel.

Há poucas oportunidades de emprego feminino em Cabo Delgado fora da agricultura, que ocupa nove em cada dez trabalhadoras. Vejo as mães das minhas amiguinhas a capinarem duro na machamba, mas apenas três por cento são pagas em dinheiro, 27 por cento em espécie, e 62 por cento não tem remuneração. É injusto!

DADOS RÁPIDOS

- A esperança de vida de Ntsumy e Mariamo é de 52 anos.
- As províncias da Zambézia, Nampula e Cabo Delgado têm as maiores necessidades em saúde, mas os menores orçamentos de saúde;
- Uma em cada 100 mulheres fuma contra 20 dos homens;
- Na cidade de Maputo duas em cada dez trabalhadoras são empregadas domésticas;
- Nas cidades, 14 por cento das mulheres não sabe se tem uma co-esposa.
- Só 60 por cento das meninas e dos meninos inscritos concluem o ensino primário

FONTES:

Instituto Nacional de Estatística:
- Inquérito Demográfico e de Saúde (IDS), 2011
- Inquérito Nacional do HIV/SIDA (INSIDA), 2009
ONUSIDA, Progress Report, 2013

Em Mucucune Deus diminuiu as bênçãos

Cada vez que contemplo, de longe, a paisagem dominada intensamente pelos coqueiros, salta-me à retina o Apocalipse Now, filme de ficção realizado por Francis Copolla, tendo como actor principal o soberbo Marlon Brando. Mucucune fica do outro lado da cidade de Inhambane, em direcção ao ponto onde nasce o sol. Para lá se chegar tem que se atravessar a baía, ou de barco, em tempo de maré cheia, ou a pé, quando a maré está vazia. É um local de mito. Uma ilha que não parece devido às suas características geográficas. E em tempos, já foi um maná de marisco, porém, hoje, citando as palavras sábias de Momad Abdul Uhabo Aly, mais conhecido por Momad Wa Simbo, aqui já não há tanto produto do mar. “Deus diminuiu as bênçãos”.

Texto & Foto: Alexandre Chaúque

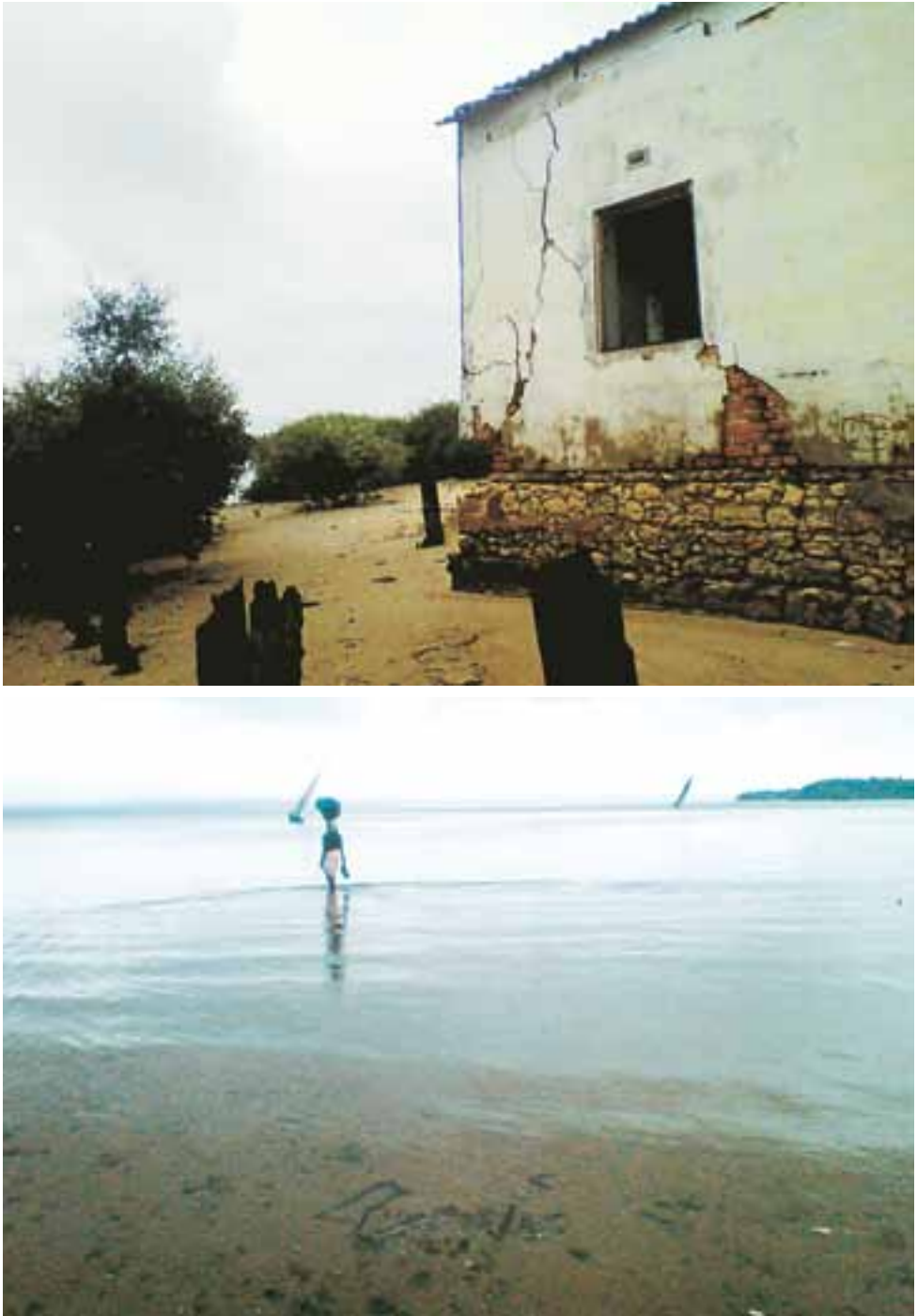
Nunca consegui reprimir a vontade de lá ir outra vez, depois de ter estado nos finais da década de sessenta. Primeiro porque queria sentir novamente o prazer de atravessar, não importa como, ou a pé ou de barco, o retorno espiritual é o mesmo. Depois, aquele lugar esteve sempre cheio de enigmas. Parece haver algumas coisas da sua existência não muito bem esclarecidas, ou mal contadas, e outras contadas com mais um ponto acrescido. Mas isso é como a própria história, como diz Albertina Bessa Luís, é uma ficção controlada.

Decidi empreender a viagem, mais espiritual do que física, na manhã do último sábado, com um bloco de notas na minha sacola de palha (*guikupa*, em *bitonga*) e um *smartphone* da Movitel no bolso para fazer as fotos, mesmo sabendo que esta maquina não me vai oferecer a amplitude de imagem que gostaria de ter. Mas também não posso fazer nada porque só tenho esta *bugiganga*.

Não sei exactamente quais são os dados que devo colher em Mucucune. Para além de Momad Wa Simbo, não sei com quem mais vou falar. Quer dizer, sou movido por um espírito de descoberta, e descobrir alguma coisa pode criar-nos uma desilusão, ou dar-nos um prazer sem medida. Como agora que chego à margem do lado de cá da cidade e vejo que não há água na baía. Os barcos foram retirados para onde possam continuar a navegar, ou ancorados à espera que a maré volte a encher. São quase 09h.30 da manhã e eu não preciso de arregaçar os calções, senão tirar as sandálias de camurça barata para vestir a terra molhada com os pés nus.

Estou sozinho, e as nuvens são benevolentes, tapam o sol para não me queimar a cabeça. Dou costas à urbe que me acolhe desde que saí do ventre da mulher minha mãe e, atrás de mim, logo ali, deixo o matadouro instalado num edifício que não vai ser mais do que um escombros anunciado. Ainda às minhas costas, estende-se uma fila de casebres desgraçados, cujos habitantes sofrem em tempos de marés equinociais (*maguluti*, em *bitonga*), sem poderem fazer nada para retirar a água que invade as suas habitações. Ciclicamente. E eles continuam ali não sei porquê. Mesmo assim, o panorama paisagístico que se escancara em toda a minha volta, como uma mulher que me envolve com amor e carinho, é esplendoroso. Caminho negligentemente com a minha *guikupa* a tiracolo, deliciando-me com a liberdade de estar naquele espaço criado pela própria mão de Deus.

Sabe-se que em tempos, quando a maré vazasse, ficavam a nu vários magotes de holotúrias que ninguém conhecia o seu valor quando levado para outras terras. Hoje já não se vê nenhum desses moluscos. Dizem que “os chineses varreram tudo”. O que sobrou são os pequenos caracóis (*makolo*, em *bitonga*) que fazem uma imensa esteira e que não podemos pisar com os pés descalços, a não ser que queiramos ser feridos. É isto e mais pouco, porque nos próprios mangais, os grandes caranguejos (*sihologo*, em *bitonga*), que abundavam, também partiram. “Deus diminuiu as bênçãos”.



Mito e realidade

A história diz-nos que Mucucune chegou a ser apelidada, no tempo colonial, de Ilha dos mouros, por terem ido para lá viver os descendentes dos árabes, forçados por artimanhas do dominador na altura a abandonar as suas casas no bairro de Balane, onde está localizada a mesquita velha, um testemunho vivo de que ali foi um reduto sagrado dos árabes, que queriam ficar junto à costa para vigiar mais de perto as suas embarcações. E esta minha ida a Mucucune tinha também essa pretensão, ver ou saber do que sobrou dos descendentes daqueles que chegaram aqui antes de Vasco da Gama. Aliás, o marinheiro português ao aportar em Quelimane, a caminho da Índia, teve que recorrer aos préstimos de um árabe de nome Abdul Azize, que, depois de negociações, aceitou guiar o aventureiro até Bombaim, o que, mais uma vez, confirma que alguém já cá estava e dominava a zona. Em 1498, eles já andavam por aqui.

Na “Ilha dos mouros” sobram poucos muçulmanos, uns 20 ou trinta. Os mais velhos, como Momad Wa Simbo, de 86 anos de idade, ainda conservam a história. O que avulta neste lugar é o cemitério cujas campas, pintadas a branco, podem ser vistas a partir da cidade. Aquele lugar de acolhimento dos mortos sempre foi temido, ninguém queria aproximar-se dele com o receio de ser abordado por fantasmas (*dzigini*). Mesmo a partir da urbe as pessoas evitavam lançar os seus olhares para ali, com medo de eventuais fulminações, porque o brilho de cal que os túmulos emanavam se via ao longe. Com resplandecência. São mitos que hoje já são não tidos em consideração. Toda a gente passa por perto, de noite e de dia, e não acontece nada. Também eu me aproximei do cemitério e não tirei fotos, provavelmente por medo. Também.

Momad Wa Simbo confirma que Mucucune continua a manter o seu lema dos tempos: paz e tranquilidade. “Sempre vivemos sossegados neste bairro, até hoje. Se houver algum problema é de pequena monta porque todos aqui nos conhecemos. Quase todos os que vivem aqui são daqui”. Na verdade, Mucucune leva esta marca. Dificilmente vamos encontrar ali um *muthswa* ou um *chopi*, ou *ndau*, ou mesmo um *bitonga* que não seja dali. A ilha levou sempre uma vida à parte, mesmo fazendo parte da cidade. Os seus habitantes distinguiam-se pelo seu comportamento discreto, o que pode estar a acontecer até hoje.

Mas os *mucucunenses* levam igualmente o “catálogo” da violência. Facto que é desmentido por Momad Wa Simbo. “Nós nunca fomos violentos, o que acontece é que recusamos ser provocados. Reagimos quando isso acontece, como qualquer pessoa reagiria se alguém fosse contra os seus direitos. Tudo o que falam de Mucucune é um mito. As pessoas não conhecem a realidade e, como não conhecem a realidade, inventam boatos. Se aqui não há *mathswas*, ou *chopis*, ou *ndaus*, é porque nunca quiseram viver neste bairro. Se alguém viesse pedir um espaço para construir, com certeza que o teria sem qualquer problema”.

No tempo colonial, um grupo de militares que cumpria serviço no quartel de Inhambane atravessou para Mucucune e protagonizou desmandos que incluíam o roubo de roupa posta a secar num estendal numa casa do bairro. É aí onde tudo começa; é como se tivessem pisado um

ninho de vespas. Todos os residentes se mobilizaram e, no dia seguinte ao acto, ninguém foi trabalhar, os jovens não foram à escola. Todos eles, homens e mulheres e jovens e velhos, muniram-se de azagaia, catanas, machados e outros instrumentos de “guerra” e foram manifestar-se em frente ao gabinete do intendente. “Queríamos que ele nos levasse ao quartel para exercermos o nosso direito de vingança. Era um caso muito sério, que não degenerou porque houve bom senso e pedido de desculpas por parte dos agressores e do próprio representante”.

Mas os pedidos de desculpas não confortaram os habitantes de Mucucune. “Determinámos que a partir daquele dia não queríamos ver mais nenhum militar na nossa zona, nem militar nem polícia. Ficámos duas semanas a vigiar o bairro, com as nossas armas em punho, e depois disso nunca mais apareceram. Não queríamos ninguém fardado, nem os nossos filhos deviam aparecer ali envergando uniforme, sob pena de sofrerem as consequências”. Esta história correu meio mundo, passou de boca em boca e, cada boca que a contasse, aumentava dois pontos, e até hoje as pessoas pensam duas vezes antes de irem a Mucucune. Também por causa do feitiço, outra história que até hoje alimenta conversas em vários lugares da Inhambane e não só.

A alma fulminante

Já ninguém se lembra do ano em que morreu este homem, cujo nome não vamos fazer aqui referência porque depois podemos encontrar-nos na condição de não poder provar nada. Mas toda a gente fala dele. Dos feitos atormentadores da sua alma que, não encontrando a paz no céu, deambula pela terra fazendo vítimas. Em Mucucune as suas marcas ainda estão vivas, pese embora os seus descendentes, vivendo em Guilaleni, estejam, aos poucos, a livrar-se desse castigo. Quando ele morreu tornou-se num *mpfukwa* (espírito maligno). Era encontrado nos amuletos dos curandeiros (ainda é encontrado), fazendo das suas. Os filhos e os netos inocentes, de pessoas alheias, pagam muito caro porque alguns dos seus parentes, também mortos, “comeram” a carne desse *mpfukwa*.

Momad Wa Simbo também nos falou das peripécias dessa alma que vagueia pelas casas e pela vida das pessoas. “Olha, meu amigo, muita gente é obrigada a levar animais e dinheiro para casa desse homem para pagar uma coisa que eles não sabem. Outros viajam com-

pletamente nus de locais longínquos até à casa desta figura. As pessoas têm medo de se meter com os membros da sua família. Eles também transportam esse mito. Este espírito maligno não escolhe, é cristão é muçulmano, ele fulmina. Mas quem aceita esses caprichos são pessoas de pouca fé”.

Outro aspecto que caracteriza Mucucune são as casas esparsas, que não obedecem a nenhum ordenamento territorial. A principal actividade dos seus habitantes é a pesca. Sempre foi. Os pescadores montavam gamboas na praia, e o marisco que apanhavam em cada armadilha enchia um barco inteiro. Do mar saíam lagostas, peixes, lulas, caranguejos, santolas, todo o produto que aquela baía produzia. Era tempo de fartura que dava para alimentar directamente as famílias e comercializar a fim de custear despesas afins, como mandar as crianças à escola, comprar mantimentos na cidade e construir casas. “Para além da pesca temos o coco, que vendemos fresco ou transformado em copra. Temos ainda os cajueiros que se estendem por todo o bairro. Mas hoje por hoje, a produção, tanto do mar como destas árvores a que me referi baixou muito. Deus diminuiu as bênçãos”.

Ilha ou península?

Enquanto não nos desmentirem, Mucucune será sempre um arquipélago, que vai de Nhamalobe até a Ponta de Gulaleni. É composto por quatro ilhas, designadamente Mangwangwaneni, Gudzivane, Guilaleni e Nguhuni, esta última que leva o nome de Mucucune, por um motivo que ninguém nos soube explicar. Os seus habitantes, por serem discretos e distantes, são desconfiados e podem defender os seus direitos até às últimas consequências. No tempo colonial, em ano que não se pode precisar, um branco do regime contraiu uma doença venérea (*libuva*, em bitonga), supostamente porque se meteu com uma mulher negra. Todos os da sua raça entraram em pânico. Instaurou-se uma ordem: as mulheres negras da cidade e seus subúrbios deviam ser submetidas a testes sanitários para fins que ninguém sabia. Porém, quando chegou a vez de se examinarem as mulheres de Mucucune, os homens sublevaram-se, mandaram os colonialistas à fava e disseram-lhes, na cara, que fossem primeiro fazer isso às suas mulheres.

Mucucune é conhecido pelas suas posições verticais. Até hoje pensa-se duas vezes para se fazer seja o que for naquele arquipélago. Por exemplo, Momad Wa Simbo conta-nos que nos primórdios da independência nacional houve uma campanha de caça aos feiticeiros. Todos tinham que ser submetidos à prova de *matsawu*, bebida tratada com ervas cujas propriedades são capazes de detectar esses indesejáveis. Em todos os bairros formavam-se longas filas para o rito, mas em Mucucune esse acto não se realizou. Recusaram-se a ser submetidos a tamanha humilhação. E são estas histórias que fazem do arquipélago um lugar distante e perto ao mesmo tempo.

Mucucune é (era) um lugar escolhido pela própria mão de Deus. Em tempo de maré alta a juventude fazia-se à praia para nadar lado a lado com os golfinhos que passeavam por ali, livremente. Lembrei-me deste fenómeno agora na minha ida – efêmera e eterna ao mesmo tempo – àquele santuário. Fui em maré vazia, e fiquei lá todo o dia à espera que enchesse para ver os golfinhos passeando por ali, mas... nada! Momad Wa Simbo diz que já não há golfinhos por aqui. Quando aparecem, em número muito reduzido, é um espanto. “Nos tempos em que metíamos os nossos barcos para a recolha do peixe, esses animais pacíficos acompanhavam-nos muito de perto, mas hoje Deus diminuiu as bênçãos”.



É maré cheia. Calma. E eu estou de regresso a Nhapossa, bairro onde vivo. Em paz. Desta vez tenho que apanhar o barco. Com a vela enfunada. Que vai deslizar a favor de um vento suave que sobe do Sul. Olho para o céu e vejo uma avioneta a passar rente aos coqueiros, ao encontro da pista. Procuro com os olhos os flamingos que andavam por aqui em bandos de não acabar e... nem uma dessas aves alvas! Estou de costas para Mucucune. Viro a cabeça e vejo o cemitério onde foi enterrado, recentemente, o corpo de uma das figuras mais respeitadas da comunidade muçulmana, o Muhadis, professor e sacerdote. Um cemitério que ainda tem muito espaço para receber os mortos, contrariamente ao da cidade de Inhambane, que já está para além dos seus limites.

É isso! Já desci do barco e estou em terra firme. Olho para onde estive e revejo o *Apocalypse Now*, de Francis Copolla e Marlon Brando. Aceno, na minha imaginação, ao Momad Wa Simbo: Deus diminuiu as bênçãos!



Previsão do Tempo

Sexta-feira 25 de Outubro

Zona NORTE

Céu geralmente pouco nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas locais na faixa costeira. Vento de sueste a leste fraco a moderado.

Zona CENTRO

Céu pouco nublado, localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas locais. Vento de sueste fraco a moderado.

Zona SUL

Céu geralmente pouco nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas locais na faixa costeira. Vento de sueste a leste fraco a moderado.

Sábado 26 de Outubro

Zona NORTE

Céu geralmente pouco nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas locais no extremo norte das províncias de Cabo Delgado e Niassa. Vento de sueste a leste fraco a moderado.

Zona CENTRO

Céu pouco nublado, localmente muito nublado. Vento de sueste a nordeste fraco a moderado.

Zona SUL

Céu pouco nublado, localmente muito nublado. Vento de nordeste a leste fraco a moderado.

Domingo 27 de Outubro

Zona NORTE

Céu pouco nublado. Vento de sueste a nordeste fraco a moderado.

Zona CENTRO

Céu geralmente pouco nublado. Vento de sueste a nordeste fraco a moderado.

Zona SUL

Céu pouco nublado, com períodos de muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas no extremo sul da província de Maputo. Vento de nordeste a leste fraco a moderado.

Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia

Diga-nos quem é o

XICONHOCA,

Envie-nos um SMS para 90440 E-Mail para averdademz@gmail.com ou escreva no Mural do Povo

FALENCIA

A verdade em cada palavra. Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

20 SMS: 90440

WhatsApp: 84 390 8634

JournalVerdade

44 Email: averdademz@gmail.com

Verdade Online: www.verdade.co.mz

44 O que mais interessa não é o que está dentro, mas o que está fora. Não dá para enganar, nem dá para enganar, nem dá para enganar. O que mais interessa é o que está dentro. 44

Marlon Luthen King

@Verdade

© Jornal mais lido em Moçambique

Uma vida adversa...

Aos seis anos de idade, Mike, que se arrasta de barriga para se locomover, devido a uma deficiência física, é uma criança com uma história de vida marcada por dificuldades desde que veio ao mundo. A sua mãe morreu no mesmo dia em que ele nasceu. O seu pai abandonou-o na Missionária de Caridade Casa de Alegria, na cidade de Nampula, nunca cuidou dele e ninguém sabe nada do seu paradeiro nem da família materna, tão-pouco da paterna.

Texto: Redacção • Foto: Nelson Carvalho

Ele é um menino cujo futuro é imprevisível por causa das suas limitações físicas. Desde os primeiros anos de vida, Mike, cujo nome lhe foi atribuído por aquela confraria, recorre ao abdómen para se deslocar de um lugar para o outro e o problema que impede o petiz de se locomover com as próprias pernas surgiu pouco tempo depois de ter nascido. A progenitora morreu em consequência das complicações do parto. As freiras contaram-nos que recorreram a todos os meios ao seu alcance para fazer Mike andar, mas nenhuma tentativa resultou.

Na altura em que a mãe do menor perdeu a vida, o pai alegou falta de condições para criar o filho, tendo contactado a Missionária de Caridade Casa de Alegria para pedir ajuda. Sem nenhum documento de identificação pessoal, o referido progenitor, que merece o título de um xiconhoca, deixou o descendente e nunca mais reapareceu. Volvidos seis anos, pese embora se encontre no meio de dificuldades e de problemas de saúde, a criança está a evoluir graças ao aconchego das irmãs.

Aliás, o nome pelo qual Mike é tratado foi atribuído ao acaso pela instituição que o acolhe para que não se sentisse discriminada dentre várias crianças. Mesmo assim, a situação na qual o menino se encontra infringe sobremaneira a Declaração Universal dos Direitos da Criança – que estabelece que a criança tem direito a um nome desde o nascimento – porque ainda não foi registada.

Entretanto, a confraria ainda mantém a esperança de um dia ver Mike caminhar com os próprios pés e não depender de terceiros para realizar diferentes actividades e satisfazer certas necessidades. Mantém-se ainda a expectativa de, um dia, o pai fugitivo reaparecer para ver o filho e confortá-lo.

A associação para fins religiosos que acolhe o menor presta assistência a 168 crianças, dentre recém-nascidas e de três anos de idade, cuja maioria é órfã de mães. Pela idade, Mike já devia estar fora daquela instituição, mas a benevolência das irmãs é de tal sorte que goza de um tratamento especial.

Depois do terceiro ano de vida, alguns menores são encaminhados às suas famílias e outros – que por várias razões não voltam para o lar dos pais – ao Infantário Provincial de Nampula. A maior parte dos petizes da Missionária de Caridade Casa de Alegria provém dos distritos de Nacala, Angoche, Mecuburi (Nampula) e das províncias da Zambézia, do Niassa e do de Cabo Delgado.

Nos últimos dois anos, pelo menos duas crianças foram adoptadas por moçambicanos que residem nas cidades de Nampula e Maputo, através de um processo que envolveu a Direcção Provincial da Mulher e Acção Social das duas parcelas do país, contou-nos Mare Basila, superior hierárquica daquele centro, para quem o menor a que nos temos referido vive momentos tristes da sua vida desde que nasceu. Os diagnósticos dos médicos indicam que ele teria contraído uma lesão na coluna vertebral aquando do seu nascimento.



Porém, os terapeutas do Hospital Central de Nampula recomendaram que se fizesse massagens na coluna vertebral do menor, que já consegue sentar-se numa carrinha de rodas com a ajuda de alguém. O outro problema que apoquenta Mike está relacionado com o fraco desenvolvimento do seu corpo. As freiras associam isso à deficiência física e à paralisia dos membros inferiores, por isso, apesar de se encontrar em idade escolar ainda não foi matriculado devido ao seu estado de saúde.

“Queríamos inscrevê-lo a fim de frequentar uma escola mas não há condições para o efeito porque, para além de alguma recaídas constantes, a criança só fica deitada”, disse Mare Basila. Todavia, enquanto esta situação prevalecer, o princípio do “direito à educação e a cuidados especiais para a criança física ou mentalmente deficiente”, não está a ser totalmente cumprido.

Os responsáveis da Missionária de Caridade Casa de Alegria acreditam que a força divina pode operar milagres na vida de Mike que pode, um dia, sentar-se, caminhar e realizar inúmeras actividades tal como as outras crianças que não sofrem de nenhuma deficiência física.

A instituição, de acordo com Mare Basila, recebe apoio dos parentes de alguns menores, empresários e do Governo moçambicano. Contudo, “por vezes temos tido falta de leite para as crianças, mas, graças a Deus, temos resolvido o problema com a ajuda de todos”.

A malária é uma doença que tem sido frequente no centro, porém, os efeitos não têm sido perniciosos porque a maior parte das irmãs dali são paramédicas.

Caros leitores

Pergunta à Tina... Como convidar a minha namorada para fazer o GATV?

Meus queridos leitores. Esta semana passei a pensar um pouco sobre a crise em que vivemos. Seria tão bom se tivéssemos paz. Mas uma paz não só política, mas também nas nossas famílias, e no nosso interior. Tenho-me confrontado com várias perguntas sobre a sexualidade na adolescência, e uma das coisas que me ocorre é a falta de paz de espírito que os adolescentes vivem assim que iniciam a vida sexual. Muitas dúvidas, muitas incertezas, muita insegurança. Nunca sabem se estão grávidas (as meninas), nunca sabem se têm uma infecção de transmissão sexual, nunca sabem se têm algum tipo de impotência sexual. Tudo isso é normal. Mas eu aconselho a que estejam sempre informados e não tomem decisões que podem afectar negativamente as vossas vidas. Perguntas sobre saúde sexual e reprodutiva são para ser respondidas nesta coluna, por isso, por favor,

Enviem-me uma mensagem através de um sms para **90441**
E-mail: **averdademz@gmail.com**

Bom dia Tina. Sou jovem de 25 anos de idade. Separei-me da minha namorada há três anos e de lá para cá só me vinha empenhando nos estudos. Quanto às mulheres com quem me meti, em casos não sérios, nunca tive relações sexuais sem preservativo, para evitar a gravidez, até mesmo doenças sexualmente transmissíveis. Mas agora sim; terminei os estudos, já tenho um emprego e sinto-me capaz de encarar a vida como responsável de mim mesmo. Conheci uma moça e aparentemente parece-me comportada. Mas o que mais me preocupa é a vida sexual da moça. Eu não tenho como confiar nela mesmo gostando dela. Fiz pequenas pesquisas nela e percebi que ela já teve relações desprotegidas. E eu com ela já tivemos, mas no entanto protegidas, e eu quero tanto iniciar sem protecção com ela. O que faço? Antes devo convidá-la ao GATV? Será que ela pode achar isso falta de ética? E se ela não estiver de acordo com a ideia do GATV, separo-me dela? Tina, ajude-me por favor, estou confuso.

Olá Jovem. Adorei as tuas perguntas, gostei da abertura e de me teres contado um pouco sobre o teu percurso. Na minha opinião, eu acho que tu estás absolutamente certo. Ninguém se deve envolver sexualmente com outra pessoa, sem protecção, antes de saber qual é a situação de saúde da outra pessoa. Não é apenas pela famosa doença do VIH, mas podem existir outras infecções que prejudiquem um ou outro parceiro. Então, estás certo ao desejares que vocês façam o teste numa unidade de Aconselhamento e Testagem de Saúde (antigos GATV). O mais importante é a forma como tu vais abordar o assunto. Se tu fores carinhoso na forma como abordas o assunto, eu garanto-te que a tua namorada vai entender, até porque ela também não sabe nada sobre a tua história – se tu usaste sempre o preservativo ou não. A tua saúde esta sempre em primeiro lugar, não a podes trocar por nada. Boa saúde.

Olá mana Tina. Eu chamo-me Nela. Tenho um problema: sempre que vou à casa de banho para fazer necessidades menores, depois de pouco tempo sinto comichões e tenho de novo...

Olá Nela. Infelizmente a tua mensagem chegou cortada, mas achei que era importante abordá-la mesmo assim. Vou responder apenas à parte que está clara. Tu dizes que tens comichões depois de urinar. Bom, as tuas comichões podem ter várias causas, podem estar ligadas à higiene como a algum tipo de infecção, que pode ser urinária ou sexual. Não é possível saber antes de fazeres algum tipo de exame. O meu conselho é que primeiro mantenhas a tua vulva sempre limpa e bebas sempre muita água para não ficares desidratada. Entretanto, esta medida não é um tratamento e nem uma alternativa. Para que tenhas uma solução definitiva, deves com urgência ir a uma unidade sanitária, à consulta de um/a médico/a ginecologista ou um clínico geral para que te possa examinar, e fazer-te um diagnóstico e tratamento correcto.

A CONTECEU

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique

Jovem rapta e mata sobrinha da esposa

Durante anos, Miquelina Jaime, cuja idade não conseguimos apurar, e António Olesse, de 30 anos de idade, viveram em união de facto, porém, a relação era conturbada. Algumas desinteligências entre o casal terminavam em pancadarias e, por várias vezes, foi necessária a intervenção de terceiros. Por falta de condições para se manter casada com um homem violento, a senhora divorciou-se mas a sua sobrinha, Lúria Rúben, de apenas três anos de idade, pagou com a própria vida. O jovem assassinou e enterrou a criança, algures em Marracuene.

Texto: Redacção

Segundo a família da petiza morta, Miquelina Jaime e António Olesse viviam juntos numa casa arrendada no bairro da Zona Verde, no município da Matola. Nos finais de 2012, o cônjuge começou a transformar a vida da mulher num verdadeiro sofrimento caracterizado por maus-tratos e outras atitudes abomináveis. Houve várias agressões e, numa delas, por sinal a que originou a separação, Miquelina ficou gravemente ferida a ponto de ser submetida a cuidados médicos.

Os parentes da jovem contaram-nos, também, que António Olesse já agrediu a esposa, mesmo em casa dos sogros. Entretanto, inconformado com o desquite, o homem sequestrou Lúria Rúben, sobrinha da esposa, acabou com a sua vida e enterrou o corpo num terreno inabitado no bairro Kumbeza, no distrito de Marracuene, na província de Maputo, com o intuito de não deixar rastros do crime.

Na altura em que Miquelina se separou do marido, passou a viver na residência dos progenitores. Estes, por receio do comportamento violento do genro, esconderam a descendente em casa de uma tia, onde continuou a receber a medicação por causa das contusões.

Na tentativa de coagir os pais da sua mulher com vista a convencer a filha a reatar a relação, António Olesse dirigiu-se, sucessivas vezes, à residência dos sogros na companhia de supostos conselheiros com a finalidade de manifestar o seu arrependimento e pedir desculpas pelos maus-tratos a que sujeitava a esposa.

O progenitor de Miquelina aceitou o pedido de perdão mas não revelou, de forma alguma, o paradeiro da descendente, o que deixou o jovem furioso que preferiu ameaças contra a mesma família à qual acabava de pedir desculpas. Volvidos alguns dias, António Olesse decidiu materializar a sua pretensão de vingança.

Numa segunda-feira, 04 de Fevereiro de 2013, por volta das 10h:00 da manhã, o jovem dirigiu-se ao domicílio dos sogros com o objectivo de efectuar uma visita. Chegado ao local, ele encontrou somente Lúria Rúben, a quem ofereceu quatro meticais alegadamente para comprar pipocas num lugar muito próximo de casa.

Nesse momento, António Olesse despediu-se dos vizinhos e alegou que ia comprar uma recarga para o seu telemóvel a fim de telefonar para os sogros. Quando saiu da residência, localizou Lúria através das peugadas. Mais tarde, ao aperceber-se da ausência da neta, os avós contactaram o genro para saber se ele teria conhecimento do paradeiro da menina. António Olesse confirmou que Lúria estava na sua casa, mas só podia regressar no dia seguinte. Apesar de estarem preocupados, os parentes deram pouca importância ao facto de a petiza estar nas mãos de uma pessoa que prometeu vingança.

Transcorridos dois dias, a criança não regressou à casa dos

avós nem dos pais. António Olesse viajou para a cidade de Chimoio sem informar a ninguém, facto que aumentou a preocupação, uma vez que a família ainda tinha memórias das ameaças de vingança feitas pelo jovem.

A relutância de Olesse em devolver Lúria para o domicílio dos pais fez com que o caso chegasse aos ouvidos da Polícia da 7ª esquadra do bairro T3, no município da Matola, onde os parentes da criança abriram um processo-crime contra o suposto raptor.


A corporação daquela unidade transferiu o processo para a 1ª esquadra da Polícia na cidade de Chimoio com um mandado de busca e captura do suposto sequestrador. Uma semana depois, na urbe de Chimoio, Olesse foi preso mas Lúria já não estava na sua companhia. O jovem esteve enclausurado em várias cadeias, dentre as quais a Central de Maputo.

A dado momento, o homem que maltratava a criança por não aceitar a separação, disse à família da esposa que a menina se encontrava no distrito de Nhama-tanda, na província de Sofala, em casa de uma senhora que fabricava e vendia bebidas alcoólicas tradicionais. Mas isso não passa de mentira porque quando Miquelina se dirigiu ao local indicado, para procurar a sobrinha, esta não estava nem em nenhum canto daquela província. O desespero da família aumentou e as esperanças começaram a ruir a cada dia que passava, pois já se pensava no pior.

Mais tarde, Olesse foi restituído à liberdade, facto que causou indignação nas pes-

soas que tinham conhecimento de que Lúria estava desaparecida desde Fevereiro. Volvidos meses, só na sexta-feira passada, 18 de Outubro, é que o jovem disse a verdade, depois de escapar do linchamento graças à intervenção da Polícia. Na esquadra de T3, ele deu a má notícia: matou Lúria no dia do sequestro, ou seja, antes de partir para a cidade de Chimoio, e enterrou o corpo em Marracuene. Para provar o que acabava de dizer, Olesse levou a família até ao local onde havia sepultado a menina, de forma indigente.

Os pais da menor exigem justiça e aplicação de uma pena exemplar contra o suposto assassino que, neste momento, está novamente a contas com os agentes da Lei e Ordem.



KPMG
cutting through complexity

Cursos
Moçambique

AUDITORIA INTERNA DE PROCUREMENT



A evolução do processo de aquisição leva a demanda de aumento de conhecimentos dos auditores na área de *procurement*. Aquisição de bens e serviços é uma componente importante do orçamento empresarial e, portanto, manter a transparência, prestação de contas e imparcialidade no processo de aquisição é imperativo.

Este curso irá melhorar o seu conhecimento em o todo ciclo de vida do processo de *procurement* e os riscos envolvidos. Irá desenvolver as suas habilidades práticas no processo de auditoria de *procurement*, desde o planeamento até a execução, elaboração de relatórios e monitoria das recomendações.

O que você vai aprender:

Noções básicas sobre o processo de *procurement*/compras (entendimento do fluxo de processo de compras).

Conteúdo:

- **Procurement:**
 - Público vs. Privado
 - Centralizado vs. Descentralizado
- **Principais riscos da área de compras.**
- **Como auditar o ciclo de vida do Procurement, nomeadamente:**
 - Selecção de fornecedores (por cotações e por concursos);
 - Monitoria do desempenho dos fornecedores.
 - Devolução e registo da mercadoria; e
 - Requisição;
 - Emissão da ordem de compra;
 - Monitoria da encomenda;
 - Recepção de mercadorias,

29 a 31 de Outubro 2013

Local: Escritórios da KPMG em Maputo

Custo por Pessoa: **40 000,00 MT** (IVA incluído)

10% de Desconto para grupo empresarial (mais de cinco participantes)

N.B.: Trazer o seu computador dar-lhe-á vantagens nos exercícios práticos

Quem Deve Participar

- Auditores internos que pretendam aprofundar seus conhecimentos de auditorias a processos de compras;
- Gestores e funcionários de empresas que queiram melhorar a eficácia dos seus processos de compras; e
- Qualquer outra parte interessada.

KPMG Auditores e Consultores

Rua 1.233, n.º 72C, Edifício Hollard, Maputo

Tel: +258 21 355 200 | Fax: +258 21 313 358

O conteúdo da formação e eventuais dúvidas podem ser esclarecidos junto de Sandra Nhachale pelo e-mail snahchale@kpmg.com

Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal @Verdade, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Saudações, Jornal @Verdade. Somos trabalhadores da CMC Razel e estamos envolvidos nas obras de reabilitação e ampliação da estrada Rio Ligonha/Nampula. Gostaríamos, através do vosso meio de comunicação, de expor uma inquietação relacionada com o aumento salarial e retroactivos.

Desde o mês de Abril estamos a pressionar o nosso patronato com vista a rever a tabela salarial em vigor na empresa e em função da realidade actual no ramo da Construção Civil. Não estamos a ter uma resposta positiva e não sabemos quais são as razões que levam os nossos chefes a protelar o assunto, uma vez que já houve decisão, a partir da sede da firma, para se aumentar os nossos salários.

Tentámos, por várias vezes, reunir com o patronato, de forma pacífica, mas os superiores hierárquicos da CMC Razel afectos à repartição de Nampula ainda não levam a peito as nossas exigências.

O silêncio dos dirigentes deixa-nos preocupados sem saber o que fazer, principalmente neste momento que o projecto está a dois meses do fim. Entretanto, encaminhámos este problema à Direcção do Trabalho em Nampula. A equipa de inspecção que se fez presente ao local apenas reuniu com os chefes da empresa e não

houve nenhuma conclusão benéfica para os trabalhadores.

Desta forma, ficámos cada vez mais preocupados, sobretudo por causa do tempo que resta para o fim do projecto, para além das dívidas que a empresa tem com os trabalhadores. Aliás, no encontro que houve recentemente entre os funcionários e o patronato, este prometeu pagar o dinheiro da dívida mas não avançou os dias em que isso irá acontecer.

Paralisámos as actividades por dois dias como forma de pressionar o patronato a pagar o dinheiro a que temos direito mas esta medida não resultou em nada, uma vez que nenhum dirigente se moveu com as nossas reclamações.

Outro problema que nos agasta tem a ver com os despedimentos sem justa causa, e os trabalhadores que estão há mais de um ano no projecto quando são dispensados não recebem nenhuma compensação. Nestas demissões, o patronato não observa as normas vigentes no país. No início do projecto erámos mais de 1.500 funcionários, porém, neste momento, somos apenas 400 pessoas e cada uma reza no seu posto para não ser despedida. Ajude-nos, por favor, a esclarecer este problema que nos aflige.

Resposta

Em relação à preocupação dos nossos reclamantes, contactámos o director administrativo da CMC Razel em Nampula, Hourdille Brice. Este reconheceu que as inquietações dos trabalhadores são legítimas.

O nosso entrevistado explicou que a paralisação de actividades, nos dias 19 e 21 de Outubro corrente, foi ilegal porque não houve pré-aviso, segundo estabelece a Lei do Trabalho.

Sobre o aumento de salários e os respectivos retroactivos, Hourdille Brice disse que o atraso tem a ver com a falta de fundos para o feito. “Não tínhamos a ideia de quantos milhões de meticais poderíamos dar aos trabalhadores porque as contas são feitas a partir da sede”.

O nosso interlocutor referiu ainda que, devido à pres-

são que nos últimos dias os trabalhadores fazem sobre a direcção, serão pagos os meses em atraso até o final do Outubro corrente.

Relativamente à alegada expulsão sem justa causa, Hourdille Brice explicou que à medida que a reabilitação e ampliação da estrada Rio Ligonha/Nampula diminuí, houve necessidade de se reduzir o número dos trabalhadores.

Num outro desenvolvimento, o nosso entrevistado fez saber que se está a negociar com os dirigentes máximos do projecto para que haja pagamento do 13º mês e oferta do cabaz do Natal a todos os funcionários. “Não posso avançar datas nem meses de pagamento porque o valor ainda não está estabelecido, mas vamos pagar até o fim deste ano”.



As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrectos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos. Envie: por carta – Av. Mártires da Machava 905 – Maputo; por Email – averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS – para o número 90440. A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.



**Mamparra
of the week**

Armando Guebuza

Luís Nhachote
laverdademz@gmail.com

Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avós e Avós

O mamparra desta semana é o Comandante-em-Chefe das Forças das Foras Armadas de Defesa de Moçambique, comumente tratado por Armando Emílio Guebuza, que na sua deslocação à província de Sofala terá ordenado um ataque bélico à região de Sathunjira, onde se encontrava Afonso Dhlakama, o líder do maior partido da oposição no país, a Renamo.

Quando Afonso Macacho Marceta Dhlakama disse que temia vir a Maputo alegadamente por razões de segurança, era a premonição do que estava para acontecer!

O seu instinto já revelava do que era capaz o Comandante-em-Chefe das FADM: aniquilá-lo em nome de uma paz aparente que todas as segundas-feiras é disfarçada de “diálogo” ali no Centro Internacional de Conferências Joaquim Chissano.

Desde que começou este festival de omissão de sucessão do inquilino da “Casa Branca” de Moçambique, na Sommerschield, que este país está em polvorosa, a tal ponto de hoje os lacaios do regime falarem de “moçambicanos da gema”!!!

Este Governo, liderado pelo “guia inconteste de todos nós”, andou aí há dias a fechar negócios milionários na França para comprar barcos de guerra para a pesca de atum.

Dias antes de o véu ser levantado em hasta pública (do negócio dos barcos), o Presidente da República afirmava em plenos pulmões, na sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York, que as eleições gerais seriam realizadas em 2015!!!!

A Frelimo está cada vez mais caótica. Parece ter assinado um pacto com o diabo. Que raio de brincadeira é esta afinal? É que alguém tem que pôr um travão neste tipo de mamparices. Mamparras, mamparras, mamparras.

Até para a semana,
juizinho e bom fim-de-semana!

ACONTECEU

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634



© Jornal mais lido em Moçambique.

Há agentes da Polícia formatados para combater a oposição

A escassos dias do início, a 5 de Novembro, da campanha eleitoral com vista à realização das quartas eleições autárquicas, marcadas para 20 de Novembro próximo, a actuação da Polícia de República de Moçambique (PRM) continua a levantar sérios questionamentos, principalmente no seio dos partidos políticos da oposição que entendem estar a ser vítimas de uma força totalmente partidária que age em função dos interesses do partido no poder, a Frelimo.

Texto: **Redacção**

É que os agentes da Lei e Ordem, no óptica das forças das oposição política, contrariando a postura de imparcialidade que se espera que adoptem na resolução de qualquer que seja o caso, optam por acções que remetem a uma Polícia que age em defesa de interesses partidários. Efectuam “detenções sumárias sem observância das mais elementares normas jurídicas para o efeito”, para além de se manterem inertes em relação aos casos que envolvam directamente o partido no poder.

Esta situação, de resto, é evidenciada nos inúmeros casos de “intolerância política” reportados pelos *media*, o que traz ao de cima o ostracismo da força policial e deixa claro o facto de que estes são instrumentalizados para servirem interesses políticos particulares através da hostilização da oposição.

Detenções

A recente detenção e julgamento do delegado político e outros três membros do Movimento Democrático de Moçambique (MDM), que são também candidatos a membros da Assembleia Municipal na vila autárquica de Macia, província de Gaza, que depois foram restituídos à liberdade por falta de provas materiais do crime de que eram acusados, é disso exemplo.

Os quadros do MDM, nomeadamente Joaquim Bane, João Mário, Miguel Jamisse (delegado de partido), e um outro cujo nome não foi possível apurar, foram detidos na noite do dia 15, no distrito de Macia, acusados de ofensas corporais contra três supostos membros da Frelimo.

A prisão foi executada depois de os quatro terem entrado em desavenças com três indivíduos apontados como sendo da Frelimo que teriam invadido a casa do delegado político daquele partido, onde decorria uma reunião de preparação das eleições autárquicas. O pessoal do MDM, depois de se aperceber de que estava a ser “espionado” por pessoas desconhecidas, procurou saber o que pretendiam, tendo estes dito que iam comprar barrotes.

Sucede que no local em causa não se vende esse material de construção, facto que aumentou as suspeitas de que aqueles pretendiam espionar a reunião. Os dois grupos ter-se-iam, em seguida, envolvido em violência.

Entretanto, e é quando situação ganha um contorno curioso, a Polícia, quando chamada a intervir, chegou ao local e levou os dois grupos à esquadra, tendo mantido na cela os quatro membros do MDM e, supostamente, acompanhado a uma unidade sanitária o outro grupo de supostos membros da Frelimo alegando que estes haviam sofrido ferimentos e que precisavam de tratamento médico.

O que aconteceu, de facto, é que mesmo depois de terem recebido cuidados hospitalares os tais indivíduos que o MDM entende serem pertencentes ao partido no poder nunca mais voltaram para a esquadra, mesmo pesando sobre eles a acusação de invasão domiciliária.

Depois de seis dias de detenção à espera do julgamento, que veio a realizar-se na última segunda-feira (21), os quatro elementos do MDM foram restituídos à liberdade porque o juiz entendeu que não havia provas materiais que sustentassem a acusação.

Este é apenas mais um caso de muitos que os partidos da oposição, particularmente o MDM, têm vindo a relatar relacionados com a fragilidade da Polícia moçambicana no cumprimento do seu dever.

Outros casos

Em Abril passado, elementos tidos como do partido Frelimo atearam fogo à Delegação Distrital do MDM, na sede do distrito da Macia, localizada no Bairro 5, na província de Gaza.

Na altura, o delegado político distrital do MDM, Miguel Jamisse, disse ter-se apercebido da presença de cerca de cinco indivíduos estranhos, que se faziam transportar numa carrinha de caixa aberta que, depois de satisfazerem seus intentos, se puseram em fuga, não tendo permitido que nem eles nem a sua viatura fossem identificados.

Os tais indivíduos, com recurso a pé-de-cabra, teriam arrombado a porta da delegação, tendo posteriormente introduzido cinco pneus, alguns barrotes e uma botija de gás de cozinha e depois ateado fogo. Todo o mobiliário, composto por três sofás, uma mesa e outros bens, ficou calcinado.

Segundo contou o nosso interlocutor, aquele não era o primeiro caso pois “indivíduos ligados ao partido Frelimo” já haviam sido apanhados, na calada da noite, a arrear a bandeira do MDM. “O secretário do Gabinete do primeiro secretário do Comité Distrital do partido Frelimo, José Carlos, já me havia tentado atropelar de carro alegando que tinha trazido *matsangas* para Macia”.

Entretanto, a reacção do pessoal da Frelimo na ocasião é que deixou Miguel Jamisse mais indignado pois, de forma orgulhosa, fez notar que nada lhe iria acontecer porque “tanto a Polícia assim como os tribunais estão sob seu controlo”. De facto, o caso, quando levado ao tribunal, “morreu” sem que tivesse sido feita a justiça contra os criminosos.

Secretário-geral constituído réu

Recentemente, um grupo de membros da Frelimo inviabilizou o trabalho do secretário-geral do MDM, Luís Boavida, no distrito da Macia, durante a sua visita à província de Gaza.

Estranhamente, ele foi constituído réu alegadamente porque tirou fotos a tais pessoas, que se encontram em liberdade. Entretanto, foi absolvido pela juíza que não viu elementos que sustentassem a acusação.

O processo foi movido pelos elementos do partido no poder, que não souberam responder quando questionados pela juíza sobre o que estavam a fazer e o que queriam na delegação do MDM.

Chókwè

Ainda este ano, o partido Frelimo destruiu as instalações da delegação do MDM no distrito de Chókwè, sob ordens do edil e do administrador distrital, como veio a provar-se. Igualmente, foram queimadas e destruídos os escritórios do partido do “Galo” em Chibuto e Mandlakazi, e em Xai-Xai foi inviabilizada a marcha do MDM por ocasião do seu dia, 7 de Março.

Já no dia 22 de Setembro, o partido do “Galo” manifestou o seu desagrado e preocupação face às “sistemáticas detenção e perseguições” aos seus membros, incluindo os candidatos a edis nalguns municípios que este ano acolhem as eleições autárquicas. Estes actos, segundo denunciou o MDM, são protagonizados pela Polícia, supostamente a mando do partido Frelimo.

Citando alguns exemplos, o chefe do Departamento Nacional de Formação de Quadros e Projectos do MDM, Elias Impuir, apontou os candidatos do MDM a edis dos municípios de Manjacaze e da vila de Bilene, todos na província de Gaza, sul do país, que teriam sido agredidos e detidos pela Polícia da República de Moçambique (PRM) durante uma reunião com quadros do seu partido, inserida no âmbito da preparação dos próximos compromissos políticos, nomeadamente, as eleições autárquicas, este ano, e as gerais, em 2014.

Montepuez

Outro caso que terá merecido pouca atenção da imprensa envolve um elemento do Serviço de Informação e Segurança de Estado que terá intimado o candidato a presidente do Conselho Municipal de Montepuez, Cabo Delgado, Pihale Mussa, a apresentar-se na manhã do dia 07 de Outubro, durante o qual o sujeito a interrogatório.

A secreta moçambicana que muitas vezes é entendida como estando ao serviço do Frelimo e não do Estado moçambicano quis saber do candidato as razões de ele estar a concorrer pelo MDM, as suas intenções, o número de filhos, se é casado ou solteiro, a declaração dos bens que possui, o número de membros do partido e, por fim, exigiu uma fotografia.

A forma como foi dirigido o interrogatório leva a crer que se tratava de uma ac-

ção encomendada pelo partido governamental, no sentido de o intimidar.

Código de conduta eleitoral

Entretanto, em reconhecimento deste e de outros problemas que precisam de ser combatidos, o Código de Conduta e Ética Eleitoral, que não é nenhum instrumento jurídico, adoptado pela maioria dos partidos que irão participar nas eleições autárquicas, estabelece que “as Forças de Defesa e Segurança devem garantir a segurança pública de todos os intervenientes eleitorais, sem discriminação partidária, e devem actuar no sentido de combater a violência eleitoral, seja qual for o promotor”.

Entretanto, é sentimento comum no seio dos partidos da oposição que nalgumas acções os agentes da Polícia se intrometem a mando e em defesa dos interesses do partido no poder.

Polícia formatada

Sobre esta situação, o chefe da bancada parlamentar do MDM, Lutero Simango, entende que o problema está nos agentes que comandam a Polícia porque estes estão politicamente formatados e ocupam cargos de chefia não por competência, mas por confiança política.

“As pessoas são nomeadas não em função da competência, mas por confiança política e como resultado, e para manter a sua posição e os privilégios adquiridos, combatem a oposição e o MDM tem sido uma das vítimas”, disse, acrescentando que estes “esquecem que juraram garantir a ordem e tranquilidade públicas.”

O entrevistado entende que esse combate maquiavélico aos partidos da oposição só irá parar quando os opressores entenderem que ser oposição não significa ser inimigo, mas ressalva que “a mudança da mentalidade leva o seu tempo, que muitas vezes não é curto.”

“Há Polícia da República de Moçambique como instituição que nós respeitamos e reconhecemos a sua existência e legalidade. Mas também há agentes da Polícia e, infelizmente, são esses que asseguram o comando e a direcção da Polícia, são politicamente formatados para combater a oposição. E eles ignoram que juraram defender o cidadão,” concluiu.

Refira-se que em Maio último, a bancada parlamentar do MDM votou contra a proposta de revisão de Lei da Polícia da República de Moçambique alegando que a força policial no país “é instrumentalizada para reprimir e intimidar os partidos políticos da oposição”.

Democracia

Acção das Forças de Defesa e Segurança em Gorongosa é ilegal

A permanência e a acção das Forças Armadas de Defesa de Moçambique e da Força de Intervenção Rápida, que culminaram com o assalto à base da Renamo em Sathunjira e a consequente “fuga” de Afonso Dhlakama são ilegais, segundo a sociedade civil, que se juntou a outras vozes em repúdio à actual situação de tensão político-militar que se vive no país.

Texto & Foto: Victor Bulande

No entender destas, se o Governo justifica a intervenção com a necessidade de se manter ou repor a ordem a tranquilidade públicas, não faz sentido que sejam as Forças Armadas de Defesa de Moçambique e a Força de Intervenção Rápida a fazê-lo uma vez que este papel cabe à Polícia da República de Moçambique.

Uma outra questão que também as inquieta é o facto de não se saber em que situação o país está para que fossem mobilizadas as Forças de Defesa e Segurança para aquele ponto do país. “Não sabemos se estamos em guerra, estado de sítio ou emergência”, referem as 20 organizações da sociedade civil, representadas por Graça Samó, secretária executiva do Fórum Mulher, Alice Mabota, presidente da Liga dos Direitos Humanos, e Adriano Nuvunga, director do Centro de Integridade Pública.

Em relação à tomada da base da Renamo, em Sathunjira, onde Afonso Dhlakama tinha fixado residência há cerca de um ano, as OSC julgam não ser possível aferir quem de facto tem razão porque o Governo diz que o ataque e o consequente assalto à base foi em resposta às provocações dos homens da “Perdiz”, enquanto esta diz que se tratou de uma acção que visava assassinar o seu líder.

Mais do que apontar culpados, elas consideram ser necessário esclarecer as circunstâncias em que as Forças de Defesa e Segurança foram parar nas imediações do “quartel-general” da Renamo até ao ponto de serem “provocadas” pelos seus homens.

“Se o Governo diz que os seus militares foram atacados pelos homens armados da Renamo e responderam, nós não temos como provar. Mas é necessário explicar o que eles (os militares) estavam a fazer lá (em Sathunjira), o que pretendiam?”, diz Alice Mabota, presidente da LDH, para quem os agentes das FADM e da FIR deviam questionar os reais motivos desta acção, pois também fazem parte do povo.

“Eles deviam parar de disparar e questionar as razões da sua ida e permanência naquele local e as causas desta luta. Eles estão lá a defender os interesses de meia dúzia de pessoas e não pensam nas consequências das suas acções”, sugere.

Face a este cenário, as OSC apelam ao Presidente da República para que faça uso dos poderes que lhes são conferidos pela Constituição da República para assegurar a manutenção da paz, tranquilidade e ordem públicas, assim como de todos os meios pacíficos para evitar um possível conflito armado.

Entretanto, caso a situação se deteriore, “os membros do Conselho do Estado devem manifestar-se contra uma eventual declaração de guerra”, que só o Chefe de Estado pode fazer, depois de ouvir aquele órgão.



Guebuza pode desarmar a Renamo sem usar armas

Justificando a acção das Forças de Defesa e Segurança, o Presidente da República, Armando Guebuza, terá dito, na província de Sofala, onde se encontrava em Presidência Aberta, que a mesma foi em “legítima defesa” e que não podem existir no país dois exércitos, numa clara alusão aos homens armados da Renamo.

Sobre o último ponto, Alice Mabota defende que “o Chefe de Estado, que é também Comandante em Chefe das Forças Armadas de Defesa de Moçambique, tem condições para desarmar a Renamo sem recorrer à violência ou às armas”, acrescenta.

Alice Mabota chama a atenção ainda para a necessidade de o Governo não omitir ou deturpar a informação sobre o que realmente está a acontecer no terreno, pois isso permite que as pessoas sejam manipuladas pela comunicação social. “Nós não estamos no terreno e ouvimos boatos. Não sabemos o que está realmente a acontecer, por isso devemos estar atentos às manipulações da comunicação social”.

Ataque a Sathunjira

Por seu turno, Adriano Nuvunga, director do CIP, é de opinião de que os últimos acontecimentos, nomeadamente o impasse nas negociações e a polémica compra de barcos, dão azo a que as pessoas pensem que o ataque à Sathunjira, que ditou a “fuga” de Afonso Dhlakama, já vinha sendo planeado desde há muito e que o Governo só precisava de tempo para se preparar.

“Os impasses no diálogo ou negociações com a Renamo e a recente aquisição, pouco clara, de barcos para a pesca de atum e patrulha marítima feita pelo Governo, através da Empresa Moçambicana de Atum, pertencente ao Serviço de Inteligência e Segurança do Estado, abre espaço para estas interpretações. A compra de barcos ainda não está clara, não se sabe se são apenas barcos ou se o negócio também envolve armamento”, diz.

Observadores internacionais não são necessários

Adriano Nuvunga não concorda com a atitude da Renamo, que boicotou o diálogo que vinha mantendo com o Governo alegando que o mesmo devia incluir observadores internacionais. Para ele, “por enquanto, não há necessidade de envolver a comunidade internacional passados 21 anos da assinatura dos Acordos Gerais de Paz, que puseram fim a 16 anos de conflito armado. A sociedade civil moçambicana já deu provas do que vale, e pode desempenhar esse papel”.

Tensão afasta os eleitores das urnas

Já Graça Samó, do Fórum Mulher, a actual tensão política pode ter efeitos contrários aos desejados, apesar de uma das partes, neste caso a Renamo, alegar que a mesma visa a criação de condições para o exercício de uma democracia verdadeira e plena. “De que adianta ter eleições se as pessoas vão ter medo de ir às urnas?”, questiona.

Refira-se que, até agora, as negociações entre o Governo e a Renamo gira à volta do Pacote Eleitoral. A “Perdiz” exige a paridade nos órgãos eleitorais, nomeadamente a Comissão Na-

Esteja sempre actualizado sobre actualidade política do país e no globo seguindo-nos no [@democraciamz](https://twitter.com/democraciamz)

cional de Eleições e o Secretariado Técnico de Administração Eleitoral, por entender que só assim é que os partidos políticos podem participar em escrutínios em pé de igualdade.

Porém, o Governo diz que tal pretensão não faz sentido porque viola a Constituição da República, que, como diz, determina que tais órgãos sejam constituídos na base da proporcionalidade parlamentar, para além de que o papel de alterar as leis cabe à Assembleia da República.

O erro (do Governo) de Guebuza

O uso do Exército nestas operações é, segundo a Constituição da República, ilegal pois em nenhum momento o Presidente da República ouviu o Conselho de Estado, que é o seu órgão de consulta.

A última vez que tal aconteceu foi aquando da marcação da data das eleições gerais de 2014, que deverão ter lugar a 15 de Outubro.

Aliás, em Junho, o antigo Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas de Defesa de Moçambique, Paulino Macaringue, tinha levantado esta questão, ao afirmar que para a situação de Muxunguê não havia necessidade de se envolver o Exército.

“O que está a acontecer em Muxunguê é a existência de homens armados que pertencem a um partido que é signatário do Acordo Geral de Paz e que, por qualquer razão, escapa à alçada das Forças Armadas”, disse Macaringue.

Macaringue explicou ainda que o que está a acontecer naquela região são actos criminosos, que estão sob alçada da Polícia da República de Moçambique, e não das Forças Armadas de Defesa de Moçambique.

E mais: afirmou que, caso fosse necessária a intervenção destas, tal ordem devia ser dada única e exclusivamente pelo Presidente da República, na qualidade de Comandante-em-Chefe das Forças Armadas de Defesa de Moçambique.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

A verdade em cada palavra.

O Jornal mais lido em Moçambique.

Democracia

Bancada da Renamo é improdutiva na Assembleia Municipal de Nampula

O presidente da Assembleia Municipal da Cidade de Nampula, Tiago Afonso Fumo, acusa os membros da bancada da Renamo de inviabilizar os trabalhos daquele órgão, para além de não participarem nas actividades das comissões, e diz que estes só estão preocupados com o subsídio que recebem no fim de cada mês.

Texto & Foto: Nelson Carvalho

@Verdade (@V) – Que avaliação faz do desempenho da autarquia e da Assembleia Municipal na busca de soluções para os problemas dos munícipes?

Tiago Afonso Fumo (TAF) – Avaliamos de forma positiva o desempenho dos dois órgãos autárquicos, nomeadamente a Assembleia Municipal e o Conselho Municipal. É notório o trabalho que a edilidade tem vindo a realizar. Está a cumprir as promessas que constam do manifesto eleitoral em todos os dez sectores chaves desenhados pelo presidente Castro Sanfins Namuaça. Há avanços significativos, a cidade de Nampula que temos hoje não é a de antes. Tudo melhorou, desde as vias de acesso, expansão da urbe, até ao acesso à energia eléctrica, água, saúde, educação, entre outras.

Veja que, mesmo com as informações que dão conta de que o actual edil não se vai recandidatar, as actividades programadas ainda continuam a decorrer normalmente, o que não tem sido comum na nossa sociedade, e acreditamos que até ao fim do mandato tudo será resolvido. A três meses para o fim do mandato, já foram cumpridas mais de 95 por cento das actividades do manifesto eleitoral apresentado aos munícipes em 2008.

@V – Em que áreas houve avanço em termos de execução?

TAF – Em quase todas as áreas estratégicas, mas há a destacar a de infra-estruturas. Em toda a cidade decorre(ram) obras de melhoramento das valas de drenagem. Na saúde, a população das zonas recônditas teve muitos ganhos, como é o caso da zona de Mukwasse, que tem características rurais, onde foi erguido um centro de saúde melhorado que poderá ser inaugurado ainda neste mandato. Foi melhorado o sistema de abastecimento de água potável, embora o problema não tenha sido totalmente resolvido. Houve também a expansão da rede eléctrica e a descentralização das actividades municipais para os postos administrativos. Na área de educação, foram construídas duas escolas secundárias e tantas outras de nível primário. Já temos o Balcão de Atendimento Único (BAU Municipal), entre outras realizações.

Houve aquisição de quatro autocarros para o transporte público, pese embora ainda persista a falta de peças sobressalentes; tudo foi resultado do plano aprovado pela Assembleia municipal, que através das comissões de trabalho persuadiu a edilidade a executá-lo.

Em relação à gestão da empresa de Transportes Públicos de Nampula, como fiscalizadores estamos a notar que os autocarros que a edilidade adquiriu através do Governo Central estão avariados porque não há pessoal especializado capaz de garantir a sua manutenção, daí que se leve muito tempo para se proceder à sua reparação. Mas o bom é que estes meios estão a ajudar sobremaneira a população que reside nos diversos bairros deste município.



@V – Qual é a área mais problemática da cidade de Nampula?

TAF – É a área de saneamento. O grande problema que nós temos no saneamento é a educação dos munícipes. O que acontece é que não conseguem distinguir o lixo que deve ser depositado nos contentores do que é para ser incinerado.

O Conselho Municipal da Cidade de Nampula tem os carros de recolha de lixo mas se passarmos pelas lixeiras vamos encontrar garrafas, pedras, plásticos e diversos objectos que não podem entrar nos nossos camiões.

Os trabalhadores quando chegam ao local onde está o contentor não podem separar os resíduos, o que faz com que as nossas viaturas estejam sempre avariadas.

A outra questão que preocupa a autarquia é o acesso a água potável, embora durante o mandato tenha havido melhorias. Quero afirmar que nos próximos tempos a situação vai melhorar, a cidade de Nampula já não se vai queixar de problemas ligados ao acesso ao precioso líquido. A edilidade e os seus parceiros estão a trabalhar nesse sentido.

Devo ainda apelar aos munícipes para que valorizem as infra-estruturas feitas durante o mandato como sendo suas, usando-as de uma forma correcta. Aliás, devem assim proceder também com as vias de acesso, entre outras.

@V – Em que nível se encontra o processo de descentralização da gestão municipal?

TAF – O que está a acontecer é que há um grupo de pessoas que não quer ver as actividades municipais a desenvolverem. Por exemplo, quando o presidente da Assembleia Municipal vai a um bairro alguns membros da oposição sensibilizam a população para não rir aos encontros. E isso não é somente quando se trata do presidente deste órgão, acontece também com as comissões de trabalho.

Quando eles deixarem de fazer “politiquices”, quero garantir que poderemos registar melhorias em termos de execução e respeito pelas actividades municipais. Na verdade, queremos que todos os membros da Assembleia Municipal de Nampula ajudem no melhoramento das actividades levadas a cabo pela edilidade, independentemente da sua filiação política. Temos de respeitar a vontade dos munícipes, que depositaram a sua confiança neste elenco.

@V – E em relação à descentralização?

TAF – Sim, algumas áreas foram descentralizadas. Refiro-me, por exemplo, à das infra-es-

truturas, sobretudo na componente de vias de acesso. Acreditamos que algumas coisas precisam de ser melhoradas, mas tudo acontece paulatinamente.

@V – Que balanço faz do trabalho das duas bancadas que constituem a Assembleia Municipal?

TAF – Na Assembleia Municipal há duas bancadas, uma que trabalha e outra não. Os membros desta última apenas participam nas sessões por causa das senhas de presença, e só vão no fim do mês levantar os seus subsídios. Refiro-me à bancada da Renamo, para a qual nenhum trabalho merece uma apreciação positiva.

O mais preocupante é que enquanto a bancada da Renamo desmotiva a população a não se envolver no processo da governação municipal, a da Frelimo tem ido ao terreno identificar problemas, procurar soluções junto dos munícipes.

Neste momento, nas dez comissões de trabalho foram criadas brigadas que estão a trabalhar nos diferentes bairros. Apesar de os membros da Renamo terem aceite fazer parte, não se fazem presentes no terreno.

@V – Tendo em conta este cenário, pode-se dizer que a bancada da Renamo é improdutiva?

TAF – A bancada da Renamo não colabora em nada nos trabalhos da Assembleia Municipal. Durante o mandato não participou em nenhuma actividade. Várias vezes tentámos incluir os seus membros nos grupos de trabalho mas estes simplesmente não aparecem.

@V – A que comissões se refere?

TAF – Às comissões que constituem a Assembleia Municipal, nomeadamente de Transportes, Saúde, Educação, Promoção Económica, Mercados e Feiras, Infra-estruturas, Obras e Saneamento, Salubridade, Polícia Camarária e Área Social. Trabalhamos na fiscalização das actividades realizadas pelo Conselho Municipal e durante o nosso trabalho pressionamos a edilidade a cumprir o seu manifesto eleitoral e a executar as actividades previstas no plano.

@V – Como é que olha para a qualidade das obras executadas na cidade de Nampula?

TAF – São de boa qualidade, mas o que nos inquieta é a falta de seriedade por parte de alguns empreiteiros, como é o caso de um que ganhou o concurso para a construção do Centro de Saúde de Namiepe e depois abandonou as obras.

Devido à nossa pressão, a edilidade teve de rescindir o contrato e lançar um novo concurso.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634



O Jornal mais lido em Moçambique.

NEGLIGENCIA

A verdade em cada palavra.

Destaque

Luta pelo poder?

A mudança de Afonso Dhlakama para Sathunjira, há um ano, representou sempre um barril de pólvora para a estabilidade política no país. A sua estadia foi, por essa altura, diabolizada e apontada como contraproducente por uma extensa lista de riscos para a democracia. Desde então, o país registou uma inusitada entrada de material bélico, uma demonstração inequívoca de que poderia ser resolvido pelas armas o entrave que o diálogo se mostrou incapaz de ultrapassar...

Texto: Rui Lamarques

Foto: Arquivo @Verdade



“O que pensas da ocupação de Sathunjira pelas forças governamentais?” Na esfera pública, a pergunta é como apresentar o Bilhete de Identidade. A resposta diz quem és, dá ou tira inimigos, coloca uma etiqueta num país “dividido” em dois por razões políticas. Não pronunciar uma opinião rotunda sobre os últimos episódios na antiga base da Renamo resulta quase suspeito. Somos pró Guebuza ou anti-Guebuza, lambe-botas ou revolucionários a favor ou contra Dhlakama. O meio-termo não está na moda em Moçambique. Guebuza, por mais que se negue, é um animal político superdotado, avivou este desgarrar na opinião pública e desde sempre gerou uma idolatria desmedida ou uma repulsa visceral. Dhlakama, ao contrário, é compreendido como um político instável ou até uma corda entre líder militar e político. No entanto, é uma figura incontornável no actual cenário político moçambicano. A fuga dos cérebros da Renamo, por exemplo, é apontada como um dos grandes males de Afonso Dhlakama pelo facto de, por um lado, ter centrado o poder nas suas mãos e, por outro, ter contribuído para afastar do partido a possibilidade de se apresentar como uma alternativa aos moçambicanos. Portanto, reconhecer hoje, com lucidez, a responsabilidade de um e de outro na situação de conflito armado na qual o país parece ter mergulhado resulta uma tarefa impossível para boa parte da opinião pública esclarecida.

Como é Moçambique em 2013? É um país mais livre e mais justo e um dos pilares da integração regional ou uma sociedade dependente de doadores e megaprojectos, acossada de males crónicos como a terrível insegurança alimentar e com uma economia estancada?

“A mim Guebuza fez pessoa”, faz o seu balanço Eleutério Castro. A frase impressiona, sobretudo quando brota sem fanatismo, com uma certeza sem fissuras e um agradecimento profundo. Analfabeto e pobre, este ancião de Angónia considerou-se sempre uma cidadão de segunda até que, passados os 60 anos de idade, criou um negócio com o famigerado Fundo dos Sete Milhões, graças ao Governo.

Guebuza pôs, com acerto, no centro do seu discurso, estes moçambicanos esquecidos por governos anteriores e tornou-lhes conscientes da possibilidade de prosperar fora dos grandes centros urbanos. As maiores vitórias do guebusismo são as dezenas de milhares de moçambicanos com nome e apelido aos quais a Presidência Aberta deu voz.

“Neste sentido, creio que olhar para os distritos era uma necessidade histórica”, dizia numa entrevista Joaquim Chissano, antigo estadista moçambicano. Um país não via o outro país, o meio urbano e o rural não dançavam a mesma música e nem falavam da mesma maneira e os líderes políticos e económicos ignoravam a existência e as necessidades da parte mais frágil da sociedade até que o guebusismo deu um sonoro murro na porta e disse: “Estamos aqui”. Esta mudança é irreversível, até a

oposição mais recalcitrante o sabe, e qualquer Governo futuro não pode passar por alto esta realidade.

Contudo, Guebuza, com os anos, foi deixando também de fora do seu projecto de país uma parte importante dos cidadãos. Comigo ou contra mim. E assim a exclusão política substitui a exclusão social.

Segundo a Instituto Nacional de Estatística, o número de moçambicanos pobres tem vindo a aumentar, enquanto a economia cresce cerca de 7 por cento ao ano. Para os adversários de Guebuza, ao impulsionar estes programas de renda ou alimentação, o Presidente não procurava o bem-estar nem a justiça social, mas sim os votos para perpetuar o seu partido no poder.

A pergunta, agora, é se as promessas de projectos sociais que concederam tanta popularidade ao Presidente da República nos distritos tem estrutura necessária para sobreviver. Desde 2010, o distanciamento de Guebuza em relação aos projectos como Revolução Verde acentuou-se e até o combate ao deixa-andar, que se tinha convertido no seu cavalo de batalha, foi literalmente relegado para segundo plano. A reversão da Hidroeléctrica de CahoraBassa e os mega-projectos marcaram uma nova era no discurso de Guebuza.



Na verdade, a economia moçambicana bateu recordes de crescimento, mas milhões de moçambicanos sentem-se hoje desgastados por um projecto político que não se parece em quase nada com o que votaram em 2004 e 2009. Houve em Moçambique uma verdadeira revolução verde e um acirrado combate ao clientelismo e deixa-andar? Em muitos casos, a desilusão e a impotência são tão fanáticas porque o Presidente contava com apoio e recursos necessários para ter transformado o país e resolvido os seus problemas mais prementes. Começando pelo crescente aumento de custo de vida que culminou com os tumultos de 5 de Fevereiro de 2008 e 1 Setembro de 2010.

É difícil saber até que ponto Guebuza é consciente dos seus fracassos, de que o combate ao deixa-andar e a luta contra a pobreza que impregnou no seus discursos não calaram no fundo de um povo que precisava de novos rumos.

Com o tempo, o Presidente da República cedeu à tentação de um narcisismo

extremo que parecia cegá-lo e que o impeliu, inclusive, a institucionalizar o guebusismo para lhe dar continuidade para além da sua pessoa. O líder moçambicano criou condições para que nada lhe fizesse sombra nas suas fileiras enquanto a oposição, totalmente desorientada e dividida, necessitou de anos para encontrar um projecto construtivo e um candidato capaz de se medir com a Frelimo nos pleitos eleitorais. A verdade é que Guebuza foi durante muito tempo líder do Governo e da oposição.

É, portanto, nesta óptica de líder incontestável que o país degenerou na situação de conflito armado. Convencido da importância de eliminar Dhlakama fisicamente para governar sem fissuras, Guebuza deu ordens para que Sathunjira fosse ocupada e o líder da Renamo morto, de acordo com a percepção da opinião pública. Exactamente na semana em que os membros daquela formação política celebravam o desaparecimento físico de André Matsangaissa. Finalmente, o único adversário de peso de Guebuza acabou por ser um elemento inesperado com que ninguém, e muito menos ele, pareceria haver contado: Dhlakama foi informado do plano, saiu antes do ataque do local e está vivo.

Dhlakama afirmou que não vai retaliar e que não pretende a guerra. Porém, através do porta-voz do seu partido, Fernando Mazanga, anunciou que tinha perdido o controlo dos seus homens. O que se pode depreender desta volte-face discursiva, passados dois dias, é que existe um espaço para o diálogo ou que o líder da Renamo pretende ganhar tempo para se refazer da humilhação de Sathunjira e, ao mesmo tempo, distancia-se de qualquer ataque que possa ocorrer.

Destaque

Renamo afirma que os seus homens armados são um grande perigo à paz

A Renamo adverte que o país poderá conhecer momentos muito conturbados nos próximos tempos causados pelos seus ex-guerrilheiros que, neste momento, estão sem comando, uma vez que o líder do partido, Afonso Dhlakama, ora em parte incerta, perdeu o controlo sobre eles. Para Arnaldo Chalaua, chefe da bancada parlamentar deste partido, esta situação deriva da tentativa do Governo de regressar ao monopartidarismo, mas assegura que a “Perdiz” não irá parar de lutar pela democracia.

Este aviso foi dado pelo porta-voz da bancada da Renamo, Arnaldo Chalaua, em entrevista ao @Verdade, durante a qual admitiu que, neste momento, não existe nenhuma estratégia ou mecanismo ao nível do partido para evitar que os homens armados que se encontram nas matas protagonizem ataques bélicos a quem quer que seja.

Assim, argumentou Chalaua, se o Governo, ao executar o ataque contra o líder da Renamo, na sua residência em Sathunjira, pretendia “preservar a paz”, acabou por criar mais condições para a instabilidade política no país, pois os homens armados da Renamo estão sem comando.

“Estamos agora numa maior ameaça à paz,” disse no momento em que explica que quando os homens armados da Renamo eram orientado pelo presidente Dhlakama era tudo muito simples e fácil, porque eles obedeciam ao seu comando. “Os ânimos militares são sensíveis. E porque estão em locais que ninguém sabe sem orientação do presidente tornam-se extremamente perigosos. Neste momento, não temos nenhum mecanismo de controlo destes homens.”

Chalaua como que a querer mostrar a gravidade da situação, recordou que aquando da assinatura do Acordo Geral da Paz (AGP) o seu presidente ordenou que os seus homens parassem de atacar e eles obedeceram. “Agora ele não tem como dar essa ordem, porque está a ser caçado e os que fazem isso esquecem-se de que ele é um interlocutor válido para a manutenção da paz em Moçambique.”

Diante dessa situação, entende o porta-voz da bancada da Renamo que o Presidente da República, Armando Guebuza, devia chamar a consciência para si e deixar de lado algumas regras e protocolos, “humilhar-se perante os moçambicanos” e concordar em criar mecanismos válidos para um diálogo sério capaz de ultrapassar as diferenças. “Não pode, o povo moçambicano, ficar refém de três pontos da legislação eleitoral,” disse.

Aliás, relativamente ao diálogo político que decorre entre o Governo e a Renamo e que ainda está ao nível das delegações, Chalaua, de forma peremptória, disse que não há razões desta continuar, pelo menos, a este nível porque as duas equipas já provaram ser incapazes de alcançar consenso.

Guebuza perdeu o controlo da situação por ganância

Para a Renamo, o ataque à residência da Afonso Dhlakama e o discurso apresentado oficialmente pelo Governo relativamente a este assunto, segundo o qual aquela investida não foi ordenada pelo Chefe de Estado é uma evidente demonstração de que Armando Guebuza também perdeu o controlo sobre as Forças Armadas de Defesa de Moçambique, pois, de outro modo, teria sido ele a determinar que estas atacassem.

Esta situação é, entretanto, originada pelo excesso de ganância por parte do Presidente Guebuza, pois este, ao invés de procurar o seu

possível sucessor, uma vez que está no final do seu mandato, está a criar formas de se perpetuar no poder. Para Chalaua os impasses e o suposto carácter rígido da delegação governamental no diálogo com a Renamo resulta das instruções dadas pelo Presidente da República.

“O poder é apetitoso, sobretudo numa altura em que se anuncia a existência de muitos recursos mineiras por explorar no país. Guebuza devia-se preocupar em preparar um bom terreno para o futuro governante. Afinal qual é o legado que ele pretende deixar?”

Por outro lado, argumenta o porta-voz, se Guebuza tiver dado ordens para que as FADM atacassem a base da Renamo cometeu um acto igualmente grave, pois assim estaríamos diante de um flagrante atropelo à lei, uma vez que a norma jurídica estabelece que estas forças só intervêm com a ordem de Presidente da República depois de este ter ouvido o Conselho de Estado.

Chalaua disse ser importante não perder de vista o facto de em Moçambique termos a Polícia que é a entidade responsável pela integridade territorial e pela segurança públicas.

“Se as coisas estão a acontecer desta maneira significa que o Presidente da República também perdeu o controlo da situação,” sublinhou.



Estado devia proteger Dhlakama

Convidado a explicar o significado da extinção, agora, do AGP quando o Governo já vem “cantando” há bastante tempo que este foi integrado na Constituição da República aprovada após o referido acordo, Chalaua disse que este documento só extinguiu a partir do momento que o “Governo tentou assassinar” o líder da Renamo, um dos signatários.

“O AGP fundamenta-se com os seus obreiros que são os signatários deste acordo. Desfez-se esse acordo através desta guerra aberta contra a Renamo,” disse.

O Estado, segundo explicou, contrariamente à sua tentativa de eliminar Afonso Dhlakama devia, sim, protegê-lo, uma vez que este é Conselheiro do Estado e líder de maior partido da oposição no país.

“A tentativa de eliminar o presidente da Renamo numa altura em que o diálogo parecia o único caminho para o desanuviamento do clima de tensão é sinónimo de um grande retrocesso.”

Para o nosso interlocutor, o tipo de armamento usado no ataque demonstra de forma inequívoca que a intenção era matar o seu líder. “Repare que até parecia um país a atacar o outro. Carros de guerra para o presidente da oposição, numa altura que este pedia para se retirarem os militares da zona de Satundjira de modo a aliviar a circulação no troço entre Mu-xúnguê e o rio Save.”

“Renamo tem uma percepção distorcida da democracia”, Frelimo

A bancada parlamentar da Frelimo, na Assembleia da República (AR), reagindo aos pronunciamentos da Renamo sobre o alegado fim da democracia multipartidária em consequência da tomada da base do presidente da Renamo, Afonso Dhlakama, disse que este partido tem uma percepção errada da democracia e do Acordo Geral de Paz (AGP).

Primeiro é que a democracia não se conquista com o poder das armas, nem pela imposição de ordens aos outros, explicou o porta-voz desta bancada, Edmundo Galiza Matos Jr. Em segundo lugar, explica, é preciso que percebamos que o AGP que a Renamo tanto invoca ficou extinto logo na primeira legislatura quando entrou em vigor a primeira Constituição da República.

Galiza Matos diz que os ataques que se registaram nos últimos dias são condenáveis, principalmente porque anda existe espaço para o diálogo. Aliás, disse, o Parlamento constitui um espaço privilegiado para o diálogo entre os políticos.

“Este é o espaço para debater as leis a as ansiedades do povo. Sobre o debate eleitoral, o Parlamento esteve e continua aberto para mais uma vez debater para o bem da democracia,” disse atirando a culpa à Renamo pelo actual estado de tensão política.

Para a manutenção da paz e estabilidade política no país este entende que é importante que se respeite as instituições democraticamente eleitas e a separação

de poder.

“A Renamo quer dar ordens ao Governo para que este, por sua vez, dê ordens ao Parlamento, mas nos vivemos num Estado onde vigora a separação de poderes. E agir dessa forma que contraria esse princípio estaríamos a ir contra a democracia, o Estado de direito e de justiça social que estamos a construir,” disse.

A Frelimo, contrariamente à visão da Renamo, entende não haver risco de o diálogo entre as delegações do Governo e da Perdiz “colapsar” por falta de cedência do Executivo em relação à proposta da Renamo de incluir facilitadores. A verdade é que, com o ultimato da Renamo de não dialogar sem a presença de observadores nacionais e a renitência do Governo em abrir espaço para a intervenção de “terceiros”, o diálogo ao nível das delegações evidencia sinais de extinção.

No entanto, Galiza Matos insiste no facto de que a equipa da Renamo tem a liberdade de convidar, querendo, assessores para a mesa de diálogo. “O problema da Renamo é que tem vários comandos, uns vem do centro de Moçambique, outros saem da capital e ainda outros que não se sabe de onde vêm.”

O porta-voz da bancada da Frelimo diz que, tal como procedeu durante a sessão extraordinária da Assembleia da República, continua-se à espera de que a Renamo submeta a proposta de revisão da legislação eleitoral para que esta seja debatida em plenária.

Governo e Renamo devem dialogar de forma objectiva

O Governo moçambicano e a Renamo, o maior partido da oposição, devem retomar o diálogo político de forma mais objectiva e resolverem definitivamente os diferendos sobre o Acordo de Roma, com vista a desanuviarem a tensão que se vive no país, defendeu esta terça-feira (22) o chefe da bancada do Movimento Democrático de Moçambique (MDM), Lutero Simango.

Simango disse ainda que o diálogo não deve servir para “hipotecar” o futuro de Moçambique através de tomada de decisões que beneficiem apenas os dois grupos, pois “o futuro de Moçambique não pertence aos dois, mas a todos nós.”

“Todos nós temos responsabilidades e é preciso que se fale abertamente sobre a reconciliação nacional. Se ela é, ou não, efectiva,” referiu. Para este político, “o diálogo das segundas-feiras” ao invés de renovar as esperanças dos moçambicanos está, cada vez mais, a criar incerteza sobre o futuro do país.

“As partes envolvidas no diálogo devem retomá-lo num formato mais construtivo, engajado e mais objectivo e é importante que se fale abertamente dos problemas,” disse Simango quando convidado a reagir em torno dos tomados da base de Renamo, em Sathunjira, Sofala.

Manifestando repúdio em relação aos ataques violentos entre as forças governamentais e da Renamo, Simango afiançou ser necessário identificar os factores que permitam a manutenção da paz e falar-se

abertamente sobre a liberdade e os direitos políticos. Aliás, sobre esse último aspecto, defende que a boa governação, a liberdade e a democracia “só existem onde há uma justiça séria”

“A tranquilidade de um Estado só existe onde há forças de defesa e segurança apartidárias, que estão para defender os interesses do Estado, das instituições e dos cidadãos,” disse acrescentando que “os moçambicanos não merecem toda esta violência, por isso repudiamos todo e qualquer tipo de violência”

Simango esclareceu, por outro lado, ser importante que os moçambicanos não percam de vista uma das razões da tensão política, que é a legislação eleitoral. Embora considere que a actual norma que rege as eleições no país seja a melhor nos últimos anos, entende que ainda há espaço para que se melhore.

Este chama a atenção ainda para o papel que a sociedade tem na prevenção de um possível conflito armado através do seu poder de voto. Da sua explicação se depreende que os cidadãos eleitores devem eleger os seus governantes tendo em conta a importância do equilíbrio no Parlamento.

“Os moçambicanos, da mesma forma que constituíram a actual Assembleia da República através do voto, também têm o poder de alterar este quadro, porque a mãe deste problema é o pacote eleitoral,” clarificou juntando que a “única maneira de virar este jogo é ter um maior número de assentos na Assembleia de República.”

Destaque

Fim da paz?

As Forças de Defesa e Segurança atacaram, na tarde desta segunda-feira, com recurso a armamento bélico “pesado”, a base da Renamo, em Santhunjira, na província central de Sofala, onde Afonso Dhlakama fixou residência há cerca de um ano. Embora os seus homens não tenham respondido ao ataque, o líder da “Perdiz” abandonou o local, estando neste momento em parte incerta.

“A tomada da base do presidente Dhlakama, pelos Comandos das FADM/FIR, marca o fim da democracia multipartidária em Moçambique. Esta atitude irresponsável do Comandante-em-Chefe das Forças de Defesa e Segurança, coloca ponto final aos entendimentos de Roma” afirmou o porta-voz da Renamo, em conferência de Imprensa na tarde desta segunda-feira em Maputo.

“Queremos informar os moçambicanos que o presidente Afonso Dhlakama mudou do local onde vinha residindo há um ano, porém, está de boa saúde e com o moral bastante elevado, pois este acto belicista do Governo veio mostrar quem de facto não quer a paz, não quer democracia, pretende processos eleitorais não transparentes de modo a perpetuar-se infinitamente no poder,” acrescentou o porta-voz da Renamo, Fernando Mazanga.

A RENAMO ainda não respondeu ao ataque das forças governamentais; entretanto, avisa que não sabe qual será a situação nas próximas horas pois o seu líder, Dhlakama, está a perder o controlo da situação. “Os próximos actos não deverão ser imputados ao presidente da Renamo, pois ele tudo fez para manter a calma, a paz, a democracia multipartidária”, sublinhou.

A RENAMO entende que este ataque resulta do facto de o seu presidente ter “desafiado o Presidente da República, Armando Guebuza, a deixar de condicionar a circulação de pessoas e bens no troço que vai de rio Save até Muxúnguê, a partir deste segunda-feira (21)”.

“Neste momento que estou a falar, Santhundjira está a ser fustigado com armamento bélico pesado, nomeadamente, canhão 75mm, morteiro 82mm, B10, anti-áreas e outro tipo de material de calibre superior”, referiu.

Este partido considera que a tomada da base do Afonso Dhlakama, pelas forças governamentais, “marca o fim da democracia multipartidária” em Moçambique. “Esta atitude irresponsável do Comandante-em-Chefe das Forças de Defesa e Segurança coloca ponto final aos entendimentos de Roma”, disse Mazanga.

No entanto, a “Perdiz” reitera que está disposta a lutar pela democracia no país, pois os seus quadros estão “proibidos de ter medo”. Na sua intervenção, o porta-voz da RENAMO sublinhou que “a solução militar já se mostrou no passado ser inviável para ocasiões desta natureza.

“Continuamos a condenar aqueles que ainda acreditam nas armas para a solução dos problemas de ordem político-ideológica, pois o século XXI não se compadece com mentes belicistas do tipo que estamos hoje a assistir em Moçambique”.

Recorde-se que esta segunda-feira a delegação da Renamo não se fez presente ao encontro com a sua contraparte do Governo a fim de se dar continuidade ao diálogo político.

Dhlakama exige fim da perseguição

Afonso Dhlakama, líder do maior partido de oposição em Moçambique, Renamo, exige o fim da “perseguição militar” de que é alegadamente alvo para retomar as negociações com o Governo de Maputo, segundo o académico Lourenço do Rosário, que falava no final de um encontro com alguns dirigentes da “Perdiz”, na capital do país.

Em declarações à Imprensa, Lourenço do Rosário, que tem intermediado o processo negocial entre o principal partido da oposição e o Governo, disse que “durante estas duas horas em que estivemos reunidos com a delegação da Renamo, pediram-nos para transmitir ao Presidente (de Moçambique) a vontade de dialogar, mas há questões que se modificaram. Gostariam de ver do lado do Governo alguns sinais de desanuviamento para permitir que o presidente da Renamo possa reaparecer, porque neste momento, para

todos os efeitos, está a ser militarmente perseguido”.

De acordo com a Agência Lusa, Lourenço do Rosário afirmou que Afonso Dhlakama, em parte incerta desde o suposto ataque à sua base em Sathunjira, disse aos quadros do seu partido que estão em Maputo que mantém o compromisso com a paz, mas está impedido de dirigir o processo de diálogo com o Governo devido à acção militar em curso.

“Ele reafirma que não quer voltar à guerra e a delegação da Renamo pediu para transmitir ao Presidente da República essa vontade”, sublinhou Lourenço do Rosário. O mediador lamentou o facto de ambas as partes emitirem sinais contraditórios relativamente ao modo como pretendem resolver a actual crise política, admitindo haver sectores que defendem “uma solução final” para o diferendo.

Liga questiona “silêncio cúmplice” dos órgãos de soberania

Afonso Dhlakama, líder do maior partido de oposição em Moçambique, Renamo, exige o fim da “perseguição militar” de que é alegadamente alvo para retomar as negociações com o Governo de Maputo, segundo o académico Lourenço do Rosário, que falava no final de um encontro com alguns dirigentes da “Perdiz”, na capital do país.

Em declarações à Imprensa, Lourenço do Rosário, que tem intermediado o processo negocial entre o principal partido da oposição e o Governo, disse que “durante estas duas horas em que estivemos reunidos com a delegação da Renamo, pediram-nos para transmitir ao Presidente (de Moçambique) a vontade de dialogar, mas há questões que se modificaram. Gostariam de ver do lado do Governo alguns sinais de desanuviamento para permitir que o presidente da Renamo possa reaparecer, porque neste momento, para

todos os efeitos, está a ser militarmente perseguido”.

De acordo com a Agência Lusa, Lourenço do Rosário afirmou que Afonso Dhlakama, em parte incerta desde o suposto ataque à sua base em Sathunjira, disse aos quadros do seu partido que estão em Maputo que mantém o compromisso com a paz, mas está impedido de dirigir o processo de diálogo com o Governo devido à acção militar em curso.

“Ele reafirma que não quer voltar à guerra e a delegação da Renamo pediu para transmitir ao Presidente da República essa vontade”, sublinhou Lourenço do Rosário. O mediador lamentou o facto de ambas as partes emitirem sinais contraditórios relativamente ao modo como pretendem resolver a actual crise política, admitindo haver sectores que defendem “uma solução final” para o diferendo.



Cronologia do impasse

2013, 21 de Outubro

Forças governamentais cercaram e tomaram a base da RENAMO na Gorongosa. Logo a seguir, a RENAMO, anunciou o fim do Acordo de Paz de 1992. “A atitude irresponsável do Comandante-em-Chefe das forças de segurança coloca um termo ao Acordo de Paz de Roma”, declarou o porta-voz da RENAMO, Fernando Mazanga, numa crítica directa ao Presidente Armando Guebuza. Segundo a RENAMO, o Exército moçambicano tomou a residência de Afonso Dhlakama, obrigando-o a abandonar a casa. Dhlakama fugiu de “boa saúde”, acrescentou o porta-voz. O controlo da antiga base rebelde pelos militares moçambicanos também foi confirmado pelo Ministério da Defesa de Moçambique.

2013, 17 de Outubro

Ataques armados marcaram o primeiro aniversário de Afonso Dhlakama na sua base em Sathunjira, Gorongosa. Segundo o Ministério da Defesa Nacional de Moçambique, as Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM) abateram dois homens armados da RENAMO em resposta a uma “emboscada”. O director Nacional de Política de Defesa no Ministério da Defesa, Cristóvão Chume, disse que as mortes aconteceram no distrito

de Gorongosa, centro de Moçambique, quando elementos armados da RENAMO atacaram militares que faziam um trabalho de rotina na área. “Na zona de Mucodza, distrito de Gorongosa, uma subunidade das FADM, que realizava a sua actividade normal de trânsito, proveniente de Casa Banana em direcção à vila de Gorongosa, a cerca de sete quilómetros desta vila, sofreu uma emboscada e, em resposta, abateu dois homens da guerrilha da RENAMO, capturou um e apreendeu duas armas”, disse Cristóvão Chume.

2013, 14 de Outubro

A RENAMO volta para trás e senta-se de novo à mesa das negociações com o Governo de Moçambique. O encontro termina, como já é do costume, sem resultados palpáveis.



2013, 7 de Outubro

Depois de mais um encontro regular às segundas-feiras, a RENAMO anunciou

a suspensão das negociações com o Governo e exigiu a participação de facilitadores nacionais e observadores internacionais. “Não vamos romper o diálogo, estamos prontos para estar aqui todas as segundas-feiras para trabalhar, mas, perante a falta de consenso, as próximas rondas não vão iniciar sem a presença de facilitadores nacionais e observadores internacionais”, disse o chefe da delegação da principal força política da oposição moçambicana, Saimon Macuiane, que é também deputado da RENAMO na Assembleia da República.

Por seu turno, o chefe da delegação do Governo, José Pacheco, rejeitou a exigência da RENAMO. “Até este momento, ainda não há razões bastantes para recorrermos a terceiros para resolvermos as questões levantadas pela RENAMO para estas negociações. O que nós achamos é que a delegação da Renamo não se sente com qualidade suficiente para debater estes assuntos, mas nós reiteramos que ela é soberana para contratar quem quiser para esta assessoria”, disse Pacheco.

Falhou o encontro paralelo dos militares por ausência da delegação militar da RENAMO. Saimon Macuiane apontou dificuldades financeiras do seu partido como razão para os militares da Renamo não

se terem deslocado de Santhunjira para Maputo. É na localidade de Santhunjira, nas proximidades do Parque da Gorongosa, província de Sofala, no centro do país, onde se situa a base central do movimento.



2013, 11 de Setembro

O líder da RENAMO, Afonso Dhlakama, reiterou que só se vai reunir com o Presidente moçambicano, Armando Guebuza, se a Polícia e o Exército forem retirados da antiga base central do movimento. “Quero o encontro, urgente, desde que retirem todos os elementos das Forças Armadas de Defesa e Segurança de Moçambique e agentes da Força de Intervenção Rápida que cercam a minha base”, disse Dhlakama. “Se não retirarem estes militares, jamais sairei daqui para uma reunião com Guebuza. Os militares que cercam a minha base não vieram para festejar comigo. Querem eliminar-me fisicamente. E, para evitar que isso aconteça, não abandonarei esta base”.

2013, 6 de Setembro

O Presidente moçambicano, Armando Guebuza, responsabilizou a RENAMO por ainda não se ter encontrado com o líder do movimento, Afonso Dhlakama, para a resolução da crise política no país. “A delegação do Governo diz que vamos preparar o encontro, a delegação da RENAMO diz não e coloca uma série de coisas, condicionando tal diálogo. Quando me posso encontrar com ele, faço-o sem problemas”, afirmou Guebuza.

2013, 2 de Setembro

Como as tentativas anteriores, a décima nona ronda de negociações entre a RENAMO e o Governo fracassou. A RENAMO pede uma mediação para facilitar as conversas entre as duas partes.

2013, 26 de Agosto

A décima oitava ronda de negociações entre a RENAMO e o Governo terminou – como a décima sétima ronda na semana anterior – sem conclusões.

2013, 15 de Agosto

Encerrou a sessão extraordinária do Parlamento de Moçambique. A Assembleia da República foi convocada para apreciar eventuais propostas de revisão do pacote eleitoral saído das negociações entre

Texto & Foto: DW

Destaque

o Governo e a RENAMO. Aumentam os receios em relação ao eventual desfecho da actual tensão política no país.



2013, 14 de Agosto

Novo impasse voltou a registar-se nas negociações entre o Governo moçambicano e a RENAMO. Ao cabo de 16 rondas negociais, as duas partes não conseguiram alcançar um acordo com vista a pôr fim à tensão política no país que tem degenerado em cenas de violência, nos últimos meses.

2013, 14 de Agosto

Na região de Pandje, na província de Sofala, no centro de Moçambique, regista-se um confronto entre a RENAMO e forças do Governo. A RENAMO diz ter matado 36 soldados, já o Governo fala de uma vítima mortal. O porta-voz do principal partido da oposição, Fernando Mazanga, acusa as forças governamentais de terem lançado o ataque: “Um contingente composto por 225 elementos das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM) e da Força de Intervenção Rápida (FIR) atacou a segurança da RENAMO, usando armas de guerra de alto teor bélico”.

2013, 6 de Agosto

Expira o prazo para o registo dos partidos que pretendem concorrer às eleições autárquicas de Novembro de 2013: a RENAMO fica fora da corrida eleitoral. O maior partido da oposição não se inscreveu. Os seguintes partidos fizeram o registo: FRELIMO, Movimento Democrático de Moçambique (MDM), Partido Humanitário de Moçambique (PAHUMO), Partido Trabalhista (PT), Partido para a Paz, Democracia e Desenvolvimento (PDD), Partido Independente de Moçambique (PIMO), Partido Nacional de Moçambique (PANAMO), Partido de Renovação Nacional (PARENA) e Partido do Progresso Liberal de Moçambique (PPLM), bem como a coligação do Partido Ecologista e do Movimento Patriótico para a Democracia (MPD).



2013, 5 de Agosto

A décima quarta ronda das negociações entre a RENAMO e o Governo termina, como as duas anteriores, sem resultados concretos.

2013, 30 de Julho

Afonso Dhlakama, o líder da RENAMO, diz durante a reunião do Conselho Nacional da RENAMO, que caso as negociações com o Governo para resolver a tensão política prevalecente em Moçambique não produzam resultados num prazo de uma semana, poderá “tomar medidas à sua maneira”. O Governo rejeita o ultimato.

2013, 29 de Julho

O líder da Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), Afonso Dhlakama, ameaça dividir o país em províncias independentes, caso o Governo prossiga com as eleições autárquicas marcadas para Novembro de 2013. A realização das

eleições autárquicas a 20 de Novembro, com os órgãos eleitorais “incompletos”, constitui um “acto fatal para a democracia multipartidária” em Moçambique, avisa Dhlakama. Caso se realizem as eleições autárquicas “vamos dividir o país”, afirma Afonso Dhlakama. Diz também que se assiste ao “fim da unidade nacional” com a recusa da FRELIMO de aumentar a representação da sociedade civil nos órgãos eleitorais.

2013, 15 de Julho

A décima primeira ronda das negociações entre o maior partido da oposição moçambicano, a RENAMO, e o Governo trouxe, pela primeira vez, resultados. Relativamente ao pacote eleitoral, poderão ser feitas as mudanças exigidas pelo maior partido da oposição. Os políticos chegaram a um acordo parcial sobre a composição da Comissão Nacional de Eleições (CNE). Já quanto à desmilitarização da RENAMO, exigida pelo Governo, permanece o impasse.

2013, 8 de Julho

A décima ronda negocial entre a RENAMO e o Governo termina sem acordo. Em cima da mesa estavam três questões, nomeadamente a preparação de um encontro entre o Presidente Armando Guebuza e o líder da Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), Afonso Dhlakama, a desmilitarização da RENAMO e a revisão do pacote eleitoral.

2013, 6 de Julho

Forças governamentais destruíram um acampamento de antigos guerrilheiros da RENAMO, com 53 cabanas, na região de Mogomonha, distrito de Chibabava, província de Sofala. O comandante da Polícia em Sofala, Joaquim Nido, diz que no local estavam homens armados que realizaram ataques contra alvos civis nas últimas semanas no trajecto que liga o rio Save a Muxunguê. “As operações tinham em vista tornar a zona livre de bandidos, para restabelecer o nível de estabilidade e devolver a tranquilidade ao troço”, justificou. “Eles estão à procura da RENAMO para a atacar”, diz Afonso Dhlakama, líder do maior partido da oposição, que descreve a actuação do Governo como uma “provocação”.



2013, 3 de Julho

A RENAMO assume a autoria dos ataques de homens armados em Muxunguê, Sofala, centro de Moçambique, mas nega o assalto ao paiol de Savane. Afonso Dhlakama, presidente da RENAMO, garantiu ter ordenado ataques contra alvos militares na província de Sofala para não permitir que o Exército governamental e a Polícia antimotim se concentrassem no centro, próximo ao seu quartel-general junto à Serra da Gorongosa. “Sim, autorizei o ataque... Mas dois dias depois ordenei o cessar-fogo, porque sentimos quando um civil ficou ferido, o objectivo não era civil, era atacar o Exército”, disse Afonso Dhlakama. Contudo, Dhlakama negou o assalto ao paiol de Savane, no distrito de Dondo (Sofala), a 17 de Junho, onde, além do roubo de material bélico, morreram seis militares das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM). “Não queremos a guerra, que se diga isso. Eu não quero a guerra. Mandamos parar (os ataques), mas não me perguntem ‘vão parar até quando’”, finalizou Dhlakama.

2013, 26 de Junho

Armando Guebuza exonera o chefe de Estado-Maior General das Forças Armadas (CMGFA), Paulino Macaringue, e reconduz o seu vice, Olímpio Cambona, que entrou no exército oriundo da antiga guerrilha da RENAMO. O antigo Presidente Joaquim Chissano defende uma solução pacífica para a instabilidade política no país, observando que deve ser evitada a destruição do que foi construído desde a assinatura do Acordo Geral de Paz em 1992.

2013, 25 de Junho

O Presidente moçambicano, Armando Guebuza, assegura que “o Governo permanece firme na sua determinação de, pela via do diálogo, encontrar resposta” à crise político-militar que, nos últimos dias, causou a morte de 10 pessoas em Moçambique. O país comemora 38 anos de independência.



2013, 24 de Junho

Homens armados, alegadamente da RENAMO, atacam três viaturas civis na região de Muxunguê. Entretanto, a sétima ronda de negociações entre o Governo e a RENAMO termina sem que as partes cheguem a consenso no sentido de se pôr fim à tensão política que se vive no país.

2013, 21 de Junho

O chefe do Departamento de Informação da RENAMO, Jerónimo Malagueta, é detido durante a madrugada, aparentemente na sequência das ameaças que o movimento proferiu dois dias antes. A 19 de Junho, Malagueta tinha anunciado que o seu partido iria recorrer aos seus homens armados para impedir a circulação rodoviária e ferroviária no centro do país, e contra uma alegada concentração do exército nas antigas bases militares do movimento, na região da Gorongosa, centro, onde o seu presidente, Afonso Dhlakama, se encontra instalado.

2013, 17 de Junho

Homens armados, alegadamente da RENAMO, matam seis militares num ataque contra um paiol na região de Savane, no centro do país. A incursão reacende a ameaça de uma confrontação mais grave entre as Forças de Defesa e Segurança e os antigos combatentes da RENAMO. O partido da oposição rejeita a autoria do ataque.

2013, 6 de Abril

Pelo menos duas pessoas morrem num ataque contra um autocarro de passageiros e um camião na região centro. A RENAMO não reivindica o acto.



2013, 4 de Abril

Quatro polícias e um militante da RENAMO são mortos num ataque contra uma esquadra da Polícia na cidade de Muxunguê, província central de Sofala. O objectivo é libertar mais de uma dezena de militantes da RENAMO detidos numa invasão pela Polícia da sede do partido

no dia anterior. O ataque do dia 4 é justificado pela RENAMO como retaliação à invasão da sua sede.

2012, 3 de Dezembro

Começam negociações entre o Governo e a RENAMO, que exige uma maior representação nas forças armadas, a revisão do sistema eleitoral e um quinhão mais importante das receitas de gás e carvão. As conversações falham.

2012, 17 de Outubro

Dhlakama instala uma base militar na região da Gorongosa, no centro de Moçambique, e começa a treinar antigos veteranos, exigindo uma nova ordem política. Sathunjira foi a primeira base fixa militar do então movimento rebelde da RENAMO em 1980. A data do regresso de Dhlakama a Sathunjira, 17 de Outubro, coincide com o aniversário do primeiro líder da RENAMO, André Matsangaissa, morto em 1979 durante a guerra civil. Dhlakama chegou de Nampula, a capital do norte do país e uma das províncias de maior implantação da RENAMO junto do eleitorado, onde tinha permanecido nos meses anteriores após a sua saída da capital, Maputo.



2012, 4 de Outubro

Moçambique festeja os 20 anos do Acordo Geral de Paz de 1992, que foi assinado em Roma, na Itália. Cresce a insatisfação no seio da RENAMO. Esta reclama um maior acesso às instituições do Estado, às Forças Armadas e à Comissão Nacional de Eleições (CNE).

2012, 8 de Março

Um polícia é morto em confrontos com ex-combatentes da RENAMO, instalados há três meses na sede do partido da oposição na cidade de Nampula, no norte do país.

2010

Moçambicanos saem à rua em protesto contra o aumento dos preços dos alimentos. Várias pessoas morrem em confrontos com a Polícia, que abre fogo contra os manifestantes.



2009

O líder da RENAMO, Afonso Dhlakama, ameaça recomeçar a guerra depois de voltar a perder as eleições presidenciais contra Armando Emilio Guebuza, candidato da FRELIMO. Em 2005, Guebuza tinha sido nomeado Chefe de Estado, depois de vencer as presidenciais de Novembro do ano anterior. A RENAMO volta a acusar a FRELIMO de fraude perante o resultado: 75% para Armando Guebuza. Desta vez, os observadores também acusam a Comissão Nacional de Eleições de não trabalhar de forma independente.

2000

Mais de 40 pessoas são mortas em tumultos durante protestos da RENAMO contra as eleições de 1999, nas quais Chissano tinha sido, mais uma vez, reeleito contra o seu adversário da RENAMO, Afonso Dhlakama. O maior partido da oposição protesta contra uma alegada

falta de transparência no escrutínio, enquanto observadores internacionais afirmam que este foi livre e justo.

1994

A FRELIMO vence as primeiras eleições multipartidárias com 44% dos votos contra 38% da RENAMO. Joaquim Chissano é reeleito Presidente da República. Chissano tinha assumido o cargo, depois da morte de Samora Machel num acidente de avião em 1986.



1992

FRELIMO e RENAMO assinam o Acordo Geral de Paz a 4 de Outubro, em Roma, Itália. No fim da guerra, conta-se mais de um milhão de mortos, a economia moçambicana está de rastos e o país é considerado o mais pobre do mundo.

1990

A FRELIMO abandona a ideologia marxista e revê a Constituição do país. O novo texto prevê um sistema político multipartidário. O país abre-se para uma economia de mercado. Governo e rebeldes reiniciam negociações no sentido de se chegar a um cessar-fogo. Já antes, em 1984, as duas partes do conflito tinham assinado um cessar-fogo inscrito no Acordo de Nkomati. A condição, imposta no acordo, de que a FRELIMO retiraria o seu apoio ao Congresso Nacional Africano, ANC, e a África do Sul, por sua vez, o seu à RENAMO não sobreviveria muito tempo e este primeiro cessar-fogo saíra frustrado.

1976

Eclode uma guerra civil entre o Governo da FRELIMO e os rebeldes da RENAMO, a Resistência Nacional Moçambicana. O conflito dura 16 anos. A maior parte deste período inclui-se na Guerra Fria, que se reflecte nos apoios recebidos por um e pelo outro lados: a FRELIMO, de orientação marxista a partir de 1977, é apoiada por países como a União Soviética, enquanto a RENAMO recebe assistência da África do Sul a partir de 1980, depois do colapso da Rodésia (actual Zimbabwe).



1975

Ao fim de mais de uma década de guerra de libertação, a República Popular de Moçambique é proclamada a 25 de Junho por Samora Machel, Presidente da Frente de Libertação de Moçambique, FRELIMO, e primeiro Presidente do país. A Revolução dos Cravos, que, a 25 de Abril do ano anterior, tinha derrubado a ditadura em Portugal, abriu o caminho para a independência das então províncias ultramarinas (à excepção da Guiné-Bissau, cuja independência foi proclamada unilateralmente a 24 de Setembro de 1973, e reconhecida internacionalmente, mas não por Lisboa) e para a assinatura dos Acordos de Lusaka, a 7 de Setembro de 1974, entre o Estado português e a FRELIMO. Na capital da Zâmbia é reconhecido o direito à independência do povo moçambicano e acordada a transferência de poderes. A FRELIMO assume o poder e declara Moçambique um Estado monopartidário marxista.

Cidadania



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Ontem às 9:42 ·

Voz do Editor: Fórmula Savimbi

Chegam-me notícias da fuga de Dhlakama da sua base em Sathungira. Em casos desta natureza, a prudência desautoriza qualquer espécie de certeza, mas não consigo deixar de pensar que durante as negociações no Centro de Conferências Joaquim Chissano estava a ser urdido, ao mais alto nível, um esquema para acabar com o “pai” da democracia. Se, claro, compreendermos que a única pedra no sapato de Armando Guebuza, depois da sua incontestável vitória no congresso de Muxara, é Dhlakama. A manutenção de Guebuza como “dono” da Frelimo e o poder que terá sobre o futuro Presidente de Moçambique permitir-lhe-á – enquanto líder do partido que manda no país – governar de acordo com o sal do seu próprio arbítrio. Aqui não é preciso lembrar que qualquer militante da Frelimo subordina-se ao Presidente do Partido. E Guebuza sabe, de ciência certa, que não deve correr o risco de ver o seu poder colocado em causa. Aliás, para evitar que Chissano estivesse acima do actual Presidente da República, Guebuza foi colocado na cadeira mais alta do partido. Situação que, como é previsível, não acontecerá com o futuro Presidente da República. O poder de Guebuza dentro do partido é incontestável. Os pronunciamentos de grandes figuras do partido – antes apologistas da resolução de quezílias no seio da Frelimo – fora do perímetro da formação política da Pereira

<http://www.verdade.co.mz/opinioao/editorial/41051152>

do Lago não passa, na verdade, da perca de espaço dentro do mesmo. O que lhes sobra, actualmente, é gritar e espernear. O que significa, na realidade, que Guebuza tomou o poder e os demais, no seio do partido, estão apenas desesperados, mas não podem fazer absolutamente nada porque deixaram que lhes atassem os braços. Portanto, a ideia de acabar com Dhlakama visa, no meu entender, extirpar qualquer espécie de oposição ao poder do Presidente da Frelimo. O perigo, se tal suceder, será o de Guebuza tornar-se dono e senhor do nosso destino dono colectivo. E isso representa uma enorme perigo para a liberdade de expressão neste rochedo à beira-mar. Olhando para a situação actual já atingimos um ponto irreversível. O mais certo é Dhlakama morrer como Savimbi ou sair vivo e derrotado e desagr das matas de Gorongosa. E depois disso nem o voto será capaz de tirar a Frelimo do poder. O silêncio ou a compra da consciência de certa imprensa mostra o caminho que estamos a trilhar. Um caminho perigoso e sinuoso. Espero estar errado, mas julgo que a morte certa de Dhlakama ou a sua rendição colocar-nos-á num país com liberdade aparente. Onde as eleições realizar-se-ão para mostrar ao ocidente que vivemos num país livre. Partidos como MDM servirão apenas para legitimar eleições onde a verdade das urnas será estuprada em benefício dos mesmos líderes de sempre. Eu já não tenho saudades do futuro

Fernando Fernando Matusse Editem esse texto e distribuam nas faculdades, nas escolas secundárias... precisamos despertar a juventude: no lugar de usar líquidos embriagadores... vamos ler textos críticos como este! · há 23 horas

Celsius Negrão E lamentável a situação que vivemos, hoje o nosso futuro está em causa, amanhã nossos descendentes perguntarão como deixamos isso acontecer. Tudo está ao nosso dispor. Nós moçambicanos, somos um povo confortável, e isso está errado!!! E preciso saber sair a rua, estar disposto a sacrificar a sua vida como um mártir, pra o bem do próximo!! Khadaffi saiu d puder, no momento k ele menos esperava + isso foi possível pk a população, os jovens, a camada afectada decidiu não + sofrer, e lutar por uma liberdade. Apesar dos motivos pelos quais lutavam eu considero fúteis! + lutaram e sacrificaram-se e conseguiram a glória. Agora enquanto estivermos sentados, olhando e esperando k alguém faça justiça e reclame nossa liberdade nada irá acontecer. Eu sei e tou disposto a dar minha vida para o bem d povo, não são só palavras, + sim um princípio de vida! · há 22 horas

Eurico Simango E agora que Khadaffi saíu do poder, como está a Líbia?? Não te esqueças tbm irmão que estamos a falar de realidades diferentes, Líbia e Moçambique são mundos muito distantes. · há 10 horas

Nebern Nebern Eu concordo plenamente, e ainda mais, com a morte do líder da Renamo, seria mais fácil reorganizar a constituição para conceder ao Guebuza um poder vitalício, e nestas condições, Moçambique já era! Eh nas condições de um país em regime de ditadura e sendo Guebuza ambicioso como sabemos, para além de ele ser PR, Maria da Luz será Primeira Ministra e os filhos ministros! Tamos acabados! · há 22 horas

Duarte Augusto Roque As pessoas falam e falam esquecem-se que a política é traiçoeira e que por cima dela está cheia de jogos de interesse por isso não vamos estar aqui a criar agitações antes de tomarmos atitudes temos k por a consciência no lugar e pensarmos no futuro do nosso país cultivando o espírito patriótico nos nossos corações e parar de pensarmos coisas absurdas porque isto não nos leva a lado nenhum. · há 22 horas

Micas Gotine Tutu certas mentes foram cegados pela frelimo e não enchem a verdade por que para eles já não sabem distinguir o certo do errado! E chegam a confundir as coisas levando o doce colocam n amargo · há 23 horas ·

Inoque Sebastiao Dombe O jornal nao ta agitar nada apenas ta dizer a verdade · há 23 horas

Edson Sladky Pondja Palavras inteligentes e bem construídas. Aprecio, individuo bem instruído e conhecedor das palavras, gostei o enquadramento que deu a cada palavra. Like3 · há 21 horas

Chico Mendes Pirata MV A situação ta ficar mais complicada2 · há 20 horas

Tomas Ulisses As palavras são mais que qualquer tipo de arma porque com elas combatemos o crime solvemos até as situações críticas, quando mal usadas, geram-nos conflitos mas o bom maior e difícil poder que elas tem é de construir porque, aqueles que lhes são direccionadas são pegos de surpresa e o máximo que fazem é defender o seu pão para garantir que a sua ignorância possa condicionar mais oportunidades para confundir as cabeças daqueles que precisam de boas expressões das palavras p'ra proporcionar o bem-estar de muitos, também perdi anseio do futuro. · há 20 horas

Della Cerda To com medo do futuro deste país... · há 21 horas

Edson Al-islam Khadaffi #obrigado Guebuza os Moçambicanos nunca iram esquecer d tudo que lhes proporcionaste.manifestações, roubos,sequestros, pilhagens e por ultimo as recordações das guerras passadas e o que sera que vem a seguir? Sera que teremos surgimento d uma monarquia? · há 22 horas

Rene Barao Jr. Democraticmemte Moz e apenas faceta da mas pior ditadura vivida d todos os tempos o caus que se foi a anti-visao de Samora que ja dizia Que os praticam o espirito de Lambe botas e aman serem “adulados” tranformariam o povo no cavalo e eles os Cavaleiros... Apenas nox fizemux surdor e mudos diante d verdade... Fomos #TRAMADOS · há 23 horas

Zico Machabane forca dlakama sou o primeiro aliar me nax tuax forcax.xega roubo dox valorex publicox · há 23 horas

Ricardo Ferreira Sou contra as ditaduras e qualquer tipo de violência.Eu,na minha modesta opinião,acho que não há diferença nenhuma entre Guebuza e o Afonso.O diabo que escolha entre os dois.Penso que o povo merece progresso e muita paz.Chega de perseguirem pessoas pelos pensamentos,pinturas,romances,teatro,cinema e cada um deve respeitar as liberdades individuais. · Ontem às 10:14

Agostinho Chauque Deixem de agitar as mentes do leitores! · Ontem às 9:52

Jordao Augusto Suqueia Pj O povo a sofrer, vces dzuimaxende guezeke pa cadera na ar condicionado ate kufuliza pantumbo · há 23 horas

Tsutsi Fumo Fica a pergunta, serra q estamos preparados pra uma 2ª #guerra #civil? Ttemos q ter em mente q aquele senõr poxou uma guerra q muitos esperavam dorar uns messes, e q durou 16anos! · há 23 horas

Mery Jose Madisse concordo plenamente... esse presente já se adivinhava desde o encurralamento de Dlakama em Nampula..estamos a ser vítimas de uma doença chamada GANÂNCIA DESMEDIDA....que Deus nos ajude e tenha piedade de nós e que faça sentir a justiça divina sobre eles.·há 10 horas

Fernando de Castro Eu também duvido a saúde do país no futuro! · há 14 horas

José Luis Domingos No estado actual em que a frelimo jamais deixará o poder a não ser à força da bala... eles podem matar o Dhlakama mas outro vai ter que surgir pois se o Povo quer democracia não é com palavras mansas que o vai conseguir. Agora todos já sabem que afinal o colonialismo era um modesto tirano ao pé destes ferozes ditadores.·há 15 horas

Morgan Sully mano djakas va morrer como Saddam hussen.. mas o tipo n é burro muito menos parvo kando recusava vir a maputo. agora em parte incerta a furia lhe estoira os miolos e este n vai deixar assim vais preferir morrer como um mártir, tipo morri tentando trazer a democracia em Moç...Sinto muito porque os mas velhos é q proclamam a guerra e os mas novos é qui vao a guerra para morrer. bem haja paz · há 18 horas

Idalino Uache isto vai obrigar a Renamo Optar por táticas de Guerrilha e sabotagem de interesses estrangeiros u k vai retardar ainda mais o desenvolvimento de mocambique por causa da ambicao desmedida do senhor chefe do estado..... coisas de corruptos · há 19 horas

Mebanze Joao Grande texto. Verdade pura e nua. · há 20 horas

Lobs Comé A paz tem k começar de nós meus irmãos, e depois mostrmos os ditos políticos uk significa paz pork nas tantas no dicionário deles ne existe essa palavras...eu Ja dizia a descoberta dos recursos minerais iria nos trazer guerra...e os inocentes e que paga essa factura cara...plz paz porque esse povo merece... · há 20 horas

Aderito Albino Matusse Paz, paz, paz e tudo que podemos pedir aos nossos líderes. Moçambicanos acordem nao deixem que a paz seja trocada pr armas, ou seja trocada por alguém p defender interesses de um cunhado d pessoas. paz, paz paz e sempre paz deve ser o discurso do momento. · há 20 horas

Silvério Edner Estamos envolvidos em maus lençóis... · há 21 horas

Tomas Pedro Carvalho Deus é conosco bons dias virão · há 21 horas

Tivane Alfiti se na realidade os mocambicanos tem cabeça, eh a hora d refletir o futuro desse país, para me ja imagino o que sera. · há 21 horas

Alberto Filipe Machava na verdade tudo está como esta porque a renamo existe e nao aceita as manipulações d frelimo, nao aceita k o povo moçambicano seja manipulado, esturquido, desrespeitado. por dirigentes corruptos k so tem os proprio interesses e nao os do povo. · há 21 horas

Borboleta Sherazade tristeza pah...querem estragar moçambique pq ?!!!!!! · há 21 horas

Nilton Iacumurima jornal a verdade a noticia que queremos e sobre sathungira,nao acerca do partido ou guebuza · há 21 horas


Extenzias Tafirenyikayatongwa Becape Espero que com isso não viva-se uma autentica guerra... Porque? Imaginem homens armados, homens famintos e revoltosos. Filho da P.R.F.G.D · há 22 horas


Benildo Balla Mendes Gaita Devem mandar esse cara no #T · lhá 23 horas


Gil Americo Cossa Afonsoinho dlhakama também quis pha...1 · Ontem às 10:04


Helio Mombe Hahaha gebuza Ontem às 9:56


Cidadania


 **João Silvestre Ronaldo** Viva a Guerra !!!!!
Chega de Sofrimento !!!! Viva o Dhlakama
!!!! Ontem às 9:52

 **Felicia Mussagy Kristiansen** Temos que ter fé e
tambem nao podemos esquecer que nós o povo
tambem temos poder...muito até, mas oque nos
trava é o medo, espero que superamos isso para que
nós possamos juntos escolher os líderes que merecem
governar o país e não o contrario · Ontem às 9:51


 **Gattuso José Lionessa Zito** Dlhakama e Gue-
buza vao si lixar so pensam em dinheiro n no
bem xtar do pais. Tamx apdr paz pora Ontem
às 9:48


 **Rody Chizenga** Porrrrrah! Sorry! Mas quem
sabe se Gueabuza foi a Sofala fazer as dispen-
diosas campanhas abertas e trazer num saco a
cabeça de Dhlakama!? Devem já sentir calafrios e cóli-
cas os k votaram ou pensavam em votar nele...
Yôôwêê! · há 20 horas ·

 **João Ribeiro** Não à guerra.1 · há 23 horas


 **Sezaro Armando Macamo** Falam... falam...
falam... falam... quando chegam as eleicoes
sao comprados com camisetas descartaveis,
capulanas descartaveis, combustiveis de borla que na
verdade nao sao de borla pois saem do suor do povo,
dos impostos da gente, das tarifas caras da LAM que
em outros paises nem se pode falar pois 'e roubar ao
povo...Em nenhum canto do mundo ja houve uma re-
volucao pacifica...todas as revolucões devem ter sacri-
ficados...temos que ter a consciencia que temos que
mudar e precisamos 'e um imperativo para que nao
sejamos os culpados para nossas futuras gerações...
nao se trata de vestir esta ou aquela camisola mas sim
de voltar a realidade e ser humano de verdade para ver
que estamos num mau caminho como pais e mudar.
MEUS CAROS ESTAMOS ENTREGUE A NOSSA SORTE...
isto ficara incontrollavel um dia...Linhas ferreas, tuba-
gem de agua, linhas de transporte de energia, antenas
de telefonia movel, pontes, e mais... esperem... dirao
que falamos um dia... há 3 horas


 **António João Muchanga** O Que será do povo
indefeso? esta é a minha pergunta há 4 horas


 **Henrique Armando Correia** grande texto me-
rece aplausos e um aperto de , mao. há 6 ho-
ras


 **Panelas Raiggue** gramei do texto ..penso
tambem da mesma maneira ...nos os jovem a
ACIMA DE TUDO FICAMOS SEM DISTINO PROPRIO... há
7 horas


 **Atija Ernesto** Ta-se mal. há 8 horas

 **Eurico Simango** As pessoas são totalmente
enganadas por alguns jornais, que inves de
manter actualizado o povo sobre oque real-
mente se esta a passar, andam a conduzir as pessoas
ao caminho errado. Se não houver eleições este ano e
o proximo, os unicos beneficiados são os homens que
querem boicitar as eleições. há 9 horas


 **Egino Jeque Silva** Força ai jornal Verdade, con-
tinua a dar noticia d Moz em primeira mao aos
Moçambicanos. Estao d parabens.... há 9 horas


 **Fernanda Banze** A solucao d tdo isto e o dia-
logo, o dlakama ja esperava esta reacao ,tanto
e k nao aceitou vir a maputo. O presidente de-
veia ter aproveitado nesta campanha k ta a fazer e
abrir uma brexa e conversar m o homem. Nos so ke-
remos a paz.ja dizia um velho ditado ;kdo ds bufalos
lutam kem sofre e o capim há 9 horas


 **Eurico Simango** Eu acho que se, os homens
armados estivessem num País, como EUA,
Rússia ou Inglaterra, ja teriam sido assaltados
logo na Primeira semana. Parece-me que muitos ba-
teram palmas quando os tipos armados atacaram civis
este ano, acho que alguns estão felizes e gostam de
ver o povo a ser castigado e ameaçado num País em
paz, acho que sendo assim nenhum outro Partido po-
derá governar este País se, os bandidos armados con-
tinuarem a intimidar o governo. Pesso para analisar
mais um pouco, as atitudes do governo, pode ser que
algumas coisas que muita gente acha que o governo
faz é errado, é para o nosso bem, sente e analisem
bem, neste governo existe pessoas que pensam tbm,
ha homens inteligentes dentro do governo, pensem
meus irmãos. há 10 horas


 **Yannick Vilanculos** Camaradas, a minha per-
gunta é: porque é que sempre quando aproxi-


ma os dias das eleicoes DHLAKAMA é qui comesa com
guerra? sera verdade isso? por mim, o partido no pu-
der provoca o DHLAKAMA E VOLTA ADIZER Q FOI ELE
Q COMESOU COM TIRROS SO PARA MANCHAR A IMA-
GEM DO DHLAKAMA. POR ISSO Q OS INOCENTES IRAO
MORRER POR CAUSA DE UM PARTIDO COM INTERESSES
PESSOAIS NAO DO POVO. há 10 horas


 **Fernanda Banze** Na verdade ns js nao kere-
mod guerra pk isso apenas ns faz sofrer.kere-
mos mudancas nem? Entao temos k mostrar
isso n dia 20 d novembro.vamos tdos escolher o futu-
ro há 10 horas


 **Africanroots Roots** acreito q muitos agita-
dorex nao sabem o qui é uma guerra civil...
quem morre ,filhos d gubuza ou o povo? há
12 horas


 **Ivan Langa** Tao aqui a falar muito e de mais,
enquanto em novembro serao os primeiros a
votar no mesmos cabroes da frelimo alegando
ser o melhor partido...Abrem a vista se AFONSO TI-
VESSE MORTO,ninguem iria dar a mao por nos,A MDM
SO KER MENDIGAR TROKADOS...BEM DITO AZAGAIA
"POVO NO PODER" ELES SEM NOS NAO SAO NADA,vou
alertando meu voto exa merda d frelimo nao
apanha,#waycup_moz há 12 horas


 **Amone Vilanculo Enoque** Na minha opinião:
montou se um esquema para livrar o Dlakama
das matas de gorongosa onde ele estava man-
tido de refém pelos seus militares,acredito que se a
idea fosse acabar com ele as FADM já teriam o feito.
há 12 horas


 **Aluzio Mabjaia Mabjaia** N ha tempo perdr. Em
simultaneo o Presidente em Governacao Aber-
ta. ka ka kaaaa o homem q pensa so pela ca-
beça e n pelo coração. Chissano, a onde ta você? (Feliz
Aniversario! Q continuem aquele homem q pensa pela
cabeça e plo coração, amigo povo) há 13 horas


 **Fatima Guazene** Esta dexou d ser a frelimo q
nos dava orgulho! E passou a ser uma guenge
e nao um partido! há 13 horas


 **Nelson Zeferino** o mau é k ja fomos cegados
pela frelimo e nao keremos mudanxas há 13
horas


 **Isa Langa Langa** Penso k nós cidadãos preci-
samx do progreso i paz,max cm o governo
currupto é impossivel há 13 horas


 **Titos Sergio Sergio** Palavras sabias do editor
do jornal a verdade. há 16 horas


 **Victorino Candieiro** Keria m Imbrar do fturo;
vi k m trara angustia mas ha psoas k nos veda-
ram ate kando vams tr sonho doce? Afinal ond
xtá o amanha do mozi?Nas maos d Deus??? O grnd mal
é ess imputarão o ausent e o pobr cmo o mentor. A
xtupidiz nos matará. Entregmos a fjca há 20 horas


 **André Fumo** Eu tambem nao tenho saudades
do futuro. há 20 horas


 **Argentina Mmurrury** Eu ate ja preparei um
lugar pra ir pork isso vai acabr mal ou somos
nos o povo ou sao eles ke estao a reinar por ta
td kent há 21 horas


 **Nesta Patriotas Neto** Axo k tdo tm haver... +
apnsar d tdo xtou em guerra. há 21 horas


 **Raimundo Silvestre Bucuane** Nao tenho nada
ver c tudo isso pk nenhum dos dois ja me ajú-
dou. Tudo k faço é do meu suor. K se mate nao
dexe k deixe a sociedad em paz há 21 horas


 **Teixeira Da Silva Culuze** Partido absoluto to-
das ideias deles estao certas, estou a ter medo
do meu pais no futuro. há 22 horas


 **Justino Palma** K democracia e essa d provoca-
coe ns o pvo n pdems fcar d brcos cruzads e a
falarms d boca cheia a poiando o partid n pudr,
akerra começa assm ns brncdeiras psso dser k a dmo-
cracia ja se foi uki o outro keria ja consekiu p n haver
as eleicoes ou outro em parte incerta. há 22 horas


 **Angel Anjo Matsinhe** Mas quando seguimos a
lógica das coisas moçambique so tem um úni-
co governo...pork n dizem logo k abaxa ax
elecoex! Isto é uma merda...povo vamx reagir, nin-
guem deve fotar em 9mbro há 22 horas


 **Celia Mabone** No meio de tudo isto, o povo é
que irá sofrer. Por favor, Governo e Renamo
tenham pena de nós. Não queremos mais
guerra. Paz, paz, paz e muita e para sempre paz. Que
Deus tenha piedade do povo moçambicano há 22 ho-
ras


 **Flor Camacho** Na verdade stao a seguir o
Dhilakhama, kerem acabar com ele como fize-
ram com Savimbi. há 22 horas


 **Humberto Gangane** Os mesmos k dizem es-
tarem contra acoes belicistas sao os mesmo k
vao atraz da Guerra pra trazerem mas sofri-
mento ao povo acima desse k passamos n dia a dia
tudo isso pela luta pelo poder k o tem desde k mata-
ram o pais d nacao. Frelimo d hoje ja nao tem nada
haver com o de ontem pois todos sao mariotado pelo
um criador d "PATOS" . Deus tenha misericordia d nos
há 23 horas


 **Helena Chambule** Realmente o que esta acon-
texendo no país e lametavel, isto mostra que
no nosso governo algo ñ esta bem esto mto
precuda com o que poxa vir acontecer. há 23 horas

 **Saboia Camacho Junior** Vcs daki a 50 anos
onde estara?, depois desta vida ond vao? mor
pa viver, ñ viva pa morer. há 23 horas


 **Goncalves Da Silva** Se e' k o unico jeito de
escapar das garras do guebuza e' "guerra" eu
apoio... mbora la destruir o tio patinhas!!! há
23 horas


 **Abel Brown Cuco** a certas pessoas k nao co-
nhecem o verdadeir xtrago da guerra o dia qui
vao perder alguem da familia axo k vao perce-
ber há 23 horas

 **Moises Mauaie** Aguerra ja começou. há 23
horas


 **Ambrosio Baquete** Se Dhlakama morre, é o
fim dos Mocambianos e muitos ignoram essa
realidade. há 23 horas


 **Estevao Ndimande Estevao Ndimande** Mo-
çambique sem Dhakama vamos voltar p a es-
cravatura há 23 horas


 **Izalde Antonio** Esse comentario mostra q
algo tem por d traz. Evitem comentario desse
genero! há 23 horas


 **Antonio Luis Macupe** Que tristeza para o
bem do povo, e para quem tem cabeça para
pensar! Mocambique ta virando um caus por
causa do podr. A grande tristeza e a queda do Dlaka-
ma. há 23 horas

 **Lampreia Divaine Leo Lampreia** Com essa
situacao xtamx a caminho d vivermx com os
sirios há 23 horas

 **Orlando Maceda** Dlhakama não fugiu pha!
Saiu de Sathunjira para a montanha da serra
da Gorongosa! Estratega Militar. há 23 horas


 **Fernando Rogerio Kboy Magaia** Xega d guer-
rax uke nos keremx ness moment e a paz. há
23 horas


 **Moises Caliano Guambe** Moçambique é uma
rocha de tubarroës e egoístas por isso nem
me vem na mente de que existe Moçambi-
que! há 23 horas


 **Nonô Augusto Nobre** Moxambique vai tornar
c em angola c djakama murer... em angola
nem 1 pio pods dar caso contrario iras preso...
ew n kru iso há 23 horas


 **Amilcar Macedo** Futuro desprogramado! há
23 horas


 **Pedro Leonardo Pedro Chiwete** Exa informa-
xao tem fonte? há 23 horas

 **Betinho Benjamin Verniz** Sois FILHOS DA
PUTAAAAA...Sujeitos nojentos e gananciosos
há 23 horas

 **António Fongozi Libilo** Tenho um pequeno
ponto-ideia fort k pode salvar Mozambique
aminha casa.QUEREMOS VER ONOSSO MO-
ÇAMBIQUE EM PAZ E EM DESENVOLVIMENTO QUALIFI-
CADO.isto tenque acabar, jurrei!!!!!! há 23 horas

 **Muhammad Yassin** Nem imagino o terror que
sta se viver em gorongosa há 23 horas

 **Henry Chauque** Nao consigo ver moz com a
morte de dlakhama seria algo mto negativo
para nos por mais que nao houvesse a guerra
a morte pode afectar de alguma forma o pais, guem-
buza e hora de pensar pelo povo e nao pela conta
bancaria que ja tem muitos zeros a apois o primeiro
numero... há 23 horas

 **Oswaldo Francisco** nao gostei nao tem pouco
desses comentarios do jornal a verdade, isto
e agitar mente dos leitores Ontem às 10:17

Malala heroína? Não no Paquistão

Um funcionário distrital fez uma pergunta simples às alunas da décima classe de uma escola só para meninas no pitoresco vale do Swat: quantas já tinham ouvido falar de Malala Yousafzai? As alunas olharam para o funcionário, Farrukh Atiq, em silêncio. Ninguém levantou a mão.

Texto: **jornal The New York Times** • Foto: **Reuters**

“Todos sabem de Malala, mas ninguém quer vincular o seu nome ao dela”, comentou Atiq mais tarde, no meio de especulações crescentes de que Malala, que levou um tiro na cabeça dos Talibãs há um ano, pudesse receber o Nobel da Paz. Em vez disso, o prêmio, anunciado no dia 11 de Outubro, foi para a Organização para a Proibição das Armas Químicas.

Mas, após uma semana de cobertura noticiosa intensa, durante a qual ela lançou a sua autobiografia e recebeu um prestigioso prêmio europeu de direitos humanos, a posição de Malala como símbolo de paz e coragem foi firmada em todo o mundo – ou, melhor, em todo o mundo menos no seu país.

Não é apenas porque as estudantes têm medo de virar alvo. “Sou contra Malala”, disse o comerciante Muhammad Ayaz, de 22 anos, dono de uma lojinha vizinha da escola onde Malala estudava em Mingora, a principal cidade do vale do Swat. “Os *media* projectaram-na como heroína do Ocidente. Mas o que fez ela pelo Swat?”

Este sentimento de animosidade contida contra Malala, no vale do Swat – que ela deixou às pressas num helicóptero militar, no ano passado, para receber tratamento médico, depois de ser baleada – parece ser movido em parte pelas tensões de uma comunidade rural ainda traumatizada pelo conflito.

O Exército paquistanês expulsou os Talibãs do Swat numa grande operação militar em 2009, mas ainda restam bolsas de militantes. O medo que muitos moradores sentem de um possível retorno dos islâmicos ao poder alimenta a hostilidade em relação à vítima mais famosa dos extremistas.

No noroeste do Paquistão, militantes dos Talibãs travam uma campanha violenta contra o ensino para meninas. Desde 2009, já atacaram mais de 800 escolas na região.



Malala era crítica declarada dos Talibãs. “Qual é a contribuição dela?”, indagou Khursheed Dada, funcionário do partido Pakistan Tehreek-e-Insaf, que governa a província de Khyber-Pakhtunkhwa, onde se localiza o vale do Swat.

Essa visão cínica repete-se em todo o país, onde cidadãos afeitos a teorias conspiratórias acusaram Malala de ser agente da CIA e participante numa conspiração ocidental contra o Paquistão.

Muhammad Asim, estudante da Universidade Punjab, em Lahore,

não acredita no ataque dos Talibãs a Malala. “Como uma garota poderia sobreviver depois de levar um tiro na cabeça?”, indagou. “Isso não faz sentido.”

A reacção parece ter origens diferentes: de resistência às críticas do Ocidente a sentimentos de ressentimento e inveja. Algumas pessoas no Swat acusaram o pai de Malala, Ziauddin Yousafzai, de usar a sua filha para ganhar publicidade e difamar a cultura pashtun. Outros dizem que o seu distrito foi mostrado sob uma óptica negativa, deixando em segundo plano trabalhos positivos feitos com a educação.

Dilshad Begum, directora de ensino do distrito de Swat, disse que 14 mil meninas e 17 mil meninos começaram a ir à escola recentemente, após uma campanha intensiva de matrícula escolar liderada por professores locais. Para ela, a ameaça dos Talibãs foi exagerada. “Trabalho com educação feminina há 25 anos e nunca recebi uma ameaça.”

Noutra escola, um grupo de alunas disse que Malala não merecia um Prémio Nobel. “Malala não é a única pessoa a servir de exemplo para as meninas paquistanesas”, disse Kainat Ali, de 16 anos, trajando burca preta.

Nem todos os paquistaneses concordam com as críticas. Muitos expressam orgulho pela bravura da sua adolescente mais famosa, que já tomou chá com a rainha Elizabeth no palácio de Buckingham e foi ovacionada em pé nas Nações Unidas.

Quando se aproximou o momento do anúncio do Nobel, a televisão transmitiu canções elogiando o trabalho dela e mensagens com votos de boa sorte invadiram o Facebook e o Twitter.

Após o anúncio do Nobel da Paz, algumas pessoas expressaram abertamente a sua decepção.

No Swat, Shahid Iqbal, dono de uma loja de música e filmes, comentou que Malala foi motivo de orgulho para o seu distrito. “Malala é nossa filha. Ela deveria ter ganhado o Nobel.” Imran Khan, ex-jogador de críquete e líder do partido Pakistan Tehreek-e-Insaf, declarou que Malala Yousafzai representa “a luta de meninas e mulheres em toda parte contra a tirania e a opressão”.

Uma das cenas mais comoventes aconteceu na cidade portuária de Karachi, onde Atiya Arshad, menina de 11 anos também baleada por militantes, esperou na sua casa pela notícia do Prémio Nobel da Paz.

Atiya levou dois tiros no abdómen em Março, quando pessoas suspeitas de serem militantes dos Talibãs, armadas com granadas e armas de fogo, atacaram a sua escola em It-tehad Town, bairro pobre de Karachi. O ataque fez parte de uma campanha de intimidação travada pelos Talibãs neste ano para se reafirmarem na maior cidade do Paquistão.

Atiya foi baleada no momento em que fazia fila para receber um prêmio académico numa cerimónia para o efeito. O director da escola, Rasheed Ahmed, e uma menina de 11 anos morreram.

Agora Atiya depende duma cadeira de rodas, embora os seus médicos acreditem que ela possa voltar a andar, com tratamento e fisioterapia. Ela contou como se sentiu inspirada pelo caso de Malala, um ano antes. “Fiquei tão feliz ao ver Malala. Não sei porque essas pessoas não querem que a gente frequente a escola.”

O pai de Atiya, que trabalha num moinho, observou que, diferentemente do que aconteceu com Malala, nenhum político ou membro de campanha correu para ajudá-los depois de a sua filha ter sido baleada. “Estamos com grande dificuldade para lhe dar tratamento médico.”

Malala disse a uma plateia em Nova York, em 10 de Outubro, que a sua meta é um dia tornar-se primeira-ministra do Paquistão.

Mas poucos acham que ela possa voltar ao país em segurança num futuro próximo. Segundo Atiq, o funcionário distrital, as ameaças reiteradas dos Talibãs de matar Malala se ela voltar a pôr os pés no Swat estão a ser levadas muito a sério.

“A fama traz perigo”, disse. “O perigo é maior que nunca.” Mas Malala reitera que o Paquistão sempre será o seu lar, aconteça o que acontecer. “Mesmo que o povo paquistanês me odeie, ainda vou amar o país”, diz.

Na Índia, cadeia não impede eleição

Quando decidiu concorrer a uma vaga parlamentar por este distrito eleitoral pobre e habitado principalmente por castas inferiores, no nordeste da Índia, Kameshwar Baitha não fez nenhum esforço para edulcorar a sua ficha criminal.

Texto: **jornal The New York Times**

Obedientemente, ele catalogou as graves acusações que pesam contra ele – que ele diz serem todas falsas. São 17 acusações por homicídio, 22 por tentativa de homicídio, seis por assalto à mão armada, cinco por furto, duas por extorsão e assim por diante – legado da carreira pregressa de Baitha como líder da insurreição maoísta local. Ainda por cima, havia o facto de que ele estava preso.

“Mas isso não o atrapalhou junto ao eleitorado”, observou o seu filho, Babban Kumar, que espera seguir a carreira política do pai. No caso da população desta área, que olha para os ocupantes de cargos electivos como se fossem uma espécie de Robin Hood, os problemas judiciais podem ter ajudado.

Novos impulsos estão a propagar-se na política indiana, à medida que uma crescente classe média urbana exige que os seus políticos maculados sejam expulsos do sistema. A Corte Suprema, sentindo o clima da opinião pública, determinou em Julho que políticos condenados não se podem manter nos seus cargos simplesmente apresentando recurso. A decisão desqualificaria políticos sentenciados a mais de dois anos de prisão por uma instância inferior.

Esse esforço será desafiado principalmente na outra Índia – a velha, onde o voto ainda é em grande parte guiado pela casta. Na região tribal que Baitha representa, a vasta maioria dos ocupantes de cargos electivos enfrenta acusações criminais, a maioria relativa a corrupção, mas muitos por crimes violentos. Os eleitores geralmente desprezam essas acusações tomando-as como mais uma tentativa da elite de esmagar quem defende os pobres.

Um grande teste para o efeito das novas medidas ocorrerá no caso de Lalu Prasad, veterano político do vizinho Estado de Bihar, que foi proibido de ocupar cargos públicos e disputar as próximas eleições após ser sentenciado por corrupção.

O processo contra ele arrastou-se há 17 anos, período em que Prasad fez pouco caso dos promotores.

“Showman” populista egresso de uma casta de vaqueiros, Prasad transformou as suas audiências judiciais num teatro político. Ele chegou a uma das sessões na traseira de uma bicicleta-riquexó, cercado por apoiantes ardorosos, e certa vez saiu

da prisão sobre o lombo de um pequeno elefante.

A dança parecia ter terminado com o anúncio da sentença. Mas, recentemente, sentado dentro de uma cela em Ranchi, Prasad parecia perfeitamente capaz de continuar a gerir o seu ainda formidável império político. Vários assessores e simpatizantes aglomeravam-se do lado de fora dos portões de ferro da penitenciária. Os guardas deixavam os visitantes entrarem e saírem regularmente.

A nível nacional, o número de autoridades eleitas que enfrentam acusações criminais é extraordinário: 30% dos vencedores em eleições nacionais e regionais desde 2008, segundo a Associação para as Reformas Democráticas, grupo de pesquisas com sede em Nova Deli. As razões são múltiplas: ao longo da evolução do sistema democrático indiano, os candidatos dependeram sempre de capangas conhecidos como “homens dos músculos”, e posteriormente “homens do dinheiro”, para influenciar os eleitores e chegar aos cargos.

Mas também é verdade que os limites de

gastos são tão baixos que praticamente qualquer candidato interessado em vencer precisa de se dispor a violar a lei.

Baitha, que diz ter mudado a sua ideologia, decidiu entrar na política depois de estar preso à espera do julgamento, em 2005. O seu nome era tão reconhecido no Estado de Jharkhand, afirmou, que ele conseguiu ser eleito sem sair da cadeia para fazer campanha. Os eleitores deixaram claro que as acusações não importavam, e Baitha disse que a maioria dos processos foi arquivada depois da sua eleição.

Pessoas abordadas na capital de Jharkhand disseram que as acusações eram falsas e foram inventadas pelos adversários políticos de Baitha. Outros admitiram haver um fundo de verdade nas acusações, mas disseram que elas não prejudicavam a imagem de Baitha. Santosh Kumar Dube, que ocupa um cargo municipal em Ranchi, disse acreditar que Baitha “lutou com armas e participou em alguns massacres” como maoísta. Mas acrescentou: “Todas essas acusações contra ele foram feitas no processo de luta pelos pobres. As pessoas não têm medo dele.”

No Facebook não há maminhas mas há decapitações

É um mundo estranho, o do Facebook. Um mundo onde não se pode mostrar a imagem de uma mama de mulher, mas se autoriza a publicação de vídeos de pessoas a serem decapitadas.

Texto & Foto: **jornal Público**

A administração desta empresa americana com mais de mil milhões de utilizadores em todo o mundo decidiu, esta semana, voltar a permitir a publicação de imagens e filmes de decapitações. Em Maio, e depois de milhares de protestos – um deles da Family Online Safety Institute, que tem representação na administração do Facebook –, a empresa decidiu suspender “temporariamente” as publicações, até tomar uma decisão.

A suspensão, explicou o Facebook em comunicado na altura, aconteceu para proteger a liberdade dos utilizadores desta rede social que não queriam ver aquele tipo de imagens ou correr o risco de ficar perturbados por elas. Agora é usado o mesmo argumento: as decapitações voltam ao Facebook em nome da liberdade dos utilizadores que querem “conhecer o mundo em que vivem” e ter a possibilidade de condenar o que lhes desagrada.

Em 2012, quando o Facebook actualizou as suas regras de publicação, insistindo que não podem ser mostradas imagens de mamas de mulheres mas podem ser publicados filmes em que se vê pernas a serem partidas e com os ossos de fora, o especialista do jornal britânico The Guardian Charles Arthur escreveu que as regras demonstram claramente que o Facebook é (e só podia ser) uma empresa com origem nos Estados Unidos da América.

Foi nos Estados Unidos da América que uma estação de televisão, a CBS, teve de pedir desculpas públicas porque, na transmissão em directo de uma final do campeonato de futebol americano, se viu o mamilo da cantora Janet Jackson. Quinhentas mil pessoas apresentaram queixa e a Federal Communication Commission (Comité para as Comunicações) multou a CBS em 550 mil dólares (cerca de 450 mil euros), que só não foram pagos depois de o assunto ter sido levado ao Supremo Tribunal, que deliberou a favor da estação.

Uma empresa americana

Só na América, então, se percebe que exista uma rede social mundial onde é proibido mostrar pessoas embriagadas (ou desmaiadas por excesso de álcool), mas é permitido publicar vídeos de sangrentos acidentes de automóvel.

“Estamos a trabalhar para dar aos utilizadores mecanismos para controlarem os conteúdos que querem ver”, disse à BBC um porta-voz do Facebook cujo nome não é revelado. Acrescentou que, em breve, poderão surgir banners a advertir que as imagens são sensíveis e podem causar perturbações. E, concluiu a fonte da BBC, nos casos em que claramente as decapitações são glorificadas ou que as imagens sirvam para defender aquele tipo de acto, serão apagadas pela empresa.



O primeiro-ministro britânico, David Cameron, considerou a decisão do Facebook uma “irresponsabilidade”. E espera-se uma polémica semelhante à que levou à suspensão da publicação dos vídeos com este tipo de conteúdos – na origem das queixas esteve um filme em que uma mulher, que se crê mexicana, é decapitada por um homem de cara coberta.

“Isto é absolutamente horrível e tem que ser imediatamente apagado... Há muita gente nova que pode ver isto. Tenho 23 anos e estou perturbado com os poucos segundos que vi”, dizia uma das queixas. O Facebook só admite utilizadores com 13 ou mais anos, mas há muitos milhares que são mais novos.

Os utilizadores de todo o mundo vão reagir, uns a favor e outros contra, o que demonstra mais uma vez as falhas de se usar a legislação de um país num serviço que é usado em todo o mundo.

Muitas associações de pais vão condenar o Facebook, que entrou na bolsa em 2012 (as acções, de valor considerado demasiado alto, 38 dólares, caíram a pique no primeiro ano, mas estão agora quase nos 60 dólares) e cuja prestação nos mercados nunca foi afectada pelas polémicas. As associações de psicólogos já repudiaram a decisão dos gestores americanos e falaram de regras de bom gosto e de bom senso: “Bastam uns segundos de exposição a este tipo de material gráfico para se ficar com danos psicológicos permanentes”, sintetizou a organização Yellow Ribbon, da Irlanda do Norte.

O poder de decisão do Facebook

No outro lado do espectro do protesto, também já há movimentações. Nos EUA, alguns grupos já disseram estar preocupados com a possibilidade de o Facebook poder tapar parcialmente imagens, o que consideram ser uma violação à liberdade de expressão – defendem que a responsabilidade pela exposição de menores aos conteúdos da Internet é dos pais e não das empresas.

Outros, como o grupo de direitos digitais francês La Quadrature, sublinharam que o problema que os vídeos de decapitados – e outros regulamentos do Facebook – levanta é mais abrangente. “Mostra o poder que o Facebook tem de decidir o que pode e o que não pode ser expresso na rede. Quando faz essas escolhas, está a ser profundamente antidemocrático, seja qual for a razão para a tomada de decisão. Só uma autoridade judicial pode determinar restrições, e sempre de acordo com a lei”, disse à BBC o co-fundador de La Quadrature, Jeremie Zimmermann.



África do Sul: baixa percentagem de jovens recenseados para as eleições gerais de 2014

A Aliança da Juventude Progressista (PYA), movimento formado pela Liga Juvenil do Partido Comunista, pelo Congresso sul-africano dos Estudantes (Sasco) e pela Liga Juvenil do ANC, alertou nesta segunda-feira (21) para o registo de uma baixa percentagem de jovens entre os 18 aos 35 anos de idade, que já se recensearam para as eleições gerais agendadas para 2014.

Texto: **Milton Maluleque**

“Estaremos a exercer 21 dias de educação cívica, de 21 de Outubro a 10 de Novembro, para que os jovens optem pelo recenseamento eleitoral,” destacou o porta-voz da Liga Juvenil do Congresso Nacional Africano (ANCYL), Bandile Masuku.

O depoimento de Bandile veio a público depois da conferência de imprensa convocada pela Aliança da Juventude Progressista.

Segundo Masuku, a PYA estará engajada nos próximos dias na campanha cívica, de modo a encorajar a classe jovem a recensear-se, como forma de esta exercer o seu direito constitucional.

A aliança juvenil dos camaradas diz ter recebido um caloroso apoio por parte dos estudantes universitários no dia do lançamento dos 21 dias de campanha de educação cívica.

“Lançámos inicialmente esta campanha nos campos onde temos um grande apoio, como são os casos dos da Universidade Nelson Mandela, de Free State e outras,” destacou.

A Aliança da Juventude Progressista (PYA), espera encorajar mais de nove mil jovens a recensear-se e a votar nas eleições gerais de 2014

Ataque do Boko Haram na Nigéria deixa pelo menos 19 mortos

Um grupo de homens armados que seriam militantes da seita islamita radical Boko Haram, assassinou a tiro e facadas no passado domingo (20) 19 pessoas perto da fronteira da Nigéria com os Camarões, informou a imprensa nigeriana.

Texto: **Redacção/ Agências**

O ataque aconteceu no começo da manhã na cidade de Logumani, na região de Dikwa, no Estado de Borno, que já sofreu no passado com outras acções do Boko Haram.

Segundo as fontes, os terroristas, que se deslocavam em motocicletas, bloquearam a estrada que leva à fronteira, obrigaram os motoristas dos veículos a descerem, dispararam e atacaram com facas de mato. “Fomos obrigados a sair dos nossos veículos, depois de dispararem contra alguns de nós e outros agrediram-nos com facões”, disse em Maiduguri, capital de Borno, Abubakar Yousef, sobrevivente do ataque. “Pude contar 19 corpos”, acrescentou a vítima, que relatou também que vários dos veículos atacados foram incendiados pelos terroristas.

O atentado, que aconteceu numa região especialmente remota, ainda não foi confirmado pela Força de Acção Conjunta (JTF), a unidade do exército nigeriano que combate o Boko Haram.

Em Abril quatro dirigentes do governo do Estado de Borno que se dirigiam a Logumani foram assassinados por pistoleiros que fariam parte do Boko Haram. Desde 16 de Maio, a Nigéria realiza uma ofensiva antiterrorista nos estados de Yobe, Borno e Adamawa, todos no nordeste do país (e sob estado de emergência), após um aumento da actividade criminosa na região, onde opera o Boko Haram, embora se continuem a registar ataques dos fundamentalistas.

O grupo, cujo nome significa em línguas locais “educação não islâmica é pecado”, luta por impor a “sharia”, a lei islâmica, na Nigéria, de maioria muçulmana no norte e predominantemente cristã no sul.

Desde 2009, quando a Polícia eliminou o líder de Boko Haram, Mohammed Yousef, os radicais mantêm uma sangrenta campanha que já deixou mais de três mil mortos, de acordo com números do exército nigeriano.

Com 170 milhões de habitantes de mais de 200 grupos tribais, a Nigéria é o país mais povoado da África, e sofre múltiplas tensões por causa de suas profundas diferenças políticas, socioeconómicas, religiosas e territoriais.

Basquetebol: Somos o terceiro melhor país nos escalões de formação

A selecção nacional juvenil feminina de Moçambique conquistou, a 12 de Outubro último, a medalha de bronze no Afrobasket deste escalão que teve lugar na cidade de Maputo. Este triunfo, associado à medalha de prata conquistada pela "Samurais" na categoria sénior feminina, coloca Moçambique na lista das potências do basquetebol a nível do continente africano.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Manguze

Nesta semana, o @Verdade publica a entrevista feita com a seleccionadora nacional de sub-16 de basquetebol feminino, Lucília Caetano, em que fez a radiografia da participação de Moçambique naquela prova. A treinadora revelou que várias pessoas tentaram sabotar o seu trabalho e que, durante o Afrobasket de Maputo, se sentiu sozinha e a lutar para responder a vozes do mundo do basquetebol que tentaram desacreditar a sua equipa de trabalho.

@Verdade – Qual é o balanço que faz da participação de Moçambique no Afrobasket juvenil feminino disputado recentemente em Maputo?

Lucília Caetano – A selecção nacional teve uma prestação positiva apesar dos contratemplos.

@V – Quais são esses contratemplos?

LC – Refiro-me às alterações do local que ia acolher a prova, nomeadamente de Harare para Maputo; à não realização da fase preliminar em Abril por motivos políticos; e ao adiamento desta prova que devia decorrer no passado mês de Julho em Harare, para um período que sucede depois da organização do Afrobasket sénior feminino.

Por incrível que pareça, nós soubemos que a competição seria organizada na cidade de Maputo e não na capital zimbabweana conforme estava previsto, a dois dias do arranque da mesma.

Tínhamos um programa que visava incluir as jogadoras das restantes províncias com 15 a 20 dias de antecedência, de modo a formar uma equipa coesa, entrosada e forte. Mas com aquela decisão tomada à última hora ficámos baralhados.

Mas deixando de lado esses detalhes, a nossa selecção esteve excelente. Superou-se. Foi admirável a prestação das jogadoras. As nossas meninas desempenharam bem o seu papel e cumpriram com tudo o que foi traçado pela equipa técnica. Souberam honrar as cores da bandeira nacional.

@V – O que se pode dizer do trabalho da equipa técnica?

LC – Não gosto muito de me avaliar. Mas deixa-me dizer que tivemos um trabalho árduo e muito difícil pelos motivos que enumerei anteriormente, sobretudo pelas adversárias que tivemos a cada dia e pela gestão de esforço que tínhamos de intentar para ter as jogadoras com alguma capacidade física para defrontarem os nossos adversários a cada dia.



@V – Queixa-se de que a selecção se juntou nas vésperas do Afrobasket, ou seja, a dois dias do início da prova. Significa que não havia nenhum programa específico para a mesma?

LC – Havia um projecto de juntar a equipa o mais cedo possível, sabido que a prova ia decorrer em Harare. Há que entender que as nossas jogadoras são também estudantes e foi preciso traçar um plano que não prejudicaria a vida académica delas. Infelizmente, tivemos esse contratempo da mudança de local de acolhimento da prova.

Este grupo de trabalho sempre existiu, ainda que somente com os que se encontram na cidade de Maputo. E se não fosse pelo empenho e pelo desdobramento do presidente da Federação Moçambicana de Basquetebol, Francisco Mabjaia, nós não teríamos participado nesta prova. As pessoas devem estar lembradas de que o basquetebol moçambicano esteve envolvido em várias competições neste ano.

@V – Este conjunto existe há quanto tempo?

LC – A primeira fase da criação desta selecção decorreu no período das férias escolares do primeiro trimestre do ano em curso, em que conseguimos trazer a Maputo atletas das províncias de Manica e de Nampula. O nosso plano, naquela altura, era para competir nas eliminatórias para este Afrobasket.

Atingimos o objectivo e depois disso nunca mais parámos. Por semana realizávamos duas a três sessões de treino e quando se marcou a competição para Harare, em Julho, intensificámos a preparação para conferir maior rodagem às meninas.

@V – E onde é que se preparava o conjunto e em que condições?

LC – Sofremos muito com a falta de campos. Não pudemos utilizar o pavilhão do

Desportivo de Maputo porque esteve encerrado e em obras; o do Maxaquene teve o mesmo problema; e o da Académica nunca foi de fácil acesso.

Contámos com o apoio incondicional da Escola Secundária da Polana, local que usámos como “casa” da selecção juvenil feminina. Como podem perceber, a formação deste conjunto debateu-se, sobremaneira, com a inexistência de campos.

Tivemos o apoio do professor de Educação Física daquela escola, João, bem como do treinador de formação do Desportivo de Maputo, Sílvia, profissionais que, com as suas competências, ajudaram na proliferação deste conjunto.

Tenho a lamentar que alguns treinadores, por causa dos jogos escolares, impediram as atletas de irem treinar pela selecção. Houve, inclusive, jogadoras que nem sequer apareceram porque os seus técnicos assim quiseram.

Não quero, com isso menosprezar os Jogos Desportivos Escolares. Mas uma selecção nacional é uma selecção nacional e deve estar acima de tudo.

@V – E quem são esses treinadores?

LC – Vou abster-me de mencionar nomes. Eu sou produto do primeiro Festival Nacional dos Jogos Desportivos Escolares e em nenhum momento preteri a minha ida à selecção nacional para dar primazia aos jogos escolares. Porém, consegui conciliar as duas actividades desportivas sem prejuízo de nenhuma das partes.

O que aconteceu, recentemente, é que algumas jogadoras que convoquei foram proibidas de representar a selecção nacional, o que chega a abraçar o absurdo.

“Ficámos em terceiro lugar por causa de algumas vezes”

@V – Apesar de uma preparação não exemplar, as nossas “meninas” juvenis conquistaram a medalha de bronze. Qual foi o segredo?

LC – Existiram vozes que se levantaram contra a nossa equipa. Várias pessoas estiveram contra nós alegadamente porque não gostaram da nossa decisão de convocar atletas de outras províncias deste país. Foi isto que nos colocou no topo.

Eu fiz questão de formar uma selecção nacional. Uma equipa representativa. Fui aos Jogos Escolares que tiveram lugar em Tete e fiz as minhas escolhas em função do talento das jogadoras e das minhas necessidades. Muitos não gostaram disso e eu não podia fazer nada.

@V – Esta medalha de bronze é dedicada a essas pessoas que nunca acreditaram na equipa técnica por si liderada?

LC – O facto de termos pessoas,

Desporto

sendo compatriotas, contra a selecção nacional motivou-nos a lutar. Mas penso que a consciência desses indivíduos pesou quando subimos ao pódio no último dia.

É certo que nós não temos a mesma tarimba que o Egipto e o Mali. Eles não treinam a dois ou três meses de preparação. Fazem um trabalho que leva anos. E mesmo assim nós mostrámos que temos força e que não vamos parar por aqui.

Para todos os efeitos, precisamos de desenvolver um trabalho mais sério para que possamos mostrar que somos uma potência a nível do continente africano.

@V – Essas vozes que se levantaram contra a nossa selecção são de colegas de trabalho de Lucília Caetano?

LC – Não gostaria de aprofundar esse assunto. Foi apenas um desabafo que fiz. Somos todos da mesma família do basquetebol e com o pouco que temos, seja bom ou mau, há que dar apoio e ajudar uns aos outros.

@V – Moçambique teria definido como objectivo nesta prova o apuramento para a final e que dava acesso directo ao “Mundial” sub-17 do próximo ano?

LC – Eu sempre disse que nós íamos para este Afrobasket juvenil para conquistar um dos lugares do pódio. Ele pressupõe as três primeiras posições. É lógico que qualquer treinadora deseja chegar ao “Mundial”, mas pelas condições impostas e pela qualidade dos nossos adversários, nós partimos em desvantagem.

@V – Faz sentido que tenha desejado o pódio mesmo ciente das condições que a nossa selecção teve durante a fase de preparação?

LC – Um propósito é sempre um propósito. E aprendi que temos de ser ambiciosos se quisermos testar as nossas capacidades. A boa e a força de vontade destas “meninas” fez com que terminássemos no terceiro lugar. Elas são bravas, umas verdadeiras heroínas. Eu tiro o chapéu para estas meninas.

“A formação é o nosso calcanhar de Aquiles”

@V – Esta medalha de bronze mostra que há formação ou é fruto do mero talento, diga-se, das jogadoras e da equipa técnica?

LC – De alguma forma nós estamos a fazer algum trabalho. Alguns de nós têm-se esforçado bastante para colocar as meninas a jogarem basquetebol. É de louvar esta iniciativa.

Mas há uma chamada de atenção que gostaria de deixar aqui. Eu não sou uma pessoa perfeita, sublinhe-se. Mas o escalão de formação é o nosso maior calcanhar de Aquiles em Moçambique.

Há necessidade de colocarmos pessoas responsáveis e competentes a assearem devidamente os “diamantes” que despontam a cada dia neste país.

@V – Com isso está a afirmar que há lacunas no tocante à formação em Moçambique?

LC – Estou a querer dizer que é preciso formar as nossas jogadoras de uma forma correcta. É que se formos a olhar para a actualidade, facilmente iremos notar que há atletas que chegam aos seniores com muitas lacunas.

Mas isso não é culpa deles. É porque não tiveram uma boa base de formação, não tiveram aqueles princípios

ideais para um bom jogador de basquetebol.

Não faz sentido haver um atleta que não sabe correr, que não sabe fazer um passe e que não sabe trabalhar com a coordenação motora.

@V – E qual é a solução para esse problema?

LC – Eu lanço um apelo às escolas para que invistam mais nas aulas de Educação Física. Os nossos meninos precisam do “ABC” do desporto. Devem assimilar conhecimentos sobre como caminhar, de como correr, de como saltar e de como jogar a bola.

Não quero ser saudosista, mas na minha geração nós pulávamos, corríamos e saltávamos a corda a partir de casa. Na escola íamos para requintar o trabalho com a bola nas diversas modalidades; íamos aprender como andar; como saltar; como cair; e que movimentos devem ser feitos para evitar ferimentos em casos de queda.

Mas não basta dizer que tudo deve ser feito pelo professor de Educação Física. É preciso que este profissional, por sua vez, conheça as técnicas necessárias para formar um bom atleta de qualquer que seja a modalidade.

Por outro lado, é preciso que nós os treinadores de formação participemos nos cursos de formação e de actualização.

Outro problema que existe aqui é que alguns se negam a fazer a actualização, o que é muito mau. Os meus colegas que treinam os seniores deviam também transmitir os seus conhecimentos aos novos talentos.

@V – Podemos afirmar que temos jogadoras que vão dar continuidade ao trabalho realizado, por exemplo, pelas “Samurais”?

LC – Tem que haver um trabalho conjunto entre os treinadores das várias selecções. O que sucede hoje é que o nosso basquetebol é uma espécie de pirâmide invertida. Podemos começar com muitos atletas, mas à medida que o tempo vai passando muitos vão parando por falta de espaço nos escalões subsequentes. É por isso que existem desistências. Chegam ao topo apenas os que persistem.

Talento em Moçambique não nos falta. Temos. Mas somos carentes de atrevimento no trabalho.

“Mamusca”: uma mulher que vive o basquetebol

É um dos “produtos” da escola de formação do Estrela Vermelha de Maputo. Mas foi no Desportivo, também da capital, que se notabilizou como base/extremo, clube de “família” e que representou até ao fim da sua carreira a pedido do falecido poeta moçambicano José Craveirinha.

Gosta muito de crianças e de ensinar os mais novos a jogar basquetebol. É uma pessoa que se sente frustrada quando não consegue ajudar a quem realmente precisa.

É treinadora desde 2005, quer de masculinos, quer de femininos. Nunca conheceu outro clube para além da Politécnica ainda que, por falta de campo, tenha comandado somente as equipas seniores daquele emblema. É seleccionadora nacional há sensivelmente cinco anos e já foi “adjunta” da selecção sénior masculina.



“Ainda não tenho informações sobre o ‘Mundial’”

@V – Segundo uma publicação da FIBA, na sua página da Internet e datada do passado dia 15 do mês em curso, o continente africano terá, a partir do próximo ano, três representantes no Campeonato Mundial de Basquetebol de sub-17. Moçambique é colocado na prova por ter terminado na terceira posição. Teve esta informação?

LC – Quando recebi esta notícia tratei de entrar em contacto com o presidente da federação. Ele disse-me que estava espera de um comunicado oficial da FIBA, por aquela que está no seu site de Internet ser duvidosa. Ou seja, para mim ainda não é oficial que Moçambique vai ao “Mundial”.

@V – E que trabalho pode ser feito caso seja oficial?

LC – O nosso trabalho é permanente e a longo prazo. Nós continuaremos a preparar a selecção que vai representar o país nos Jogos da CPLP em 2015. A formação, como o próprio nome sugere, é um processo que dura o seu tempo e não visa ganhos imediatos.

Quero deixar bem claro que nós continuaremos a fazer o nosso trabalho e a preparar uma selecção coesa para o futuro do basquetebol moçambicano.

Basquetebol: Moçambique vai ou não ao “Mundial” de sub17?

Uma publicação na página oficial da Federação Internacional de Basquetebol (FIBA), datada de 15 de Outubro passado, anunciou que Moçambique, apesar da terceira posição conquistada no Afrobasket juvenil de Maputo, está apurado para o Campeonato Mundial de Basquetebol de sub-17. Trata-se de um lapso ou de uma informação a ter em conta?

A coluna assinada por Paul Nilsen, colaborador da página oficial daquele organismo que gere o basquetebol mundial, intitulada “Excited already for U17 action next year”, que traduzida significa “animado para a acção do sub-17 no próximo ano”, expõe num dos trechos que, a partir do “Mundial” 2014, o continente africano será representado por três selecções no Campeonato Mundial de Basquetebol juvenil feminino.

Aliás, o autor do referido artigo enfatizou que Moçambique, a par do Egipto, terceiro e segundo classificados, respectivamente, do Afrobasket de sub-16 de Maputo, seria um estreante de peso na prova que terá lugar na República da Eslováquia.

Contudo, a boa-nova para Moçambique pode não passar de um lapso crasso do colunista Paul Nilsen. É que, segundo Francisco Mabjaia, presidente da Federação Moçambicana de Basquetebol, a competição de Maputo apurou apenas as duas equipas que chegaram à final, nomeadamente o Mali e o Egipto.

Para Mabjaia, “Moçambique terminou na terceira posição e por isso conquistou a medalha de bronze. O nosso objectivo foi alcançado, ainda que quiséssemos ir, realmente, ao Campeonato do Mundo”. “Se nós estivéssemos lá, a FIBA-África, que foi quem organizou a competição em Maputo, ter-nos-ia informado. Ou seja, até hoje não temos essa in-

formação a dar conta de que estamos no ‘Mundial’”.

Questionado sobre os procedimentos internos e de comunicação institucional, Mabjaia esclareceu que “se Moçambique estivesse realmente no ‘Mundial’, a FIBA teria emitido um comunicado dirigido à nossa instituição a dar a conhecer qualquer decisão”.

Ainda assim, o nosso interlocutor clarificou que caso se concretize a “repescagem” da nossa selecção juvenil, a sua instituição irá trabalhar para que o país seja representado condignamente. “Se isso for a acontecer podem ter a certeza de que nós vamos comunicar à Imprensa que vamos, realmente, a Eslováquia”.

De referir que a prova irá decorrer de 26 de Junho a 06 de Julho do próximo ano na República da Eslováquia. Um total de 12 equipas de todo o mundo estão apuradas para aquele campeonato.

Desporto



O FUTEBOL VÊ-SE MELHOR COM A 2M

SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.

Moçambola: Liga pode sagrar-se campeã no domingo

A Liga Desportiva Muçulmana de Maputo empatou, na tarde de última quarta-feira (23), com o Ferroviário de Nampula, a zero, em partida de acerto de calendário da 16ª jornada. Com oito pontos de avanço sobre o segundo classificado, os muçulmanos podem sagrar-se campeões nacionais neste fim-de-semana.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Manguenze

No Estádio 25 de Junho de Nampula, a equipa da casa entrou ousada e cedo procurou violar as redes da baliza de Milagre. Transcorridos cinco minutos, após percorrer vários metros pelo flanco direito, Massaua cruzou a bola para o “coração” da grande área, mas Jerry empurrou o guarda-redes muçulmano na tentativa de se isolar para cabecear.

Este foi o lance mais vistoso da partida durante os primeiros 45 minutos, visto que, até ao intervalo, as duas equipas só dividiam as bolas na zona intermediária, recorrendo a ataques que não surtiam nenhum efeito.

Por um lado, a Liga Muçulmana que sem fugir do seu modelo de jogo privilegiou a circulação de bola enquanto os donos da casa, por outro, foram bastante calculistas na exploração dos flancos, única via encontrada para chegarem com algum perigo à zona defensiva contrária.

Nesta etapa, curiosamente, os dois conjuntos não entraram com as suas melhores unidades ofensivas, nomeadamente Belito, do lado do Ferroviário de Nampula e Sonito, dos muçulmanos. Por isso, Massaua e Imo foram os grandes destaques ou, se quisermos, os dois maestros nos seus respectivos conjuntos.

Na etapa complementar, Litos Carvalha, treinador da Liga Muçulmana, chamou o ponta de lança Sonito para ocupar o lugar do médio defensivo Mustafá, dando indicações de que a Liga estava disposta a jogar no ataque. Aliás, a pressão alta exercida pelos líderes do campeonato foi testemunha disso.

Rogério Gonçalves, treinador dos locomotivos, também não cruzou os braços. Quis jogar de igual para igual e, transcorridos 55 minutos, fez entrar Belito para o lugar do extremo esquerdo Jerry.

Apercebendo-se de algumas lacunas na zona intermediária, sobretudo pela saída de Mustafá, ao minuto 59



Muandro cedeu o lugar ao médio centro Liberty. Pouco tempo depois desta substituição, Sonito perdeu uma soberba oportunidade de abrir o marcador ao fazer-se tardiamente a um lance em que só devia desviar a bola depois de um excelente cruzamento de Josimar.

Mercê da pressão alta, os defesas da equipa locomotiva distraíram-se na tentativa de saída para o ataque e o esférico sobrou para Sonito que, numa atitude de precipitação, desferiu um remate embrulhado quando tinha, na verdade, apenas o guarda-redes pela frente.

Sem Imo, mas com Josimar a criar muitos problemas aos médios do Ferroviário de Nampula que haviam estacionado na zona defensiva, por manifesto apoio aos centrais, Sonito voltou a perder uma soberba oportunidade de desfazer a igualdade no marcador.

E porque no futebol quem não marca sofre, num lance de bola parada, Dondo colocou o esférico na região de grande penalidade e Milagre, apercebendo-se da posição de Belito, abandonou os postes e, na disputa com aquele avançado, sofreu uma falta.

Sem mais incidências, a partida terminou com o nulo a imperar no marcador. Com este resultado, a Liga Muçulmana continua a liderar a prova com oito pontos de avanço sobre o segundo classificado e pode sagrar-se campeã nacional neste fim-de-semana caso o HCB e o Maxaquene empatem diante do Vilankulo FC e do Têxtil de Púnguè, respectivamente.

Maxaquene conquista três pontos no regresso de Salvado

Depois de um mês de suspensão, Arnaldo Salvado regressou no último domingo (20) aos campos de fute-

de Angónia na partida marcada para a tarde de último domingo (20).

Os fabris de Manica e a locomotiva da capital da Zambézia lideram a prova com 19 pontos, apesar de o Textáfrica estar em vantagem no que diz respeito ao confronto directo entre os dois conjuntos.

Desportivo de Maputo continua a liderar

O Desportivo de Maputo derrotou o Samora Machel de Chókwè, por 2 a 1, e mais uma vez precisou do minuto 90 para sentenciar a partida. Numa jogada de insistência, Chana apareceu isolado no meio da grande área adversária para, com o seu pé mágico, desfazer a “mentira” do jogo.

Foi um confronto bastante difícil para a turma alvinegra que na tarde daquele domingo (20), acompanhada dos seus adeptos oriundos de Maputo, viajou até à cidade Chókwè para defrontar o Samora Machel local. A equipa da casa ignorou os preceitos da grandeza do seu adversário e assumiu o comando do jogo, ainda que sem obedecer aos seus variados processos.

Aos 19 minutos, os donos da casa festejaram um golo apontado com muita classe. A bola, depois de “bombeada” para o interior da grande área alvinegra, foi muito mal afastada pelos centrais da equipa visitante, tendo sobrado para um jogador do Samora Machel que a colocou novamente na zona de perigo de onde foi enviada, num

bol e, para registar o momento, mercê de uma exibição exuberante, a sua equipa derrotou o Clube de Chibuto, por 2 a 1, em jogo da 22ª jornada. Isac bisou na partida, com golos apontados nos minutos 19 e 43, enquanto do lado dos guerreiros Ndjuta foi o autor do tento, a quatro do fim.

Esta derrota, para além de relançar o Maxaquene para os lugares do pódio, com 37 pontos, precipitou a demissão de Victor Pontes do cargo de treinador principal do Clube de Chibuto.

Quadro de resultados

Fer. Nampula	1	x	0	Fer. da Beira
Fer. Maputo	1	x	0	Têxtil de Púnguè
Maxaquene	2	x	1	Clube de Chibuto
Chingale de Tete	1	x	0	HCB de Songo
Vilankulo FC	0	x	1	Matchedje
Estrela Vermelha	2	x	0	Desp. de Nacala
Liga Muçulmana	0	x	0	Costa do Sol

Próxima Jornada

Costa do Sol	x	Fer. de Nampula
Têxtil de Púnguè	x	Maxaquene
HCB de Songo	x	Vilankulo FC
Matchedje	x	Estrela Vermelha
Fer. da Beira	x	Fer. de Maputo
Clube de Chibuto	x	Chingale de Tete
Desp. de Nacala	x	Liga Muçulmana

L	Clubes	J	V	E	D	GM	GS	DG	P
1º	Liga Muculmana	22	13	6	3	39	14	26	45
2º	HCB de Songo	22	10	7	5	28	14	14	37
3º	Maxaquene	22	11	4	7	25	20	5	37
4º	Costa do Sol	22	9	8	5	27	19	8	35
5º	Fer. da Beira	22	10	5	7	28	24	4	35
6º	Fer. de Maputo	22	9	6	7	23	19	5	33
7º	Desp. de Nacala	22	8	9	5	18	14	4	33
8º	Clube de Chibuto	22	9	5	8	24	25	-1	32
9º	Fer. Nampula	22	7	7	8	18	23	-5	28
10º	Estrela Vermelha	22	6	9	7	16	21	-5	27
11º	Chingale de Tete	22	6	6	10	11	16	-5	24
12º	Vilankulo FC	22	6	4	12	15	24	-9	23
13º	Têxtil de Púnguè	22	5	7	9	13	23	-10	22
14º	Matchedje	22	2	4	16	12	36	-24	10

Poule: Ferroviário de Pemba regressa ao Moçambola

O Clube Ferroviário de Pemba tornou-se, no último domingo (20), a primeira equipa a qualificar-se para o Campeonato Nacional de Futebol, o Moçambola edição 2014. Nas zonas Sul e Centro, o Desportivo de Maputo e o Textáfrica de Chimoio encontram-se na liderança.

Texto: David Nhassengo

Um ano depois, o Ferroviário de Pemba volta a ocupar um lugar na elite do futebol moçambicano, o Moçambola. A festa da locomotiva da capital de Cabo Delgado foi feita na sua própria casa, diante do seu público, após derrotar o seu homónimo de Nacala, por 2 a 1.

A uma jornada do fim da Poule Norte, os representantes de Cabo Delgado beneficiaram do empate sem abertura de contagem do seu seguidor directo, o Benfica de Monapo diante da Associação Desportiva de Cuamba, confirmando, deste modo, o apuramento para o Campeonato Nacional de Futebol com 22 pontos no topo da tabela classificativa, a sete do segundo classificado.

Ainda nesta região, o Desportivo de Mueda empatou a um golo diante da Universidade Pedagógica de Lichinga.

Na região Centro do país, a competição continua renhida depois de o Textáfrica de Chimoio vencer o Sporting de Beira, por 1 a 0, e o Ferroviário de Quelimane beneficiar da falta de comparência do FC

portentoso remate, para o fundo das malhas do estreante José.

Os pupilos de Artur Semedo não desesperaram e correram atrás do prejuízo. Arregaçaram as mangas, diga-se de passagem, e subjugaram por completo o adversário. Porém, os seus avançados não acertavam com a baliza contrária, o que permitia o recurso ao contra-ataque por parte dos donos da casa.

Porque quem “procura acha”, Orlando, a quatro minutos do intervalo, restabeleceu a igualdade no marcador numa jogada de insistência em que o esférico foi parar ao seu pé na zona restrita do guarda-redes.

Com 1 a 1 no marcador chegou a etapa complementar em que o Desportivo, sempre inconformado, correu atrás do resultado contra um Samora Machel que até recorria ao “cai-cai” para ganhar mais alguns minutos de jogo.

Artur Semedo chamou Chana para substituir Orlando, na posição de avançado fixo, uma troca que surtiu efeito no minuto 90 quando aquele ponta de lança virou o resultado.

Com este triunfo, o Desportivo de Maputo somou 25 pontos no topo da tabela classificativa e manteve a diferença de sete com o segundo, o Estrela Vermelha de Maputo, que nesta nona jornada derrotou o Ferroviário de Inhames, por 2 a 0.

Desporto

Liga dos Campeões Africanos: Finalistas são definidos depois de novos empates

Os jogos da primeira mão das semifinais da Liga dos Campeões Africanos, em futebol, pareciam ter aberto o caminho para uma reedição da final do ano passado, já que tanto o Espérance como o Al Ahly voltaram das visitas que fizeram com um empate na bagagem. No entanto, os jogos da segunda mão, mais uma vez, não viram nenhum clube sair vitorioso no tempo regulamentar. Assim, foi uma decisão por penáltis e o critério dos golos marcados fora de casa o que acabou por definir os finalistas.

Texto: African Football Media • Foto: LUSA

O Al Ahly egípcio, actual campeão e o clube mais vitorioso do continente – procura a sua oitava taça –, enfrentará o Orlando Pirates, único clube da África do Sul que já ganhou a competição. O vencedor da final, que será disputada em 180 minutos, vai juntar-se ao Raja Casablanca, campeão marroquino, como representante da África na Copa do Mundo de Clubes da FIFA 2013 no próximo mês de Dezembro.

Al Ahly elimina Coton Sport

Embora já tivesse dado adeus a uma longa série invicta em casa ao perder com o seu próximo adversário, por 3 a 0, na fase de grupos, o Al Ahly era favorito à vitória contra o Coton Sport ou pelo menos um empate a 0 que o classificaria graças ao golo que marcou nos Camarões na primeira mão.

O clube do Cairo, que foi obrigado a jogar com os portões fechados na cidade de El Gouna devido a um tumulto entre o público numa partida prévia, teve o melhor início possível, já que o médio Abdullah Al Saied marcou logo aos três minutos. Surpreendentemente, porém, deixou o Coton Sport entrar no jogo. O clube finalista de 2008 foi tendo oportunidades e acabou por empatar, aos 20 minutos do segundo



tempo, com um golo de Kada Yougouda, o melhor marcador da competição.

Com o agregado de 2 a 2, a partida foi para os penáltis. Cada equipa falhou uma marcação na primeira série, e Jacques Haman bateu a oitava e última do Coton Sport por cima, dando o lugar ao rival.

Orlando Pirates elimina Espérance

O Orlando Pirates arrancou um empate a 1 com o Espérance tunisiano em Radès, o suficiente para classificá-lo após o empate sem golos na primeira mão. Os donos da casa tiveram mais oportunidades na primeira etapa, mas não conseguiram convertê-las. Por sua vez, os sul-africanos entraram a ganhar aos sete minutos do segundo tempo quando o defesa Rooi Mahamutsa completou um pontapé de canto de cabeça.

Apesar de o Espérance se ter esforçado ao máximo e empatado três minutos depois

por Iheb Msakni, o Pirates provou que a sua reputação de equipa difícil de vencer é um facto e manteve o encontro sob controlo até o fim.

Rooi Mahamutsa

Numa equipa repleta de grandes nomes, Mahamutsa foi o improvável autor do golo da vitória dos sul-africanos. O defesa, de 31 anos, tem apenas dois jogos com a camisa da selecção sul-africana – ambos como substituto em menos de quatro anos. De lá para cá, vem sendo titular absoluto do Orlando Pirates sem chamar muito a atenção nem marcar golos de destaque. Tudo isso poderá ter mudado depois deste jogo.

Sportif Sfaxien da Tunísia qualifica-se para a final da Taça da CAF

O Club Sportif Sfaxien (CSS), da Tunísia, qualificou-se para a final da Taça da Confederação Africana de Futebol (CAF), vencendo o Club Athlétique Bizertin (CAB) na meia-final da segunda mão disputada domingo no estádio olímpico de El Menzah, em Tunis.

O único golo do jogo foi inscrito pelo Ivoirien Idrissa Kouyaté, aos 43 minutos.

Com esta vitória, o CSS obtém o seu apuramento para a final da Taça da CAF em detrimento do seu adversário com que empatou na primeira mão em Bizerte, a 0.

O clube de Sfax vai defrontar na final o congolês TP Mazembe que venceu o Stade Malien.

Em autobiografia, Ferguson fala sobre Barcelona, Mourinho e zanga-se com Beckham

O ex-treinador escocês, Alex Ferguson, que esteve à frente do Manchester United durante 27 anos, até a última temporada, apresentou nesta terça-feira (22) em Londres uma autobiografia na qual assegura que o Barcelona comandado por Josep Guardiola foi a melhor equipa que já enfrentou na sua carreira.

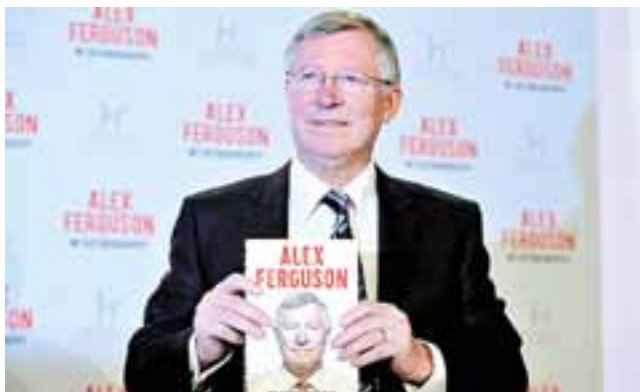
Texto: Redacção/Agências • Foto: Reuters

“O Barcelona foi uma equipa que nunca se aquietou diante do Manchester United. A melhor, sem dúvida”, declara Ferguson no seu livro, intitulado “My Autobiography” e que reuniu uma multidão de jornalistas internacionais na sua apresentação.

Além de exaltar o futebol do Barcelona de Guardiola, o ex-técnico também qualifica o atacante português Cristiano Ronaldo como um “mago”, o jogador mais talentoso que teve sob seu comando.

Nas 350 páginas da sua autobiografia, Ferguson, que aos 71 anos continua como director e embaixador do clube inglês, rememora como o Barcelona de Messi, Xavi Hernández e Andrés Iniesta, “todos eles de um metro e setenta”, conquistou duas Liga dos Campeões da Europa – 2009 e 2011 – diante de um Manchester infestado de “jogadores fortes e guerreiros”.

“O que nunca entendi é como esses jogadores eram capazes de jogar um elevado número de partidas. Alinhavam quase sempre os mesmos 11”, diz Ferguson, que, além disso, ressalta a boa relação que mantém com o treinador português José Mourinho, actual técnico do Chelsea, apesar dos atritos iniciais.



O escocês, que acumula duas Ligas de Campeões e 13 títulos do Campeonato Inglês no seu currículo, reconhece ter visto em Mourinho uma “ameaça em potencial”, principalmente quando escutou a sua primeira conferência de Imprensa como técnico do Chelsea, em 2004, na qual se definiu como um homem “especial”.

Uma temporada antes, os dois treinadores tinham-se enfrentado nos oitavos-de-final da ‘Champions’, nas quais o FC Porto de Mourinho enviou o United de volta para casa.

“Tive um choque com ele (Mourinho) no final daquele primeiro confronto. Mas, às vezes, tenho desaccordos com alguns colegas na primeira vez que nos encontramos e depois nos tornamos amigos. (...) Com Mourinho ocorreu exactamente isso”, sustenta o ex-técnico dos “Diabos Vermelhos”, que também elogia a personalidade do português.

Para Ferguson, a contratação de Mourinho pelo Real Madrid em Maio de 2010 foi “uma das nomeações mais interessantes” do mundo do futebol.

“Ver ele (Mourinho) iniciar o seu trabalho no Real Madrid foi fascinante. (...) Todos os treinadores que passam por lá devem aderir à sua filosofia, a filosofia galáctica. Quando optaram por Mourinho, tenho a certeza de que sabiam que teriam de mudar a sua forma de pensar”, assegura Ferguson no seu livro.

Em relação à troca no comando do Manchester, o escocês traz apenas algumas linhas sobre o assunto, nas quais descreve a reunião em que comunicou ao americano Joel Glazer, o dono do clube, a sua intenção de se reformar na final da última temporada.

“Ele tentou convencer-me a não me aposentar (...). Quando viu que não havia possibilidade de mudar minha opinião, a conversa girou em torno de quem me poderia substituir. Houve um acordo unânime: David Moyes era o homem”, relata o ex-técnico.

Ferguson, que revelou ter rejeitado por duas vezes uma oferta para treinar a selecção da Inglaterra, também aborda a sua relação com o médio David Beckham, que chegou a pensar que era “mais importante que o treinador”.

“Quando um jogador do Manchester United pensa que é mais importante que o seu treinador, ele tem de sair”, lembra Ferguson, que recorda em detalhe um dos incidentes mais conhecidos entre ele e o médio, que deixou o Manchester em 2013 para jogar no Real Madrid.

“Ele estava a uns três metros de mim e, entre nós, havia uma fila de botas. David falava em voz alta. Movimentei-me na sua direcção e chutei uma das botas, que lhe acertou no meio do olho. Certamente que ele tentou agredir-me, mas os jogadores impediram-lhe”, conta Ferguson no seu livro.

Valiosos querem revitalizar a Rumba

Moçambique é rico em diversidade cultural, mas, com o aparecimento de novos estilos musicais, os jovens da província de Nampula estão a abandonar a música tradicional, colocando-se em causa, assim, a identidade cultural. Nesse sentido, para manter a tradição e preservar a cultura, um conjunto de artistas – amantes e praticantes da Rumba – uniram-se recentemente a fim de desencadear acções para a sua manutenção. O grande contra-senso é que se no passado a Rumba animava as massas, presentemente isso não acontece. Em resultado disso, os cantores refugiam-se noutros géneros musicais.

Texto & Foto: **Sebastião Paulino**

Em 1992 um grupo de jovens constituído por 10 elementos, todos residentes do Bairro de Carrupeia, no Posto Administrativo de Namitico, na província de Nampula, associaram-se e criaram os Vitoriosos. O objectivo dessa colectividade artística era resgatar e popularizar a Rumba – um género musical à beira de desaparecer em Nampula.

Porque já a praticavam, ainda que de forma isolada e individual, todos os elementos do grupo Valiosos tinham alguma experiência em relação à Rumba. Além do mais Roberto António, um dos membros fundadores da colectividade, herdou grande parte dos instrumentos musicais utilizados na produção daquele ritmo do seu falecido pai. Por isso, a formação não enfrentou dificuldades relacionadas com a escassez de material.

Com as referidas ferramentas, feitas a partir de material local (como, por exemplo, sacos, baldes e tambores), a colectividade começou a trabalhar. Enquanto esta formação artístico-musical se consolidava, ela criou condições para adquirir instrumentos electrónicos. O problema é que não tinham espaço para realizar as actividades de preparação.

De uma ou de outra forma, o conjunto concluiu que – dentro dos obstáculos que enfrentava – a solução podia ser ensaiar na casa do fundador da banda, Roberto António.

Durante o seu treinamento, a colectividade estudou estratégias para dominar o mercado, focalizando as suas acções nos concertos realizados nas casas de pasto. Na época em que o grupo foi criado, possuía muitos admiradores. Por isso, realizava ‘shows’ em todos os bairros da cidade e nos 21 distritos da província de Nampula.

A Rumba é, na verdade, um estilo de música tradicional que era praticado no interior da província de Nampula em jeito de protesto contra a marginalização social dos moçambicanos – no tempo colonial – muitas vezes, tratados como cidadãos de segunda categoria. Presentemente, por causa da pobreza extrema enfrentada pelos membros do grupo Valiosos, eles decidiram utilizar certos instrumentos de uso doméstico como, por exemplo, os tambores e o ‘cajón’ que é uma ferramenta usada na percussão, para fazer a sua música.

De acordo com a vocalista da banda, Rozney, os Valiosos surgiram com o objectivo de perpetuar a Rumba e difundir mensagens educativas na sociedade a fim de que a sua tradição e identidade culturais, além de se preservarem, perdurassem no tempo.

Inspirado nessa filosofia, nas suas músicas, o agrupa-



mento Vitoriosos de Carrupeia canta sobre temas relacionados com os acontecimentos do dia-a-dia como a violência doméstica, os casamentos e gravidezes precoces, a marginalização social da juventude, os desentendimentos no seio da família, entre outros.

Actualmente, a colectividade possui 21 faixas músicas registadas. Por isso, também tem o plano de gravar dois videoclipes até o final do ano 2013. “Receamos a pirataria, por essa razão há vários temas musicais que não editamos. Assim que tivermos a oportunidade de publicar o nosso primeiro trabalho discográfico, iremos gravar as referidas composições para incluí-las no álbum”, refere Nwetha, o líder da banda.

“As pessoas gostam de Rumba, porque esse estilo de música identifica a tradição macua, a mensagem é sobre os seus ensaios, fraquezas, vitórias do povo macua, e o ritmo é tipicamente tradicional. Por isso, não há quem se alheie perante o que ouve e assiste saindo do nosso grupo”, salienta Nwetha.

Diversidade musical

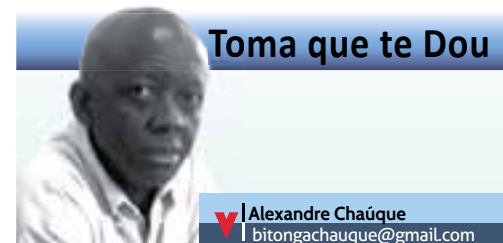
Desde 1992 até o ano de 2000, a banda Valiosos somente explorava a Rumba. A medida tinha o objectivo de preservar esse estilo de música tradicional. Entretanto, devido à concorrência do mercado, o grupo viu-se obrigado a explorar outros estilos musicais como, por exemplo, a Marrabenta, o Pandza e o Insiripithi.

O grupo afirma que desde que abraçou este género musical, começou a ganhar uma grande concorrência no mercado e, ultimamente, tem recebido jovens que querem cantar o mesmo género musical. “Nós cantamos por amor à camisola, não temos tirado proveito do nosso trabalho. O importante é transmitir a mensagem à população para a preservação da música que nos identifica como um povo”.

Por outro lado, Nwetha afirma que o mercado da música, em Nampula, é muito pequeno e fechado não sendo, por isso, possível que os artistas se dediquem com alguma exclusividade à música. Ela não é uma fonte segura de sobrevivência. “O que piora a situação é que o Governo não apoia os agrupamentos musicais – mesmo que solicitem amparo”.

Neste sentido, para manter a colectividade, os artistas realizam concertos continuamente nos fins-de-semana cujos ingressos custam 50 meticais. Um aspecto marcante é que os idosos, saudosistas, é que aderem os eventos.

Uma das alternativas de sobrevivência encontrada pelo grupo é realizar concertos nos lugares mais recônditos de Nampula – os distritos. Geralmente, os governos distritais é que têm convidado os Valiosos para o efeito. Esse trabalho também serve de base para a colecta dos recursos financeiros que serão investidos na compra de novos instrumentos musicais.



Toma que te Dou

Alexandre Chaúque
bitongachauque@gmail.com

Ódio!

Há duas semanas estive em Maputo, uma cidade em crescimento avassalador, que me faz lembrar, assim, a voracidade dos chineses, que pretendem, no seu país, e parece estarem a consegui-lo, amanhecer antes de o sol despontar. Lancei um olhar negligente por sobre os novos edifícios que se erguem em todo o lado, nas dunas e nos pântanos, e reparei que o homem está decidido a implantar uma floresta de cimento por aqui.

Porém, olhando para frente, para o futuro, não se sabe muito bem que urbe teremos, porque há discussões acasas entre os arquitectos, os donos do dinheiro, e os defensores do meio ambiente, estes últimos levantando a tese de que poderemos estar perante uma tragédia urbana amanhã, se analisarmos com responsabilidade o actual ordenamento territorial da cidade.

Não sei, e nem é sobre isso que pretendo falar aqui, para além de que a capital moçambicana já não me fascina, por toda essa desordem, por toda essa cascata de pedras afiadas que caem por cima do nosso espírito, pela imprevisibilidade nas ruas onde o crime não pára de florescer, pelo ódio que se agudiza, pelas desigualdades dolorosas escarrapachadas nas esplanadas e nos restaurantes de ouro, pelo escárnio a que somos submetidos na nossa própria terra, sem que ninguém nos defenda. Não, não é sobre isso que pretendo falar. A vida é muito bela por demais para me deter no negro das coisas.

Também não vou falar das viaturas de caixa aberta transportando seres humanos como reses para abate. Não! Infelizmente nota-se, sem muito esforço, que a par do desenvolvimento da capital moçambicana, sofisticam-se os abutres, que planam no céu como anjos do diabo. E abutre é abutre, mesmo com plumagem de púrpura. Odeio as barracas que continuam em todo o lado, fertilizando a desgraça da juventude que, em não podendo sentar num lugar digno, coabita com lagos de urina e muitos outros elementos fedorentos, onde avultam homens e mulheres sem esperança.

Não quero falar dessas coisas que acontecem nesta cidade selvática. Falar para quê? Falar para quê se ninguém me vai ouvir? Não faz sentido que eu fale de corações dilatados de ódio, pois, cada vez que eu falo delas, sinto cada vez mais dor. O melhor é ficar calado e assistir à cidade seguindo o seu rumo com vários lemes, ou, pior ainda, sem leme. O melhor é deixarem-me cantar a música de Zé Guimarães Nyanda ya mbeveve (pedido de socorro de um mudo).

Vencimento na peresu i mahalha

Ka vona ni munwe a nga kuli

Kambe a pereço yi ti maha ngwenya

Yi luma bava vencimento

Kambe vencimento a wa khala

Aba nyanda

A nyanda ley i twalela mbilwini

A nyanda ley i nyanda ya mbeveve

Agora deixem-me traduzir livremente para vocês esta letra, noutra língua.

O vencimento e o preço são gémeos

Nenhum deles devia crescer mais que o outro

Porém, o preço transforma-se em crocodilo

Abocanha o vencimento

E o vencimento lamenta e lança um grito de socorro

Um grito que só se ouve dentro do coração

É um grito de mudo

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440
WhatsApp: 84 399 8634

ENVOLVIDO

A verdade em cada palavra.

@Verdade

© Jornal mais lido em Moçambique.

Stop a Discriminação de Ambos

Cansado da discriminação de que era alvo na sociedade – por ser ou não deficiente – um conjunto de jovens residentes nos bairros periféricos da cidade de Maputo criou o Stop a Discriminação de Ambos (SDA). O movimento realiza uma série de actividades artístico-culturais. No entanto, os seus objectivos trespasam o mero entretenimento. Os seus membros encontraram na organização uma ferramenta de intervenção social...

Texto: Inocêncio Albino • Foto: SDA

Ezequiel Manjate conhece muito a dor da discriminação. Por ter nascido deficiente físico, as pessoas não o encaram como uma pessoa comum. Mas ele é normal e (como todas as pessoas) apenas diferente.

A questão da discriminação – que gera resultados nefastos – não afecta somente os deficientes. As pessoas supostamente ‘perfeitas’, também são discriminadas por outras razões como, por exemplo, a cor da pele, a sua opção religiosa ou política, ou mesmo por terem qualquer outro tipo de doença.

A discriminação é um problema social enfrentado por todos os homens. Mas há quem sofra mais por suas causas, sobretudo quando gera estigma.

Ezequiel é membro de uma organização cultural e humanista – a Associação Cultural Muondjo – e, certa vez, em conversa com Jerónimo Mário Mendonça, outro jovem não deficiente, constatou que a discriminação afectava a todos. Deficientes e não. “Compreendemos que não seria correcto que nós, as vítimas dessa prática, nos revoltássemos contra os nossos ofensores. Para nós seria muito melhor que tomássemos uma iniciativa que, de forma organizada, apelasse às pessoas para que não praticassem a discriminação”.

Com base nessa compreensão, estes actores sociais criaram o movimento Stop a Discriminação de Ambos, a fim de agir contra a marginalização de homens pelos homens.

“Através do SDA realizamos actividades artístico-culturais como o recital de poesia, as encenações teatrais, as palestras e os concertos musicais a partir dos quais disseminamos contra o referido fenómeno social”, diz Ezequiel Manjate que explica que “não nos focalizamos na discriminação que recai sobre os deficientes, mas naquela que ocorre também entre todos os seres humanos por qualquer motivo – a cor da pele, a religião, a nacionalidade ou por serem vítimas de determinado tipo de doença”.

Por outro lado, “as nossas palestras têm como objectivo mostrar as boas maneiras de tratar as pessoas que tenham uma característica especial que as torna diferentes de nós. Como abordar, por exemplo, os pessoas com determinadas enfermidades?”

Reconhecendo que há pessoas que são abandonadas pelos seus familiares pura e simplesmente porque são doentes, os mentores do SDA afirmam que a colectividade é composta por pessoas deficientes e não só. A maior parte dos membros vive nos bairros periféricos de Maputo.

Espaço Amigo de Todos

De acordo com Ezequiel Manjate, “estamos a pensar em criar o Espaço Amigo de Todos, onde as pessoas – sem nenhum tipo de discriminação – se irão juntar-se a nós para discutir os problemas associados à discriminação”. Por exemplo, “sentimos que para nos achegarmos aos meninos da rua, temos de nos tornar da rua, para nos



entendermos com eles”.

Nesse sentido, e como humanos, “queremos promover encontros para discutirmos os mecanismos para a criação de um futuro melhor. Entretanto, já há pessoas que nos consideram Os Apelantes, porque apelamos à paz”.

Entretanto, “apesar de não sermos a paz, queremos mantê-la para que o povo possa viver pacificamente. Notamos que a violência humana é agressiva de tal

sorte que os homens vivem muito menos tempo do os outros animais”.

A discriminação gera a violência que, por sua, vez azeda as relações entre as pessoas. Grosso modo, é por essas razões que o SDA – que comporta cidadãos moçambicanos, alemães e japoneses – está contra ela. “Não queremos que práticas imundas influenciem o nosso proceder no dia-a-dia”.

Felizmente, “há muitas pessoas que estão a aderir ao nosso projecto porque elas se sentem discriminadas nas suas casas pelos próprios familiares. Os deficientes são acusados de ser um estorvo no seio familiar – pessoas que não estão em condições de oferecer nada, mas estão constantemente preparados para receber”.

“Pensamos que a realidade não é bem assim. Não queremos fazer o impossível, mas lutamos para torná-lo possível”.

O movimento SDA tem realizado oficinas de canto e dança com as crianças dos bairros, um espectáculo musical na Associação Cultural Muondjo, em Matendene, incluindo uma marcha pela paz. Nos mesmos estabelecimentos, esta colectividade leva a cabo programas contínuos de ensaios – que decorrem aos sábados e domingos – a fim de preparar as suas intervenções sociais.

A par do Espaço Amigo de Todos que se quer criar, o SDA diz que pretende incluir “a realização de actividades económicas como, por exemplo, a machamba que irão ocupar as pessoas que se empenham pelo advento da paz no país”.

De qualquer modo, porque isso também é essencial, “apelamos aos pais para que não condenem os seus filhos, aprisionando-os nas casas, por serem deficientes. Ninguém escolhe ser deficiente. Sentimos que nós, os seres humanos, somos transitórios nesta terra. Todos – ricos e pobres, carenciados e abastados – respiramos o mesmo ar”.

Apoiar os desfavorecidos

Na senda das suas actividades, está agendada para o Dia Internacional do Deficiente, 03 de Dezembro, um espectáculo a ter lugar na Associação Cultural Muondjo em Matendene.

Trata-se de um evento cujo acesso é gratuito em que “queremos que as pessoas, de forma voluntária, nos ofereçam produtos alimentares ou material escolar, em bom estado, para que os mesmos possam ser oferecidos aos netos e filhos dos idosos desfavorecidos. O gesto deve-se o facto de que, nas festas do fim do ano, há pessoas que não tem o mínimo para comer”.

Para este grupo social, a situação agrava-se nos princípios do ano em que os preços do material escolar são muito altos.

Plateia

“Eu não sou alemão, mas também não sou moçambicano”

Durante os anos em que viveu na Alemanha, a moçambicana Regina nutriu um amor intenso pela amiga alemã, Heike. O problema é que a tradição do povo da primeira não admite o matrimónio entre mulheres. No entanto, cerca de 20 anos depois Regina ressent-se da decisão que tomou...

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Jens Vilela

Provavelmente, primeiro parágrafo da nossa matéria não tem nada a ver com o que trataremos nos próximos. Mas o que é um bom tema para uma matéria jornalística? Será a marca indelével que o mundo tem sobre os arianos quando perseguiram e mataram os judeus? Ou é o sentimento de angústia que, há 20 anos, os ‘madgermans’ manifestam, semanalmente, contra o Governo do seu país?

Há pessoas que nessa relação Moçambique-Alemanha, lutando contra o tempo que passa, ainda se questionam: será que os indivíduos que, vivendo na Alemanha, nasceram de relações (de amor que o tempo e a revolução se responsabilizaram por frustrá-las) entre moçambicanos e alemães, em Berlim onde vivem, se devem preocupar com os seus irmãos em Moçambique? Que dizer dos moçambicanos que estão na mesma situação?

A crónica oficial revela que os moçambicanos – muitos dos quais hoje são conhecidos pelo nome ‘madgermans’ – foram para a República Democrática Alemã (RDA), a fim de aprender como lidar com os desafios que naqueles anos seriam (e foram) instalados pela guerra dos 16 anos. O problema é que nos dias que correm, na prática, eles são o estorvo da própria existência.

Imarcescíveis, eles reivindicam os seus direitos. Os direitos de um operário cujos 60 por cento de ordenado foram descontados durante inúmeros anos e não lhes estão a ser restituídos. ‘Madgermans’ reivindicam e, por causa disso, para as crianças que nasceram ao longo do segundo quinquénio dos anos 90 do século passado, é provável que ‘madgermans’ tenha o sentido da reivindicação. É assim como os conhecem.

Mas será que eles são mesmo assim? Eles apreciam essa conotação? E como é que esse conjunto de acontecimentos influenciam e/ou influenciaram a construção da sua identidade? São muitos os assuntos em torno desse grande tema – a identidade moçambicana-alemã. O sentido inverso é válido.

Todos são narrados num evento artístico-cultural, na verdade, uma grande produção dos tempos actuais, em que também aproveitamos para aprender que – na Alemanha – os moçambicanos foram impelidos pela situação a compreender que lá “não existe mau tempo, só há mau agasalho”.

A obra chama-se Identidade – Um Romance Danado e é uma criação de Jens Neumam e exhibe, no mesmo palco, o teatro, o cinema e música ao vivo, sob execução de 15 artistas.

Mas era preciso compreender também – como a mesma obra explica – que o socialismo não é perfeito, porque não existe um sistema que garanta todos os serviços básicos para o povo. O importante a considerar é que as relações entre Moçambique e Alemanha são antigas, do



tempo em que ainda vigorava o colonialismo. Isso significa que Estado alemão foi um parceiro de Moçambique na luta pela independência.

É que, de acordo com a obra Identidade – Um Romance Danado, os primeiros alemães que se instalaram no país, na Ilha de Moçambique, não eram colonizadores. Eles tinham projectos de desenvolvimento agrícola, explorando plantações.

Relações humanas e construção social

A Alemanha é conhecida pelos seus feitos – bons e maus. Mas como eram as relações humanas entre os alemães e os moçambicanos? Sem excluir as dificuldades típicas da inserção social, a partir da necessidade da aprendizagem dos códigos culturais como, por exemplo, a língua e a adaptação ao clima local, os moçambicanos tiveram de enfrentar o nacionalismo alemão.

Tiveram de aprender que lá, por família se entende um núcleo limitado, constituído pelo pai, pela mãe e pelo filho. É essa realidade que, na interpretação dos moçambicanos, causa a solidão alemã, muitas vezes, originada pelo individualismo, esse pensamento segundo o qual primeiro eu, segundo eu e depois eu.

Mas é incrível reparar que muitos moçambicanos que regressaram ao seu país enfrentam o problema da identidade, e até certo ponto de se adaptarem ao clima local. Há moçambicanos que sentem falta da neve, da língua e da literatura alemãs.

Mas lá naquele país, o controlo aos moçambicanos era extremo. Por exemplo, nas discotecas, os alemães vigiavam-nos bastante sob pena de perderem as suas namoradas. É isso o que, em parte, originava desavenças entre ambos os grupos.

Os moçambicanos pensam que o encontro de culturas só funciona num país sem nenhum absolutismo, como Moçambique. Nesta terra, vivem e convivem pessoas de todas as partes do mundo.

Em contra-senso, na Alemanha, os moçambicanos eram obrigados a assinar contratos laborais sem os compreenderem. Em resultado disso, muitos trabalhavam em sectores em que não se sentiam bem. É por isso que eles reconheciam que apesar de serem considerados a “elite da nação” – o mesmo não tinha valor nenhum porque não lhes proporcionava o bem-estar.

“O alemão não quer saber como você vive, como você está, se você tem família ou não. Para ele é muito mais importante apenas saber quanto você ganha”. Isso significa que o interesse da Alemanha (não só em relação aos moçambicanos) é produzir. Apenas isso. “Eles não precisam de nós, apenas querem a nossa mão-de-obra. Para mim, os alemães são uma máquina de precisão – eles são demasiadamente precisos”, comenta um dos actores em cena.

Racismo

A peça revela que o Governo alemão não era a favor do racismo, entretanto naquele país havia pessoas que o praticavam. Por isso, nessa relação moçambicano-alemão, depois do trabalho o intercâmbio entre ambos os povos cessava. Nesse sentido, “a nossa integração social não interessava a nenhum dos Governos dos dois países”.

Tal como os seus documentos que foram retidos naquele país, existem moçambicanos que sentem que parte de si, como humanos, a sua identidade, ficou

na Alemanha. É como se isso tivesse sido uma estratégia para fazer com que os ‘madgermans’ que, outrora na Europa, eram considerados a “elite da nação”, tinham-se tornado uma espécie de miseráveis na sua própria terra. “O Governo moçambicano esquece que foi garças ao nosso trabalho que teve dinheiro para comprar armas na Alemanha”.

Uma questão da identidade

Identidades – Um Romance Danado documenta que existem 2200 ‘madgermans’, os moçambicanos que no âmbito da cooperação com o referido país viajaram para a Alemanha. Eles estiveram na Europa e, por isso, na visão de muitos dos seus contemporâneos deviam ser os bem-sucedidos. Como explicar o fracasso na Europa?

No seio desse grupo, alguns visionários que tinham estudos superiores, assim que se aperceberam da gravidade da situação que se instalaria, ‘fugiram’ de Moçambique. No entanto, há uma questão que se impõe: “Quando uma pessoa viaja para Alemanha, a fim de estudar, e não retorna ao país de que valeu esse investimento?”.

Talvez a resposta seja negativa. O problema é que, nalguns casos, a identidade ‘madgerman’ é crítica e condiciona o acesso ao emprego em Moçambique. A obra Identidade narra experiências de moçambicanos que, tendo sido melhores estudantes na Goethe Institut, na Alemanha, não encontram enquadramento no país.

São estas as ocorrências que nos deixam questões de fundo para reflectir. Para quando uma nacionalidade do mundo, sem necessidade de vistos e fronteiras? Será que a nacionalidade não é um conceito arquitectado?

I Got To Move!

Há ideias que, por vezes, parecem ser radicais mas que, uma vez materializadas, geram transformações valiosas na vida. Quem assim pensou e tomou atitude são os Gran'Mah que, recentemente, publicaram o seu primeiro videoclipe, I Got To Move. Desta forma, os fazedores do Reggae Fusion revitalizam o seu espaço no mundo da música.

Texto: Redacção • Foto: Gran'Mah



Em certa ocasião, os Gran'Mah afirmaram que estavam a trabalhar sobre o projecto da criação de um EP. Uma espécie de um trabalho discográfico – com algumas músicas – gerado para a divulgação e promoção das suas obras. É uma iniciativa cujos resultados são esperados pelos admiradores da colectividade, há bastante tempo.

De uma ou de outra forma, enquanto o EP não é finalizado, muito recentemente, os Gran'Mah lançaram para os meios de comunicação social, incluindo as redes sociais, o seu primeiro videoclipe. Chama-se I Got To Move e narra uma história muito familiar.

É que há vezes que as pessoas – homens e mulheres – experimentam momentos, na vida, em que sentem que estão motivados a empenhar-se no trabalho que fazem. Elas podem ser mais felizes. Mas também há situações que originam o mal-estar na relação conjugal.

A situação de um trabalho opressor que nos faz sentir numa situação de conflito intrapessoal, porque não o apreciamos o suficiente para nos dedicar a ele, bem como a forma como a sociedade nos encara, o medo que sentimos em relação às decisões que devemos tomar no dia-a-dia são alguns dos exemplos de que os Gran'Mah se inspiraram para cantar o I Got To Move.

O vídeo pode ser visto na internet, a partir dos canais do Youtube no link <http://www.youtube.com/watch?v=SP2cDeL7Wdg>, ou nas páginas da rede social Facebook da colectividade. De qualquer modo, está-se diante de um trabalho que – para além da composição elaborada – tem o mérito de apresentar cenários que contribuem para a inclusão da maior parte de pessoas. Por isso, é uma obra sobre a vida da humanidade. Ou seja, não se trata de um produto artístico-cultural para uma certa elite.

Todos precisamos de ser bem-sucedidos. Por isso, a mensagem que a música dissemina é a crença nas potencialidades que cada pessoa possui, a fim de movê-la a seguir os seus sonhos, rumo à felicidade.

O vídeo da música I Got To Move foi produzido pela Pixel



Photo, com a colaboração de Renato Quaresma. Trata-se de um produto orgulhosamente moçambicano sobre o qual Kiúre Negrão, o gestor dos Gran'Mah, considera que “estamos muito orgulhosos de anunciar o primeiro videoclipe oficial da nossa música”.

Recorde-se que a banda Gran'Mah – criada em 2009 – é constituída pela vocalista Regina dos Santos, pelo guitarrista Luís Silva, pelo baterista Wilson Miguel, pelo teclista Miguel Marques e pelo baixista Leopoldo Fernandes, ou simplesmente Leo.

Publicidade

Para quem dá o seu melhor

Quem se esforça, se dedica e dá o seu melhor, merece uma recompensa, merece uma Manica. O seu paladar rico e saboroso, característico de uma cerveja encorpada torna-se ideal para relaxar depois de mais um dia de trabalho.

O sabor que recompensa

SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.

ENTRETENIMENTO

PARECE MENTIRA...

Certo dia, Bernard Shaw (dramaturgo, escritor e jornalista irlandês) recebeu um questionário dum jornalista que lhe solicitava uma entrevista. Estava a escrever e, como não queria interromper o trabalho, voltou-se para o empregado doméstico e disse-lhe, com um sorriso: “Olha, responde tu por mim”. Não pensou mais no caso. Qual não foi, porém, o seu espanto quando, no dia seguinte, de manhã, ao ler os jornais, deparou com a “entrevista” e com as “suas declarações”: “Levanto-me às 6 horas, engraxo os sapatos, preparo o pequeno-almoço, arrumo o quarto, etc., etc...”.

As pessoas destras (que têm maior habilidade com a parte direita do corpo) vivem, em média, mais nove anos que as canhotas.

As pulgas podem saltar até 50 vezes o equivalente ao comprimento do seu corpo, que é o mesmo que um ser humano fazê-lo numa distância correspondente a um campo de futebol.

Alguns leões acasalam-se 50 vezes num só dia.

PENSAMENTOS...

- O tumor cura-se furando-se.
- Cria o corvo, tirar-te-á o olho.
- Tende medo da pedra e do carão duro.
- Um só dedo não pode caçar um piolho.
- Uma pedra não mata dois pássaros ao mesmo tempo.
- Ninguém se ri de si mesmo.
- O olho que tudo vê a si não vê.
- A vergonha é vista por quem olha.
- Abelhas mansas não têm mel.
- As casas que estão juntas ardem juntamente.

SOLUÇÃO
BACIAS HIDROGRÁFICAS
DE MOÇAMBIQUE

Substituindo os traços por letras achará, por ordem alfabética, as principais Bacias Hidrográficas de Moçambique

INCOMÁTI
LIGONHA
LIMPOPO
LUGENDA
LÚRIO
MAPUTO
PÚNGUÊ
ROVUMA
SAVE
ZAMBEZE

RIR É SAÚDE

Nos tempos de Salazar, o governo dava mil escudos a quem denunciasse um comunista; dava dois mil escudos a quem denunciasse dois comunistas; dava três mil a quem denunciasse três. Quem denunciasse quatro comunistas era preso porque conhecia comunistas a mais.

Um camponês foi a uma feira e comprou dois burros. Ao chegar a casa encontrou o vizinho que lhe disse:
– Oh homem, como camaradas que somos, tu tens o dever de me dar um burro e ficares com o outro: eu trato dele, empresto-te quando tiveres falta e tu fazes o mesmo, e assim governamo-nos melhor. Ele não achou má a ideia do vizinho e deu-lhe o burro. A mulher, ao saber deste mau negócio do marido, zangou-se com ele e disse-lhe:
– Deixaste-te roubar. Mas deixa lá, ele tem duas vacas e tu vais buscar uma, assim ficamos quites. De maneira que o homenzinho lá procurou o vizinho e foi-lhe dizendo que se ele tinha duas vacas devia dar-lhe uma, como ele lhe deu o burro. Ao que o outro lhe respondeu:
– Oh compadre, só com burros é que se fazem coisas destas.

Um político morre, vai para o Céu e S. Pedro perguntou-lhe se queria ir para a esquerda ou para a direita.
– Trabalha-se em ambos os lados – disse-lhe S. Pedro.
– Ah! Então prefiro ir para a esquerda. Lá haverá, certamente, muitas reuniões...

Em plena campanha política, um candidato é interpelado por um eleitor adversário que lhe grita:
– Antes quero votar no diabo, que votar em si!
Resposta do político:
– Não me fica a mais pequena dúvida, meu amigo; mas, no caso de esse seu amigo não aparecer, posso contar com o seu voto?

Um ditador foi à pesca. Ao seu lado um cidadão estava constantemente a meter um peixe no balde, mas o político não conseguia pescar nada. Então perguntou:
– Como é que fazes para apanhar tantos peixes?
– É simples! Eu sou um operário e todos os peixes querem servir-me de refeição! Enquanto, ao pé de V. Exª., todos eles têm medo de abrir a boca...

– Que tal achas o meu quadro? – pergunta um político metido a artista – Parece-te que o venderei bem?
– Bem, isso... depende. Podes ter sorte. Conheço um homem que daria uma fortuna só para o ver.
– Só para o ver?! Mas... porquê?
– Porque é cego.

No tribunal:
– Acusado, escolha entre as duas penas – ou dois dias de prisão, ou cinco mil meticais.
O réu, muito ligeiro, estendendo a mão:
– Aceito os cinco mil meticais.

SAIBA QUE...

A média dos “afazeres” durante a vida dum homem que atinge 70 anos é a de 20 anos a dormir, cinco anos a fazer a barba, lavar-se e vestir-se, sete anos a assistir a filmes ou a peças de teatro, dentre outras coisas...

Os ursos polares são canhotos.

A altura do Mar Cáspio é de 25 metros abaixo do oceano, e a do Mar Morto de 427 metros.

A ténia, ou solitária, fixa-se nas paredes intestinais. O seu comprimento vai de 2 a 3 metros.

Tem centenas de anilhas que se reproduzem independentemente, e pode viver anos no intestino humano.

O corpo de um homem normal deve conter cinco litros de sangue.

As folhas de tomateiro afugentam as formigas, pois estas sentem uma grande repugnância por elas.

HORÓSCOPO - Previsão de 25.10 a 31.10



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças: Período desfavorecido para tudo o que se relacionar com dinheiro ou despesas, de uma maneira geral. Modere a sua vontade nos gastos excessivos, por muita falta que lhe façam; naturalmente, que as despesas em supérfluos será uma questão que nem merece a pena referir.

Sentimental: Dedicar um pouco mais de atenção ao seu par será o mínimo que poderá e deverá fazer. Aproxime-se mais dele, os seus problemas e as preocupações tornar-se-ão mais simples e suportáveis. Numa relação a dois, a divisão dos problemas tomam o entendimento do casal bem mais agradável.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças: Este será um bom período em tudo o que envolva finanças. Investimentos e aplicações de capital atravessam um bom momento, com retornos bastante agradáveis. Poderá verificar-se uma entrada de dinheiro que embora inesperada, será recebida com agrado e ajudará a resolver algumas questões. No seu lado mais negativo, requerem-se alguns cuidados e que deverá manter-se firme nas suas convicções.

Sentimental: Para os nativos do Caranguejo, este aspecto será o que construírem. Existirão boas perspectivas, no campo sentimental. Os relacionamentos do casal serão intensos e muito agradáveis. Entregue-se e receberá. Para os que não têm uma ligação estável, este não será um período muito favorecido; aguarde por melhores dias.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças: Boas oportunidades para investimentos que deverão ser bem analisadas antes de tomar decisões. Este aspecto, encontra-se em alta e se souber tirar partido durante este período, ele será muito rentável. Para o fim da semana, poderá receber uma boa notícia relacionada com dinheiro. No seu aspecto mais negativo, aconselha-se moderação nas despesas.

Sentimental: Período muito favorecido em que a aproximação do casal será, manifestamente, favorecida por umas boas condições astrais. O entendimento terá como suporte principal o diálogo e a sinceridade. Os nativos da Balança deverão aproveitar esta fase para dividirem, entre si, o que a vida tem de bom.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças: As suas finanças irão entrar num período muito favorecido e, se for bem aproveitado, poderá ter retornos muito satisfatórios. Será uma boa oportunidade para investimentos de baixo e médio risco. Poderá verificar-se uma entrada, inesperada, de dinheiro. Se necessitar de comprar novos equipamentos para sua casa aproveite esta semana.

Sentimental: Não à nada como a abertura e o diálogo, para um bom entendimento de ordem sentimental. Abra o seu coração com o seu par e esclareça algumas dúvidas que têm sido a origem de alguns mal entendidos.



toouro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças: Dificuldades acrescidas; despesas inesperadas poderão constituir um motivo de grande preocupação. Um familiar poderá criar-lhe alguns problemas que poderão afetar o seu equilíbrio emocional, com uma questão relacionada com dinheiro e compromissos financeiros antigos.

Sentimental: Poderá encontrar no seu relacionamento sentimental a compreensão e ajuda que lhe permitirá ultrapassar, com alguma calma e serenidade questões que, de outra forma, seriam motivo de desequilíbrio e ansiedade. Alguns desentendimentos motivados por ciúmes poderão complicar a relação.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças: Embora com algumas dificuldades, no presente, este aspecto não poderia apresentar melhores perspectivas. Entradas de dinheiro poderão, brevemente, ser uma realidade que não deverão constituir motivo para abrandar o seu ritmo de trabalho, antes pelo contrário. Aproveite esta boa fase, para rentabilizar melhor os seus capitais.

Sentimental: Dificuldades de diversa ordem poderão caracterizar as relações sentimentais dos nativos do Leão. O diálogo e o compartilhar do dia-a-dia será uma grande ajuda para ambos. A influência de terceiros poderá constituir um fator desestabilizador que deverá ser encarado e resolvido, de imediato, com toda a frontalidade.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças: As suas finanças estão a atravessar um período complicado e será recomendável que descubra, dentro de si, as forças que muita falta lhe irão fazer; no entanto, a partir de quinta-feira, a tendência é para a situação melhorar e o seu equilíbrio emocional, no referente a este aspecto, estabilizar devolvendo-lhe alguma paz.

Sentimental: O seu envolvimento sentimental será caracterizado por uma grande necessidade de partilha. Os anseios mais íntimos deverão ser divididos pelo casal e o resultado será uma relação mais fortalecida. Aproveite este momento para consolidar os pontos que considera mais fragilizados.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças: Este aspecto não se pode caracterizar positivo; algumas dificuldades tornarão este período muito complicado, para os nativos do signo do Aquário. As despesas supérfluas deverão ser evitadas, aguarde com serenidade por dias melhores. Um compromisso antigo poderá, durante este período, destabilizar, um pouco, as suas convicções.

Sentimental: Cuidado com este aspecto que apresenta uma semana um pouco turbulenta, em que manifestações de falta de confiança poderão ser uma constante. Tente ser contemporizador e evite as discussões que poderão ter más consequências.



gémeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças: Os seus dinheiros atravessam um período de grande dificuldade. Deverá fazer frente a este aspeto recorrendo à sua força interior, que é muita e o poderá ajudar a ultrapassar este período. Não se esqueça que a sua imaginação é fértil e tem conseguido, noutras alturas, dar a volta por cima.

Sentimental: Considerando que ambientes repetidos são, para si, fastidiosos e muitas vezes o lançam para reações que nem sempre são as mais aconselháveis, conviva com o seu par, abra o seu coração, divida com ele a sua vida e saiba manifestar, com a devida cautela, os seus desejos mais íntimos.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças: Seja cuidadoso com todas as questões que passem por dinheiro. Esta não será uma fase favorecida, seja prudente nas suas despesas pessoais. Para o fim da semana, a situação deverá melhorar um pouco. No seu lado mais negativo, poderá verificar-se perdas acentuadas.

Sentimental: Será neste aspeto que os nativos da Virgem poderão equilibrar a balança. Um relacionamento tendo como base o diálogo e a aproximação física contribuirá, de uma forma muito positiva, para que este período se torne mais suportável e até agradável. No aspecto mais negativo, deverá estar atento a intrigas originadas por terceiros.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças: Algumas dificuldades serão uma realidade, nesta semana. Despesas inesperadas poderão acontecer, durante este período. Tente selecionar as prioridades; bem entendido que as despesas com compras desnecessárias não deverão constar no seu roteiro, para este período.

Sentimental: Os nativos do Sagitário deverão fazer uma boa gestão da sua relação sentimental. O seu par é a sua companhia dos bons e maus momentos, abra o seu coração, exponha as suas dificuldades e tudo se tornará mais fácil, para si. Uma relação vivida a dois torna tudo mais simples e leve de suportar.



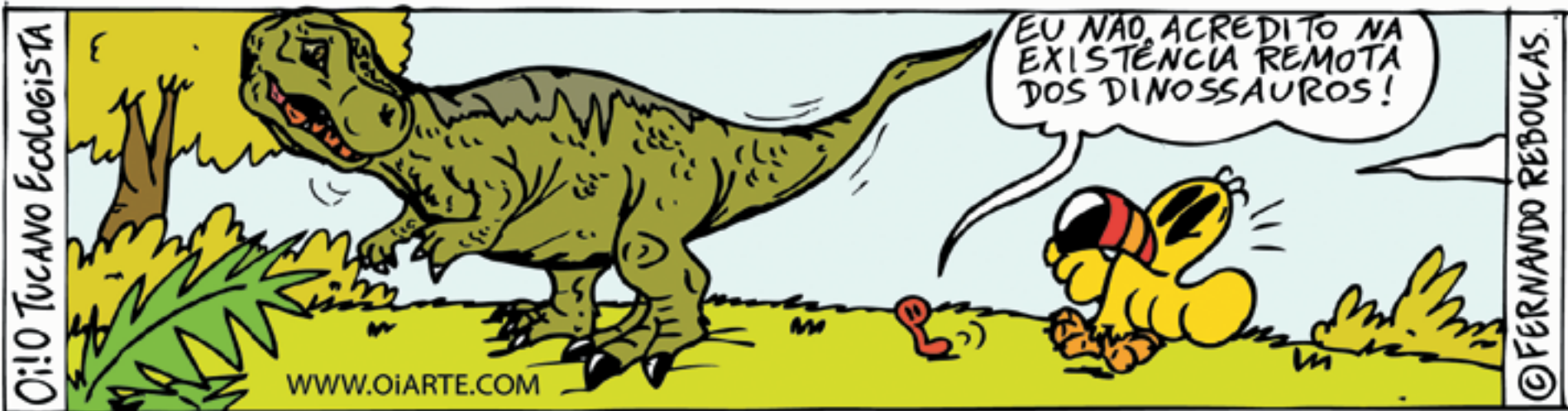
peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças: As questões que envolvam dinheiro encontram-se numa fase que recomendam algum cuidado; evite as despesas desnecessárias. Poderá ser confrontado com um compromisso antigo que lhe poderá criar alguns problemas.

Sentimental: Dê um pouco mais de atenção ao seu par; não se esqueça que um entendimento saudável passa pelo casal compartilhar os problemas do dia-a-dia e não optar pelo fechar-se, deixando o seu parceiro ansioso pelo desconhecimento do que se poderá estar a passar. Para os que não têm par este período poderão iniciar um novo relacionamento.

Cartoon



Selo d'@Verdade

BALANÇO DE GOVERNAÇÃO DO PRESIDENTE ARMANDO GUEBUZA (1)

“Um dos mais poderosos remédios de que um príncipe pode dispor contra as conspirações é não ser odiado pela maioria [...]”.

(Nicolau Maquiavel, in “O Príncipe”)

Generalidades

Armando Emílio Guebuza foi empossado Presidente da República de Moçambique no dia 2 de Fevereiro de 2005, na Praça da Independência, cidade de Maputo, pelo então Presidente do Conselho Constitucional, Doutor Rui Baltazar, sucedendo a Joaquim Alberto Chissano que governou o país durante 18 anos. É o terceiro Presidente de Moçambique e o segundo democraticamente eleito.

Na sua tomada de posse, Guebuza elegeu como sua missão o combate contra a pobreza e destacou a corrupção como um mal que corrói as instituições do Estado e promove a não confiança do cidadão nestas. Afirmou que não era tempo de andar, mas sim “de acelerar o passo”, rumo à vitória contra a pobreza que, entretanto, aumentou nos últimos anos.

Nesta série, pretende-se analisar a sua governação de forma fria e, tanto quanto possível, imparcial. O título foi “emprestado” do propalado e contestado programa televisivo que tem levado muitas mentes “iluminadas” a desdobrarem-se em demonstrações de quão imaculada é a figura do Presidente, como se outros presidentes, talvez melhores do que ele, nunca tenham existido nesta “Pêrola do Índico” habitada pelo “maravilhoso Povo Moçambicano”.

Estilo de governação

Armando Guebuza privilegiou um estilo de governação inclusivo e participativo que, muito rapidamente, se transformou em estilo populista e despesista. O Presidente chegou ao cúmulo de usar seis helicópteros e uma avioneta de carga (dizem que transporta dezoito malas de roupa e outros pertences de Sua Excelência) para se deslocar da cidade de Maputo para Marracuene ou Boane, sabido que as nossas Forças Aéreas não possuem um único meio aéreo e que os meios usados acarretam avultadas somas de dinheiro que ele próprio não se cansa de dizer que o país ainda não tem. Em cada ponto do país por onde passou, entre distritos e postos administrativos, mandou construir tribunas com custos estimados em mais de meio milhão de meticais, sem impacto económico algum nas respectivas comunidades.

Lembro-me de que o ministro do Interior, Alberto Mondlane, assumiu certa vez que as precárias condições de trabalho da Polícia de Investigação Criminal reflectiam a realidade do país. É caso para perguntar: as sumptuosas presidências abertas que realidade reflectem?

A valorização dos Heróis Nacionais foi uma atitude de grande utilidade histórica, mas teve a desvantagem de ser demasiado onerosa e mais a favor das pessoas próximas do Presidente do que propriamente das famílias dos próprios heróis.

Sr. Director,

Em primeiro lugar saúdo Vossa Excia. por ter aceite publicar este artigo na página dedicada aos leitores. O assunto que trago vai de certeza merecer diferentes interpretações, mas o mesmo não deixa de ser relevante. Temos assistido nos últimos anos a uma grande tendência de realização de concertos de grande gabarito no nosso país, no geral, e na capital, cidade de Maputo, em particular.

O normal seria se esses concertos fossem realmente para alegrar o cidadão comum e que os mesmos combinassem com o seu bolso. A análise aqui feita incide em algum momento nos concertos que foram realizados na capital do país no mês de Setembro. Os mesmos estavam “furos acima” dos bolsos dos moçambicanos, chegando a custar mais que um salário mínimo, caso concreto o show do Djavan, cujo bilhete custara 4.000 meticais. Caso semelhante aconteceu com o show do Earl Kluh em que o valor inicial de ingresso estava a 2.000 meticais e para não falar do show do grupo U40 em que o bilhete normal custava 1.500 Meticais. São apenas exemplos que trago, mas já existiram e poderão existir tantos outros shows.

As presidências abertas foram um instrumento de popularização da figura do Presidente, cujo impacto económico deveria ser estudado e determinado. Acresce-se a isso as digressões da Primeira-Dama, que faz “presidências abertas paralelas”, arrastando consigo verdadeiras frotas automóveis, com construções de residências dos líderes comunitários de permeio para as famosas “noites à volta da fogueira”.

Outra medida populista do Presidente foi a instituição do actual “Fundo de Desenvolvimento Distrital”, vulgo “Sete milhões”, cujos critérios de atribuição, utilização e desembolso são até hoje questionáveis. Seria interessante que instituições académicas e de investigação trouxessem à tona os reais impactos económicos e sociais deste fundo nas comunidades porque a olho nu são difíceis de quantificar/qualificar. Este fundo reforçou a influência do Partido FRELIMO nas bases porque qualquer moçambicano que dele quisesse beneficiar tinha que render vassalagem às autoridades partidárias. Ademais, a maioria dos beneficiários é constituída por dirigentes do Partido ao nível da base, o que dificulta a cobrança (coerciva) por parte das autoridades governativas locais.

Guebuza mostrou-se desde logo avesso à crítica, tendo-se esquecido de que é da crítica que o país avança e se desenvolve; que é da crítica que surgem as reformas do Estado e se desenhavam novas estratégias de governação consentâneas com os desafios actuais. O Presidente esqueceu-se de que não seria possível os mais de 20 milhões de moçambicanos pensarem da mesma maneira e tratou de atribuir nomes aos seus críticos que não dignificam um Presidente que jurou servir a todos os moçambicanos, independentemente das suas convicções políticas ou ideológicas.

Ele desencorajou a liberdade de pensamento e procurou alienar as mentes dos moçambicanos, onde a imprensa independente não escapou. Até dentro do Partido FRELIMO surgiu a denominação “membros de coração” e “membros de cartão”, uma forma implícita de reconhecer que muitos moçambicanos se tornaram membros do Partido por medo de perseguições.

Outro ponto digno de realce foram as constantes descoordenações entre os membros do mesmo Executivo sobre os aspectos sensíveis da nação, onde sobre o mesmo assunto se ouviam várias versões. O caso mais recente é o da aquisição de navios para pesca e/ou para a defesa da costa moçambicana, onde os ministros da Planificação e Desenvolvimento, das Finanças e da Defesa defenderam posições completamente diferentes. A este juntam-se os casos de zona de servidão militar da base aérea de Nacala.

Nas suas comunicações na Assembleia da República sobre o estado da nação, Guebuza demonstrava muito nervosismo e cinismo, tendo chegado a afirmar “clara e inequivocamente” que o estado da nação era bom quando os factos provavam exactamente o contrário. Mais tarde decidiu amainar o discurso e o país passou a estar “no bom caminho rumo ao desenvolvimento”, mas em nenhum momento ouvimos o Presidente ou outro membro do seu Executivo a assumir erros, à excepção de Paulo Zucula no dia da sua saída (sem glória) do Ministério dos Transportes e Comunicações.

Os Shows para as elites

Um aspecto comum nestes shows é que os artistas são de gabarito internacional, o que não deixa de ser relevante para a definição do preço, bem como o tipo de música por eles cantada. Esses são aspectos a ter em conta, mas há outros elementos que devem entrar nesta análise, tendo em conta que os mesmos são feitos numa sociedade em que os cidadãos se debatem com dificuldades financeiras muito sérias. Os mesmos vivem com uma renda diária muito baixa e vêem-se numa situação de ofensa quando se realizam concertos com este tipo de preço. No final do dia esses artistas carregam avultadas somas de dinheiro e os artistas nacionais permanecem na “rocha”. Quem organiza esse tipo de concertos pensa mais no lucro do que noutra coisa, o que não é mau, mas não pode colocar-nos numa situação em que passa a ser um “luxo” ir a um show em Maputo.

A indústria da música é certamente muito complexa, e esta análise não vai abranger todos os pontos da mesma, mas a questão do preço é um dos elementos mais relevantes quando estamos a falar de música. Há quem diga que a voz e o talento de um artista não têm preço, mas digo também que o bolso dos moçambicanos tem um ta-

Fortalecimento do Estado

Neste capítulo, Guebuza teve o mérito de ter erguido várias infra-estruturas que contribuíram para a moralização das instituições, podendo destacar-se: os edifícios da Procuradoria Geral da República, dos Ministérios do Trabalho, da Juventude e Desportos, da Função Pública, do Turismo, entre outros. Nas províncias e distritos foram erguidas infra-estruturas para o funcionamento das secretarias provinciais e distritais, direcções provinciais, palácios de Justiça, residências oficiais dos administradores e de outros dirigentes. Nos últimos anos, temos visto as instituições, sobretudo os governos distritais, a desfilar frotas de viaturas topo de gama, tudo isso visando dar suporte à governação e governabilidade do país. Vários outros desafios ainda se colocam, mas neste aspecto Guebuza teve mérito, porque criou alicerces para a condignidade da Administração Pública.

Guebuza criou, igualmente, instituições novas, com destaque para o Ministério da Função Pública e a Autoridade Tributária. A última foi uma decisão acertadíssima, enquanto a primeira deixa muito a desejar. A Autoridade Tributária é uma das instituições mais eficientes que o país já teve, com um sistema de gestão que inspira a qualquer um e cujos resultados se reflectem na crescente capacidade do Estado de gerar receitas e reduzir o défice orçamental.

O mesmo não se pode dizer do Ministério da Função Pública que não consegue gerir menos de meio milhão de servidores públicos, que ainda se debatem com o crónico problema de falta de promoções e progressões, sem contar que não conseguiu uniformizar a política salarial dentro do Aparelho do Estado, o que cria descontentamento intersectorial e constantes fugas de quadros. Este Ministério não conseguiu sindicalizar a Função Pública e não faz uso do Artigo 22 do Estatuto Geral dos Funcionários e Agentes do Estado, que prevê a mobilidade de quadros, o que a acontecer poderia resolver o problema de falta de enquadramento dos funcionários que frequentam cursos “fora da vocação das suas respectivas instituições”, enquanto outras instituições enfrentam problemas de falta de quadros qualificados. O recenseamento e cadastramento dos funcionários públicos, bem como o pagamento de salários via “e-folha” são algumas das poucas acções visíveis deste ministério que, quanto a mim, deveria ser extinto.

Nos seus primeiros anos de mandato, Guebuza foi recordista de normas que posteriormente foram declaradas inconstitucionais, mas cedo corrigiu esse problema, tendo passado a promulgar e mandar publicar leis de grande utilidade pública, sobretudo no domínio do funcionamento das instituições do Estado.

No dia da tomada de posse, o Presidente Guebuza declarou como espírito de deixa-andar o “sub-aproveitamento dos quadros disponíveis na instituição”, mas o que se viu ao longo de todos estes anos foi exactamente isso. Muitos funcionários foram desencorajados, de diversas formas, de darem o melhor de si, ou por não pertencerem ao partido no poder, ou por terem um pensamento diferente dos dirigentes e do regime. Existem vários exemplos de quadros que não passam de simples leitores de jornais nas suas instituições.

Mahadulane

manho, que não é compatível com estas situações.

Alguns podem dizer “quem não gosta não assista”, mas eu digo: muitos de nós gostamos, mas não temos esse dinheiro. É caso para dizer que nada têm a ver com a música em si, mas sim com o preço aplicado e no final do dia isto faz com que continuemos a comprar CD's e DVD's piratas, a escutar músicas baixadas da Internet porque esses preços são um absurdo.

Para terminar, mesmo sabendo que o fim último é o lucro gostava de lançar o meu apelo aos promotores destes concertos para que os façam tendo em conta que estão a fazê-los numa sociedade que é constituída maioritariamente por pessoas sem muitas posses. Apelo também às autoridades, neste caso ao Ministério da Cultura, no sentido de regular os preços.

A música é vida, é liberdade e não deve ser um privilégio apenas das elites.

Mais não disse!

Décio Tsandzana

Cidadania



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade



Neste sábado recordamos a morte do primeiro Presidente de Moçambique independente, Samora Moisés Machel. O estadista que decretou a independência perdeu a vida no dia 19 de Outubro de 1986, vítima de acidente de aviação, ocorrido em Mbuzini (um território sul-africano, próximo à fronteira com Moçambique). Contava na altura 53 anos e 20 dias. Samora regressava de uma reunião internacional que decorreu em Lusaka, capital da Zâmbia, quando o Tupolev 134 de fabrico soviético no qual seguia se despenhou, vitimando também os membros da delegação que o acompanhava e a tripulação. Deste acidente apenas quatro pessoas sobreviveram. No princípio, o acidente foi atribuído a um erro humano, neste caso do piloto – de nacionalidade russa – mas, após investigações, foi provado que ele – o piloto – tinha seguido instruções fornecidas por um radiofarol, de origem desconhecida, o que levou a especulações sobre um possível envolvimento do regime do Apartheid que na altura governava a África do Sul. Porém, este (suposto) envolvimento nunca foi provado.

Embora se tenham levantado várias hipóteses em relação às causas do acidente e aos envolvidos, desconhecem-se, até hoje, os resultados das várias investigações que foram feitas como forma de dar um desfecho a este caso.

Uma delas aventa a possibilidade do envolvimento de membros do Governo e da Frelimo que não concordavam com o modelo económico que o Governo seguia (o Socialismo), pois o mesmo não os beneficiava, contrariamente ao actual.

<http://www.verdade.co.mz/tema-de-fundo/35/22813>



Rody Chizenga Samora sim. Me identifico com ele pois de tanto amar e servir a Pátria morreu pobre. E não era empresário nem tinha comissões ou acções em (tudo o que é) empresas. Samora sim. Viva Samora!!!!10 · 19/10 às 7:56



Enes Fabiao Saudades de papa Samora Machel. Acho k se estivesse vivo acabaria com os infiltrados k xtam no aparelho do Estado. Esses, sao ambiciosos k vendem a nossa patria amada. Paz a sua alma · 19/10 às 8:55



Mussagy Roberto Momade Vejam so na foto o sorriso que entra nas veias de qualquer crianca! Opah palavras nao bastam para descrever o pai Samora, por enquanto chamarei lhe de UNICO. · 19/10 às 13:11



Sisqo Passe Agora digo Dlakhama o pai e fundador da Democracia. Avante Dlakas, faça k nem Samora, libert o Povo da Xcravidao... · 19/10 às 10:10



Mussa Langa Pai, estamos cm saudades de ti, tamos cm saudade d seu carinho, da sua proteção, da sua educação, daa tuas palavras, do seu grito, d seu dedo no ar, da sua governação etc... Porque esse padrao que o senhor nos deixou está maltratar-nos. Socooooorro!!! · 19/10 às 13:46



Sarmento Abel Sande Que pena! Os grandes/bons homens duram pouco tempo aqui na terra, enquanto os maus governam e duram uma eternidade. · 19/10 às 11:06



Salomão Nhandumbo Se ele estivesse vivo voces teriam feito o que os libios(ingratos) fizeram a M Khadafi. · 19/10 às 9:49



Kez Manone o bom homem quando vai não diz adeus · 19/10 às 7:59



Mahomed Gafar por mais distantes que estejam, os herois vivem dentro dos seu admiradores! · 19/10 às 13:35



Ricardo Ferreira Este artigo é muito interessante e levanta várias dúvidas sobre o dito atentado que vitimizou o presidente. · 19/10 às 7:43



Fernando Jorge Mondlane Deus poupou te pai(SAMORA) de ver estas tribulações que vivemos hoje aqui na terra dos prevaricadores que nos sufocam as almas sem um pinga de piedade! a única esperança que nos resta, é buscar nas tuas palavras um pouco de refúgio até que volte à terra o nosso Cristo Redentor. descanse em paz papá de todos moçambicanos!! · 20/10 às 0:08



Mussa Langa Só de mecionar o nome (Samora), dá aquela vontade de viver os tempos d pai Samora. Aquele é que foi e é héroi d verdade.1 · 19/10 às 13:37



Delmar Gonçalves II SAMORA MACHEL era HONESTO e ÍNTEGRO!!!Essas palavras foram apagadas do VOCABULÁRIO MOÇAMBICANO! Paz à sua alma! · 19/10 às 13:21



Manuel José Panducane Glória glória glória para o nosso querido pai k pacificou moz gerando PAZ! · 19/10 às 12:58



Irene Francisco Muculo Os bons sao os primeiros a partirem para o alem , ficam os ditos* vaso ruim* nao quebram. · 19/10 às 12:14



Amelia Antonio Joao Crianças flores qui nunca murcha flores qui nunca murcha flores qui nunca murchammmmm, abaixas os mal feitos abaixam, infelizmente os seres humano so valoriza quando perde!!! Meu Pai Meu Heroi Papa Samora · 19/10 às 11:24



Dmytro Yatsyuk que nacionalidade russa em 1986? que atrazadisasse mental! nacionalidade dos pilotos era soviética, dado que eram cidadãos da URSS, é tão difícil perceber estas coisas? francamente...19/10 às 9:21



Luis Victor Mutemba Samora Pai do povo, morto pelas suas maravilhas na politica. Samora morto e mentor da morte solto e tornando se rico e ganhando dinheiro centdo como se nada tivesse acontecido. O julgamento dos que mataram o lider virao um dia. O povo procura explicacoes. 19/10 às 9:09



Suneida Gafur Meu heroi...para sempre viveras no meu .Viva Samora Machel. 19/10 às 8:52



Anselmo Selege Simplesmente deixar cair as lagrimas por ter perdido um grande homem (Samora). · 19/10 às 8:31



Dercio Garreto Bule Esse sim era Presidente do povo!1 · 19/10 às 7:55



Bold Rapper exe homem sim da orgulho ao povo mocambicano...saudoso SAMORA1 ·



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

19/10 às 10:21 ·

Um professor de leccionava a disciplina de Agro-pecuária, cujo nome omitimos a seu pedido, foi expulso da Escola Secundária de Mecuburi por ter se divorciado da irmã do director daquele estabelecimento de ensino, Feliciano Pedro.

<http://www.verdade.co.mz/newsflash/4100112>



Luis Victor Mutemba Essa historia esta mal contada, se calhar haviaio feito um acordo.

So isso so, ele esta esconder algo para alem de tudo que aconteceu. · 19/10 às 11:48



Isaias Mavota Coisas daqui para qui... · 19/10 às 10:41 através de telemóvel



Fardinho Drealind Mafuiane Esse Dr. ã tem razão. 20/10 às 6:48



Carlitos Manuel Qual e'? A escola e' propriedade do Exmo Senhor Director? Assim o tipo esta' a espera dum outro cunhado para ceder a vaga deixada pelo desgracado que usou e deixou a sua maninha... kkkk so' mesmo aqui no meu pais... 20/10 às 1:43

19/10 às 7:51



Grande Chefe esse olha para as crianças e só vê dinheiro á frente, quantos é que matou e quantos vendeu , quantas pessoas foram tchamboqueadas, quantos homens pais de família foram tchamboqueados e a ver a fazer coisas tristes às suas mulheres e as mulheres a serem... · 19/10 às 8:52



Alberto Filipe Machava samora sim esse dignificou o nosso governo, tinha a virtude d um bom governador k é o amor a patria e a sabedoria. o k pod se comprovar com o trabalho por ele desempenhado em favor d povo. k Deus o tenha e k esteja em coracoes d todos os moçambicanos. Ontem às 3:23



Victorino Candieiro A historia do Samora é mwito ampla,ela nao dv so ser escrita no livro tamb escrita na memoria de cada Mozambicano. E pra os mamparas Qando ék entrará a hstr dels no livro?20/10 às 2:48



Helder Brigido E verdade k viver a esta altura e como um filho k vive com a madrastra e mama morreu no dia 19 de outubro d 1985 e a madrastra teima em sobreviver ate hoje... 20/10 às 1:52



Armando Timane oh samora. O unico homem k honrou o seu pais durant anos e serviu lhe muito bem. Oh noxo pai samora vc faz muit falta nexxe pai..19/10 às 22:46



João Paulino Machaieie Ainda precisamos da memoria do nosso papa Samora 19/10 às 21:48



Kakkad Prashant Kishorbhai Samora machel era honesto 19/10 às 16:53



Hermenegildo Elias Cambula So elugiam dpoi de morrerem. Pork nao elogiam guebuza e dlakama hoje? Xperam k eles morram para dizer k erra bom.19/10 às 10:00



Marshall Trindade Eu nao duvido que Guebuza teria coragem de fazer isso! Ele e a sua equipa! Mas eu sei que a verdade vira a tona! 19/10 às 9:24



Ricardo Manuel O governo do apartheid com informações de seus colaboradores, encetaram o famigerado plano p assassinar o Samora, basta de se enganar a opinião publica, queremos saber ao certo quem matou Samora. O que fazia aquele aquartelamento na zona onde despenhou o avião? Porque o único sobrevivente conhecido anda marginalizado?19/10 às 9:08



Gildock Losers "ele ta sempre certo porque o Erro é humano" mas pra mim isso nao foi um erro humano0...matar o marechalby azagaia-abc do preconceito Porque o rapper azAGAIA disse que mataram o samora machel quando ele vinha a caminho da afric d sul(MBOzi) É VERDADE OU nao é? Am? Eu creio que é verdad....(governo fALso...ah cm-primets pra Ele) 19/10 às 8:20



Mig Saranga Ele ainda continua vivo na mente de cada Moçambicano atraveis dos seus ideais!19/10 às 7:58



Raúl Salomão Jamisse Depende, se calhar esteve lá acobertado pelo mesmo director que já não o pode fazer, assim como pode ter havido coincidência ele a cometer e ao mesmo tempo a não se dar bem no casamento...há normas claras no funcionalismo público por isso a ser verdade temos o tribunal administrativo para averiguar e por ora pode fazer uma exposição ao Governador da Província 19/10 às 11:13



Ariel Sonto Só um xiconhoca mesmo seria capaz de fazer isso. Bananalândia tem cada uma! · 19/10 às 11:00



Carmen Rostalina Machaieie Mas ixo è abxurdo,u k uma koixa tem haver cm outra...ker dzer a trabalho dele era garantia pa fikar cm a senhra, hehehe vai dar bum! 19/10 às 10:58



Tipo Original Nenhum Director tem competências de expulsar um funcionário do AE sem o despacho distrital ou provincial. Há problemas... · 19/10 às 10:33



Valett Jame's VJ assunto familiar nao entra no trabalho. O director é maluco.19/10 às 10:23



Alberto Filipe Machava é uma lastima usar o poder pra questoes pessoais. isso é o k chamamos d abuso d poder. Ontem às 3:11



Buana Momade uk tem nada a ver cm o trabalho dele. mozambik a cntexe cada coisa 20/10 às 13:12